

**UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI
VANESSA PINHEIRO DANTAS**

**VILA MADALENA: IMAGENS E REPRESENTAÇÕES
DE UM BAIRRO PAULISTANO**

**São Paulo
2008**

VANESSA PINHEIRO DANTAS

**VILA MADALENA: IMAGENS E REPRESENTAÇÕES
DE UM BAIRRO PAULISTANO**

Dissertação de Mestrado apresentada à Banca Examinadora, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre do Programa de Mestrado em Hospitalidade, área de concentração Planejamento e Gestão Estratégica em Hospitalidade e linha de pesquisa Dimensões Conceituais e Epistemológicas da Hospitalidade e do Turismo, da Universidade Anhembi Morumbi, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Maria do Rosário Rolfsen Salles.

**São Paulo
2008**

VANESSA PINHEIRO DANTAS

**VILA MADALENA: IMAGENS E REPRESENTAÇÕES
DE UM BAIRRO PAULISTANO**

Dissertação de Mestrado apresentada à Banca Examinadora, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre do Programa de Mestrado em Hospitalidade, área de concentração Planejamento e Gestão Estratégica em Hospitalidade e linha de pesquisa Dimensões Conceituais e Epistemológicas da Hospitalidade e do Turismo, da Universidade Anhembi Morumbi, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Maria do Rosário Rolfsen Salles.

Aprovado em:

Prof^a Dra. Maria do Rosário Rolfsen Salles

Prof^a Dra. Sênia Bastos

Prof. Dr. Luiz Octávio de Lima Camargo

DEDICATÓRIA

*Dedico este trabalho a minha pequenina sobrinha Lívia,
e às minhas afilhadas já nem tão pequeninas assim, Luna e Ana Clara.
Com todo o meu amor.*

AGRADECIMENTOS

Como o de todos que trilham este caminho, o meu foi repleto de descobertas, de dúvidas, de culpabilidades, mas acima de tudo, de prazer.

São muitas as pessoas que eu gostaria de agradecer, espero não esquecer nenhum nome.

À minha orientadora Maria do Rosário Rolfsen Salles, acima de tudo, pela infinita generosidade. Pelas leituras, livros emprestados, disponibilidade de sempre, reflexões, bate-papos e caronas. Pela leitura e crítica que fez a este trabalho a quem não poupei até o último instante. Pela confiança. E pelo aprendizado. Por ajudar a construir parte daquilo que sou hoje. Sem dúvida, um grande encontro. E aqui, meu maior presente.

Aos meus alunos, sem os quais este trabalho não teria razão de ser. E ao meu ex-professor e amigo Vinícius Ricardo Cavallari que me despertou para a docência.

Às minhas orientandas, a quem solicitei uma trégua para que pudesse terminar este trabalho. Em especial à Caroline Asami pela prontidão em sempre querer ajudar e aceitar o desafio de fazer o seu próprio Trabalho de Conclusão de Curso, também sobre a Vila Madalena, como forma de dar continuidade a esta pesquisa.

Aos meus queridos amigos Simone Scorsato, Jaqueline Gomes, Vera Lúcia da Rocha, Julio Haddad, Maria Margarida Lameirinhas, Luiz Carvalho, Franco de Mattos, Alessandro Rodrigues Pinto, Karin Decker, e Eustáquio de Sene, pelas infindáveis conversas sobre minha pesquisa. E pela calorosa torcida.

À Simone Sansiviero e André Robic pela força inicial, ainda no projeto para ingresso no mestrado. Ao Luan Ventura pela inspiração para o primeiro projeto. E ao Adilson Araújo pelo incentivo de sempre.

À minha querida amiga Clarissa Gagliardi, meu melhor exemplo como estímulo à pesquisa.

Ao Claudio Gravina que muitas vezes, com apenas um comentário, me alimentou para novos rumos e percepções.

Ao Fernando Amaral por minhas exclamações, interrogações e reticências.

A mais nova, e para sempre, amiga Ana Paula Oliveira, que mesmo morando em outra cidade, não poupou interurbanos para ouvir os meus desabafos.

Aos moradores entrevistados João, Hector, Marco, José Luiz, Vitor e Josefina que dispuseram de seus dias ou noites de outono contribuindo para a realização desta pesquisa de forma muito agradável.

Aos colegas do mestrado, em especial à Bruna Mendes que fez a revisão de parte desta pesquisa, e ao Gilberto Back pela elaboração dos mapas.

À Gabriela Caprioglio Abbud e Maria José Perbelini por presentear-me com a impressão final deste trabalho.

Aos professores do mestrado, em especial à professora Sênia Bastos pelas contribuições não somente na elaboração do instrumento de pesquisa, mas no exame de qualificação juntamente com a professora Marielys Siqueira Bueno que fez de suas aulas, nas manhãs das sextas-feiras, dias mais felizes.

À professora Célia Dias que me despertou tempestivamente para a mudança do meu tema de pesquisa. E que me fez perceber que a Vila Madalena me provocava brilho nos olhos.

Ao professor Luiz Octavio de Lima Camargo por sua inigualável erudição e versatilidade intelectual. Seus conselhos são sempre mais do que bem-vindos.

Ao amigo Fernando Camargo que me presenteou com um dos livros sobre a Vila Madalena, amplamente utilizado nesta pesquisa, muitos anos antes dela sequer fazer parte dos meus planos.

Ao Michael Arias pelo abstract.

À minha prima Luciana, aos meus irmãos, à Universidade Anhembi Morumbi e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, cujo apoio material foi fator decisivo.

À tia Sileda pela disposição em ajudar com as fotos. À Alice pela paciência e zelo de sempre.

Às primas Aline, Annic e novamente à Luciana pela amizade, companheirismo e compreensão.

À Vanda. Uma imensa e calada saudade.

À memória de meu pai, que encontro nas lembranças e nos sonhos. Que já não me faz mais falta, que me faz presença.

E o mais especial à minha mãe, exemplo de luta e docilidade. E aos meus irmãos por todo amor, união e afeto.

Com essas pessoas, meus momentos de trabalho foram ricos e cheios de esperança. Com eles compartilho muito do que aqui está.



Fonte: Caco Galhardo (2006)
<http://www.blogdogalhardo.zip.net>

RESUMO

Esta pesquisa, de caráter qualitativo, objetivou identificar a história de um Bairro da Zona Oeste de São Paulo, a Vila Madalena, por meio das representações e memórias de moradores selecionados entre aqueles que residem no Bairro há pelo menos 20 anos. Como objetivo geral, buscou-se as marcas produzidas pelas transformações, quer sejam espaciais, sociais, econômicas entre outras, e o seu reflexo nas edificações e nos habitantes. Dessa forma, foram produzidas fontes orais, baseadas nos depoimentos desses moradores residentes, com idade mínima de 50 anos, a fim de compor o quadro de transformações e a imagem produzida da Vila Madalena. O referencial teórico-metodológico cujas bases conceituais se apoiaram nos autores que estudam a cidade, permitiu o desenvolvimento dos instrumentos de pesquisa que encontraram na entrevista semi-estruturada um caminho apropriado para alcançar os objetivos propostos. A obra de Lynch (1982) foi amplamente utilizada não somente enquanto referencial teórico, mas como balizamento no uso do método a fim de compor a imagem da Vila Madalena por um exercício de “imaginabilidade” da forma urbana realizada com cada morador entrevistado. Como recurso metodológico, utilizou-se mapas de localização da Vila, que foram apresentados aos informantes, para a apreensão das representações e imagens do espaço construídas pelos próprios moradores. Os resultados demonstram que há uma clara imagem da Vila constituída ao longo do tempo, pelo senso comum com o auxílio da mídia quanto ao seu caráter “alternativo” e “de esquerda”, mas que não corresponde exatamente aos impactos do processo de verticalização acelerada e elitização que provocou a mudança do perfil do morador, e que é de alguma forma diferente da visão dos depoentes quanto à sociabilidade do bairro. A verticalização e a alteração do perfil de um bairro residencial para comercial possivelmente é uma das justificativas para o decréscimo populacional verificado, embora se conserve a função residencial do bairro, o que é claramente percebido com saudosismo pelos moradores mais antigos, que viram o bairro se transformar em bairro de “passagem” e de ligação durante o dia, entre os principais bairros da Zona Oeste e também pelo tipo de comércio existente como os ateliês de arte e lojas de grife. À noite há uma clara mudança no perfil dos frequentadores em virtude principalmente dos bares e da intensa vida noturna, o que é percebido com reservas pelos moradores mais antigos, que não compartilham exatamente com a imagem da mídia sobre o “glamour” da Vila, o “Village” paulistano.

Palavras-Chave: Imagem. Representações. Sociabilidade. Bairro. Vila Madalena.

ABSTRACT

The objective of this study, qualitative in nature, was to identify the history of a neighborhood located in the West Zone of São Paulo - Vila Madalena, with the representations and memories of selective residents whom, have resided in the neighborhood for at least twenty years. Thus, the principal objective was to identify the marks produced by the transformations of whatever the social and economic spaces are comprised, among others; are reflected in the edifications and inhabitants. In this form, were produced orally, based on statements from selective residents with minimum age of fifty. In the end, to compose a scenario of transformations and the image that Vila Magdalena projects. Theoretical - methodological references as a conceptual basis, support the authors that study a city, have permitted the development of research instruments that are found in a semi-structured interview, which is an appropriate path to achieve the proposed objectives. The work of Lynch (1982) was widely utilized not only as a theoretical reference, but as a source for the method utilized - in the end, to compose an image of Vila Madalena by an exercise of "image ability", gives form to the urban scenario with each resident interviewed. As methodological resource was used maps to localize the Vila, were presented to informants for the apprehension of representations and images of space constructed by the residents themselves. The results demonstrated that there is a clear image of Vila Madalena constituted by common sense fulfilled by the media for its "alternative" as much as its "left wing" characteristics, but do not correspond exactly to the impact of the accelerated verticalization process and elite status that provoked the profile change of a resident, and that in some different way, give the view of the witnesses as much as the social ability of the neighborhood. Verticalization is the alteration of the profile of a residential neighborhood to a commercial area, is possibly one of the justifications for the verified decline of a population. Even so, the residential function of a neighborhood is preserved and it can be clearly perceived as nostalgic by the eldest residents who have seen the transformation of the neighborhood, to a passage or frequently traveled connection during the day among the principal neighborhoods in the west zone, as well as for the type of commerce existent such as: art studios, and popular boutiques. At night, there is a clear change in the profile of frequenters principally due to the bars and the intense nightlife that are perceived with reservation by the eldest residents who have not exactly shared the same imagine of the media regarding the "glamour" of the Vila, or the paulistano "Village".

Key-Words: Image. Representations. Sociability. Neighborhood. Vila Madalena.

LISTA DE FOTOS

Foto 1	Favela Djalma Coelho -----	31
Foto 2	Desapropriação da Favela Djalma Coelho-----	31
Foto 3	Paróquia Santa Maria Madalena e São Miguel Arcanjo-----	39
Foto 4	Fachada da Escola Municipal-----	40
Foto 5	Placa com o nome do Patrono-----	40
Foto 6	Vista aérea do Conjunto Residencial Natingui -----	42
Foto 7	Vista dos prédios do Conjunto Residencial Natingui – BNH-----	43
Foto 8	Córrego das Corujas-----	43
Foto 9	Continuação do Córrego das Corujas-----	43
Foto 10	Rua ao lado do Córrego das Corujas -----	44
Foto 11	Galinhas na calçada -----	44
Foto 12	Casa em processo inicial de demolição na Rua Fidalga-----	44
Foto 13	Casa em processo avançado de demolição -----	44
Foto 14	Casa demolida na Rua Fidalga -----	45
Foto 15	Terreno em posse de construtora -----	45
Foto 16	Carro alegórico da Escola de Samba Pérola Negra -----	47
Foto 17	Pérola Negra em matéria de capa do Jornal -----	47
Foto 18	Praça da Rua Jericó -----	49
Foto 19	Árvore Pau Brasil -----	49
Foto 20	Placas nas árvores com os nomes das espécies -----	49
Foto 21	Placa do Projeto Vila Viva -----	49
Foto 22	Feira da Vila Madalena -----	51
Foto 23	Feira da Vila Madalena: rua das crianças -----	51
Foto 24	Carros fechando o cruzamento -----	52

Foto 25	Trânsito na Vila Madalena -----	52
Foto 26	Fachada da antiga padaria MC -----	54
Foto 27	Fachada da nova padaria Villa Grano-----	54
Foto 28	Padaria Letícia -----	54
Foto 29	Hortifruti Pomar da Vila -----	54
Foto 30	Bar Zeppelin -----	55
Foto 31	Bar Sujinho -----	55
Foto 32	Mercearia São Pedro -----	57
Foto 33	Bar Empanadas -----	57
Foto 34	Bar Empanadas -----	57
Foto 35	Verticalização de alto padrão na Vila Madalena -----	63
Foto 36	Autoconstrução na Vila Madalena -----	64
Foto 37	Casa com cartaz "vende-se tudo usado" -----	64
Foto 38	Condomínio de casas "Vila Fidalga"-----	64
Foto 39	Casas geminadas -----	67
Foto 40	Pichadores (ou grafiteiros?) -----	67

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Caracterização da subprefeitura de Pinheiros-----	24
Quadro 2	Caracterização dos Anéis: distritos-----	28
Quadro 3	Etapas da Pesquisa-----	81
Quadro 4	Instrumento de Pesquisa: divisões e propósitos-----	85
Quadro 5	Perfil dos Entrevistados-----	90

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Bens de Consumo Duráveis -----	29
Tabela 2	Renda Média do Chefe de Família -----	30
Tabela 3	Dados Demográficos -----	35
Tabela 4	Distrito Eleitoral Vila Madalena -----	59
Tabela 5	Eleições para Governador do Estado /1982 -----	60
Tabela 6	Eleições para Prefeito de São Paulo /1985 -----	61
Tabela 7	Eleições para a Prefeitura da Cidade de São Paulo -----	62

LISTA DE MAPAS

Mapa 1	Centro Expandido – Cidade de São Paulo -----	25
Mapa 2	Exclusão/Inclusão Social – Anéis -----	27
Mapa 3	Distritos de Pinheiros e Alto de Pinheiros -----	34
Mapa 4	Delimitação da Vila Madalena segundo entrevistados-----	130
Mapa 5	Entrevistado 1 – João -----	132
Mapa 6	Entrevistado 2 – Hector -----	134
Mapa 7	Entrevistado 3 – Marco -----	136
Mapa 8	Entrevistado 4 – José Luiz -----	138
Mapa 9	Entrevistado 5 – Vitor -----	140
Mapa 10	Entrevistada 6 – Josefina -----	142

LISTA DE SIGLAS

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

C. C. V. M. – Centro Cultural Vila Madalena

CEPs - Código de Endereçamento Postais

CET - Companhia de Engenharia de Tráfego

CMTS – Companhia Municipal de Transportes Coletivos

CRUSP – Centro Residencial da Universidade de São Paulo

FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo

IB - Instituto de Biociências

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INPE - Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais

IDH - Índice de Desenvolvimento Humano

ONG's - Organizações Não Governamentais

PMSP - Prefeitura Municipal de São Paulo

PMDB - Partido do Movimento Democrático Brasileiro

PSDB - Partido da Social Democracia Brasileira

PSIU - Programa de Silêncio Urbano

PT - Partido dos Trabalhadores

PUC – Pontifícia Universidade Católica

SEADE - Sistema Estadual de Análise de Dados

TRE - Tribunal Regional Eleitoral

USP - Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
1 A VILA MADALENA: DO INÍCIO À ATUALIDADE	21
1.1 Caracterização Geográfica	23
1.2 Fragmentos Históricos	36
2 REFLEXÃO SOBRE UM TEMA DE PESQUISA: MEMÓRIA, IMAGENS E REPRESENTAÇÕES	71
2.1 O Uso do Método	79
3 O BAIRRO DA VILA MADALENA POR ELE MESMO: ANÁLISE DAS ENTREVISTAS	89
3.1 Apresentação dos Entrevistados	89
3.2 O Roteiro e as Entrevistas	96
4 A IMAGEM DA VILA MADALENA E SUAS REPRESENTAÇÕES	128
4.1 Resultados e Discussões	144
CONSIDERAÇÕES FINAIS	147
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	151
APÊNDICE	155
I – Roteiro da Entrevista	155
II – Mapa	157
ANEXO	158

INTRODUÇÃO

Dentro do contexto de desenvolvimento urbano que caracteriza a cidade de São Paulo, o Bairro da Vila Madalena localizado na zona oeste do município, constitui o objeto do presente estudo. Diante das inúmeras transformações ocorridas no referido Bairro desde a sua formação, e considerando a vivência pessoal da pesquisadora como moradora durante 27 anos, de 1975 a 2002, período que cobre as principais transformações, julgou-se oportuno focalizá-las para a investigação.

Tratando-se de um Mestrado em Hospitalidade, o Bairro constituiu objeto privilegiado de pesquisa sobre as relações dos moradores com o espaço, entendido como as edificações e as ruas, assim como as imagens e representações que compõem o universo do bairro construído na vivência dos moradores mais antigos. Embora não tenha sido o objetivo principal a discussão sobre a hospitalidade urbana, empreendida por diversos autores, entre os quais, Grinover (2007), o resultado desta pesquisa pretende contribuir para essa discussão, uma vez que entende-se que não há uma “cidade hospitaleira” em abstrato, mas nas relações dos moradores com o bairro e as ruas, tornando-se, portanto, o bairro, objeto central no entendimento da hospitalidade urbana possível na conjuntura mais ampla do desenvolvimento urbano.

O objetivo desta pesquisa é, portanto, identificar a história e a trajetória da Vila Madalena por meio das representações e memórias de moradores selecionados entre aqueles que residem no Bairro há pelo menos 20 anos, com idade mínima de 50 anos, a fim de compor o quadro de transformações e a imagem produzida da Vila Madalena. Para tanto, partiu-se da imagem construída pelo senso comum, de que a Vila Madalena é um Bairro cultural, boêmio, artístico, político (essencialmente de esquerda), alternativo, e intelectual. Nesse contexto, consistiu uma indagação à questão de como se forma a imagem da Vila e das suas transformações para os sujeitos que vivenciaram de perto essas transformações e continuam a residir no bairro. Para tanto, foram produzidas fontes orais, baseadas nos depoimentos desses moradores residentes.

Dentre os autores que estudam a cidade, destacam-se Bógus (2004) que forneceu dados significativos sobre a exclusão/inclusão social em São Paulo, assim como Frúgoli (2000) e seu estudo sobre as centralidades da cidade. A obra de Lynch

(1982) foi amplamente utilizada não somente enquanto referencial teórico, mas como balizamento no uso do método a fim de compor a imagem da Vila Madalena por um exercício de “imaginabilidade” da forma urbana realizada com cada morador entrevistado. Bauer (2002) e Magnani (1996 e 2002) também ajudaram na composição da escolha do método.

As informações relacionadas mais diretamente aos aspectos históricos do Bairro referem-se à bibliografia utilizada em toda a composição deste estudo e pretende dar um panorama da evolução da Vila Madalena para justificá-la enquanto um bairro *sui generis* dentro da expansão urbana para a zona oeste da cidade. Portanto, este trabalho não pretendeu se aprofundar na história da formação do Bairro da Vila Madalena desde os primórdios, mas identificar em sua trajetória as marcas produzidas pelas transformações, quer sejam espaciais, sociais, econômicas entre outras que, sobretudo, estejam presentes na memória dos moradores selecionados para a realização das entrevistas que compõem este estudo.

As obras de Squeff (2002) e Afonso (2002) foram de suma relevância e amplamente utilizadas para compor principalmente os fragmentos históricos da Vila Madalena elaborados e apresentados no capítulo 1. Enio Squeff é jornalista, pintor, crítico de música e artes plásticas. É gaúcho de Porto Alegre, radicado em São Paulo há mais de 35 anos. Escritor, conhecedor e ex-morador da Vila Madalena, mora hoje no bairro de Pinheiros. Sua obra é composta por diversos textos que contam as peculiaridades do Bairro. Décio Justo Afonso é paulistano e morador da Vila Madalena há mais de 65 anos. Seu livro apresenta a Vila Madalena de forma cronológica de 1900 a 2000, com seus principais acontecimentos e personagens.

A base teórica da reflexão propiciada neste trabalho foi constituída principalmente pelas obras de Halbwachs (2004) e Bosi (1994), estudiosos que trabalham memória, lembranças e imagens-lembranças. Lynch (1982) conforme citado aportou o uso dos mapas com os entrevistados e ofereceu suporte teórico para o estudo da imagem. O conceito de representação social decorreu das análises de Durkheim (1970) sobre as representações coletivas, fundando a idéia de que as representações são construídas pelos grupos e se caracterizam como imagens da realidade, expressões de vivências coletivas.

Esse conjunto de discussões propiciou a base para a construção da metodologia de trabalho, na apreensão das imagens e representações dos moradores sobre o Bairro.

De fato, entendemos o Bairro, como o lugar que confere pertencimento e dá ao cidadão a possibilidade de construir sua identidade. No caso da Vila Madalena, o bairro muda de cenário e de personagens à noite e aos fins de semana, em função dos bares e restaurantes e seus freqüentadores “de fora”, mantendo durante o dia e aos fins de semana, lugares de encontro e interação que preservam aspectos do bairro que os moradores descrevem nas suas falas.

Assim, o instrumento básico de coleta de dados foi a entrevista individual com os informantes selecionados por conveniência da pesquisadora e tendo como ponto de partida, conhecimentos prévios de alguns informantes que indicavam outros, e que consistiu na seleção final de seis pessoas inseridas nos critérios de idade e tempo de residência no bairro.

O capítulo 1 apresenta a trajetória da Vila Madalena, com sua caracterização geográfica e fragmentos históricos, apontando algumas das transformações ocorridas e detectadas por meio das bibliografias já citadas, fontes secundárias e visitas de campo; no capítulo 2 é apresentado o referencial teórico metodológico sobre as principais questões que dizem respeito ao tema que esta pesquisa desenvolveu, ou seja, utilizou-se de autores que trabalham memória, imagem e representações; no capítulo 3 estão os entrevistados com seus respectivos depoimentos; e por fim, no capítulo 4, trabalhou-se as imagens e representações dos moradores assim como um panorama geral das entrevistas realizadas.

*Qualquer dia desses vou descer as ruas
 Vou entrar nos bares
 Vou beber os mares
 Pra criar coragem e te procurar
 Vou pela Fradique cantando um bolero
 Feito um Valdick gentil e sincero
 Coração errante que só quer amar
 Desço a Purpurina onde a tarde brilha
 Sobre a minha sina sol e maravilha
 Com o peito em brasa
 Desejando brisa.
 Na rua Harmonia escrevo um poema
 O céu é um cinema
 Quando finda o dia*

*Sou bailarino gira mundo
 Poeta sem endereço
 Assustado e vivido
 Um menino encantado
 Que sonha viver pra sempre
 Na barra do seu vestido.*

*Sou bailarino gira mundo
 Poeta sem endereço
 Assustado e vivido
 Um menino encantado
 Que sonha viver pra sempre
 Na barra do seu vestido.*

Na Barra do Seu Vestido
 Música em homenagem às ruas da Vila Madalena
 (BALEIRO; GERALDO)

1 A VILA MADALENA: DO INÍCIO À ATUALIDADE

A escolha de um tema de pesquisa envolve uma série de fatores determinantes, entre os quais se encontram a formação do pesquisador, a relevância do tema e razões de ordem pessoal. Iniciando pelas últimas, foram de grande importância, os 27 anos vividos no Bairro como moradora, a partir de 1975. Durante um bom tempo, pelo menos até a primeira metade da década de 80, perguntados aos moradores sobre em que bairro moravam, respondiam Bairro de Pinheiros e não Vila Madalena. Não que fosse uma inverdade, afinal a Vila Madalena pertencia à Regional (hoje subprefeitura) de Pinheiros, entretanto, usava-se tal artifício como forma de encurtar o assunto, pois caso respondessem Vila Madalena, em seguida vinha a pergunta: Vila Maria? Vila Mariana? Esses bairros localizam-se respectivamente nas zonas norte e sul da cidade de São Paulo, e comumente são confundidos pelos mais desavisados, em função de possuírem nomes parecidos.

É fato também que, naquela época, residir em Pinheiros conferia um maior *status* ao morador, do que residir na Vila Madalena. Sobre esse assunto, assim se expressa Milton Santos:

Cada homem vale pelo lugar onde está: o seu valor como produtor, consumidor, cidadão, depende de sua localização no território. Seu valor vai mudando, incessantemente, para melhor, ou para pior, em função das diferenças de acessibilidade (tempo, frequência, preço), independentes de sua própria condição. Pessoas, com as mesmas virtualidades, a mesma formação, até mesmo o mesmo salário têm valor diferente segundo o lugar em que vivem: as oportunidades não são as mesmas. Por isso, a possibilidade de ser mais ou menos cidadão, depende, em larga proporção, do ponto do território onde se está (SANTOS, 1996, p.81).

A Vila Madalena, portanto, não era muito conhecida e, assim o uso de tal subterfúgio, ou seja, associá-la ao bairro de Pinheiros, era perfeitamente justificável para além de facilitar o entendimento alheio, ganhar maior reconhecimento, justamente em função do valor atribuído ao indivíduo devido ao seu lugar de moradia.

Em seu livro sobre a Vila Madalena, Squeff (2002) menciona algo semelhante: trata-se de um atendente que pergunta a um adolescente de nome Antonio Nogueira sobre seu local de moradia e o mesmo “antes que o atendente descubra que ele mora no humilhante subdistrito de Vila Madalena, do bairro de Pinheiros, encurta a resposta e diz que mora em Pinheiros mesmo”. Era uma época em que os jornais mal chegavam à Vila, e que lá na longínqua região em que predominavam as propriedades de 10 metros por 35, – típica de uma zona quase rural de São Paulo, – o arvoredo abundante não animava ninguém a alongar o seu olhar ou a sua curiosidade para além dos descampados que se avistavam da Rua Teodoro Sampaio (SQUEFF, 2002, p. 18).

Entretanto, a partir de meados da década de 80, principalmente, algo mudou nesse sentido. Não se fazia mais necessário associar a Vila ao Bairro de Pinheiros e ao se mencionar Vila Madalena as pessoas não mais a confundiam com outros bairros de nomes parecidos, mas a reconheciam como um bairro privilegiado para se morar. É certo, porém, que ficara ainda mais difícil encurtar o assunto, pois a Vila Madalena vinha logo associada com uma série de adjetivos construídos pelo senso comum, como um bairro charmoso, boêmio, artístico, intelectual, alternativo, político etc. E que, dependendo da curiosidade do interlocutor, poderia render muita conversa a partir daí.

Mas por que Vila? Antes de caracterizar geograficamente a Vila Madalena, propõe-se suscitar uma breve reflexão ao que se refere à palavra “vila” já que a mesma compõe o seu nome.

A palavra vila¹ foi criada pelos romanos. Trata-se de uma povoação de categoria inferior a uma cidade, mas superior a uma aldeia. Entretanto, quando os romanos se referiam à palavra vila, eles aludiam principalmente a uma casa de campo ou de recreação nos arrabaldes das cidades italianas. Na Vila Madalena, as casas de campo, embora raras, existiram de fato. E, se consideradas as chácaras, que eram também como os romanos entendiam as vilas, porém, constituídas não num conjunto de chácaras, ou de vilas, mas numa unidade, numa casa de campo, a Vila Madalena não seria única, mas várias “vilas” (SQUEFF, 2002, p. 59-60). O fato é que os moradores da Vila do início do século passado subsistiam à base do que

¹ De acordo com o dicionário da Língua Portuguesa Houaiss.

plantavam em seus quintais. Em suas chácaras criavam porcos, plantavam hortaliças, erva-mate entre outros.

A cidade de São Paulo já era uma realidade, e a Vila não era nem menor nem maior que quaisquer outras ao seu redor, espalhadas na metrópole. No entanto, ficou o nome. Segundo Squeff (2002, p.60) “no sentido de bairro ou arrabalde, a Vila Madalena só angariou seu nome por tradição”, já que conforme veremos a seguir, uma parte da Vila Madalena está localizada no distrito de Pinheiros e outra no distrito Alto de Pinheiros, não se constituindo de fato uma unidade, com delimitação precisa e oficial.

1.1 Caracterização Geográfica

Considerando-se a sua divisão político-administrativa, a cidade de São Paulo está dividida em 31 subprefeituras, cada uma das quais, por sua vez, divididas em distritos. As subprefeituras estão oficialmente agrupadas em nove regiões ou “zonas”, levando-se em conta a posição geográfica e a história da ocupação. Essas regiões são apenas utilizadas para fins administrativos em órgãos técnicos e do governo, não correspondendo efetivamente a qualquer comunicação visual na cidade.

A subprefeitura de Pinheiros, que compreende o presente objeto de estudo, Vila Madalena, é composta pelos distritos de Pinheiros, Alto de Pinheiros, Jardim Paulista e Itaim Bibi, que ao todo somam 272.574 habitantes, ou cerca de 2,61% dos habitantes da cidade de São Paulo². Veja-se a seguir, quadro com os distritos e respectiva zona, e os bairros correspondentes.

² Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE – Censo de 2000.

Distritos	Bairros	Zonas
Pinheiros	Vila Madalena (parte), Jardim Europa, Sumarezinho (parte), Pinheiros, Jardim Paulistano, Jardim América (parte), Cerqueira César (parte) e Jardim das Bandeiras.	Oeste
Alto de Pinheiros	City Boaçava, Alto de Pinheiros, Jardim Califórnia, Jardim dos Jacarandás, Vila Ida, Parque Boa Vista, Jardim Atibaia, Vila Madalena (parte), Vila Beatriz e Sumarezinho (parte).	Oeste
Jardim Paulista	Cerqueira César (parte), Jardim Paulista, Jardim Europa (parte), Jardim América (parte) e Vila Primavera.	Oeste
Itaim Bibi	Itaim Bibi, Vila Olímpia, Vila Funchal, Cidade Monções, Brooklin, Vila Cordeiro, Vila Gertrudes, Jardim das Acácias, e Jardim Novo Mundo (parte).	Sul

Quadro 1 - Caracterização da subprefeitura de Pinheiros: distritos, bairros e zonas.

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados divulgados no site da Prefeitura Municipal de São Paulo (<http://www.prefeitura.sp.gov.br>).

Como se observa, essa distribuição inclui bairros bastante díspares, tanto do ponto de vista da composição da sua população como da proximidade geográfica, além de localizar a Vila Madalena ao lado de bairros como o Sumarezinho, de implantação mais antiga e dentro do chamado Alto de Pinheiros.

Um bairro urbano, na sua definição mais simples, é uma área de *carácter* homogêneo, reconhecida por indicações que são contínuas dentro desta área e descontínuas num outro local (LYNCH, 1982, p.116).

Além disso, a Vila Madalena faz parte tanto do Distrito de Pinheiros quanto do de Alto de Pinheiros, ambos localizados na Zona Oeste da cidade de São Paulo, mas com características distintas no que tange à composição de sua população, data de implantação etc.

No que se refere às subdivisões geográficas, a Prefeitura de São Paulo reconhece dez zonas geográficas³, utilizadas para referência de localização na cidade. Essas zonas foram estabelecidas dividindo a cidade radialmente a partir do centro. Deve-se notar, contudo, que o único critério usado para essa divisão refere-se aos limites geográficos (avenidas, rios etc.), não tendo relação alguma com as divisões administrativas. Pode acontecer, inclusive, de um mesmo distrito fazer parte de mais de uma zona.

A Vila Madalena faz parte do chamado “centro expandido” que forma um anel ao redor do centro histórico e é delimitado pelas seguintes Vias: Marginal Tietê, Marginal Pinheiros, Avenida dos Bandeirantes, Afonso D'Escagnole Taunay, Presidente Tancredo Neves, das Juntas Provisórias, Prof. Luís Inácio de Anhaia Melo e Salim Farah Maluf, além do Complexo Viário Maria Maluf.



Mapa 1 - Centro Expandido - Cidade de São Paulo.

Fonte: www.vivaocentro.org.br.

³ As zonas geográficas são: Centro Histórico, Centro Expandido, Área 1 (Noroeste), Área 2 (Norte), Área 3 (Nordeste), Área 4 (Leste), Área 5 (Sudeste), Área 6 (Sul), Área 7 (Sudoeste) e Área 8 (Oeste).

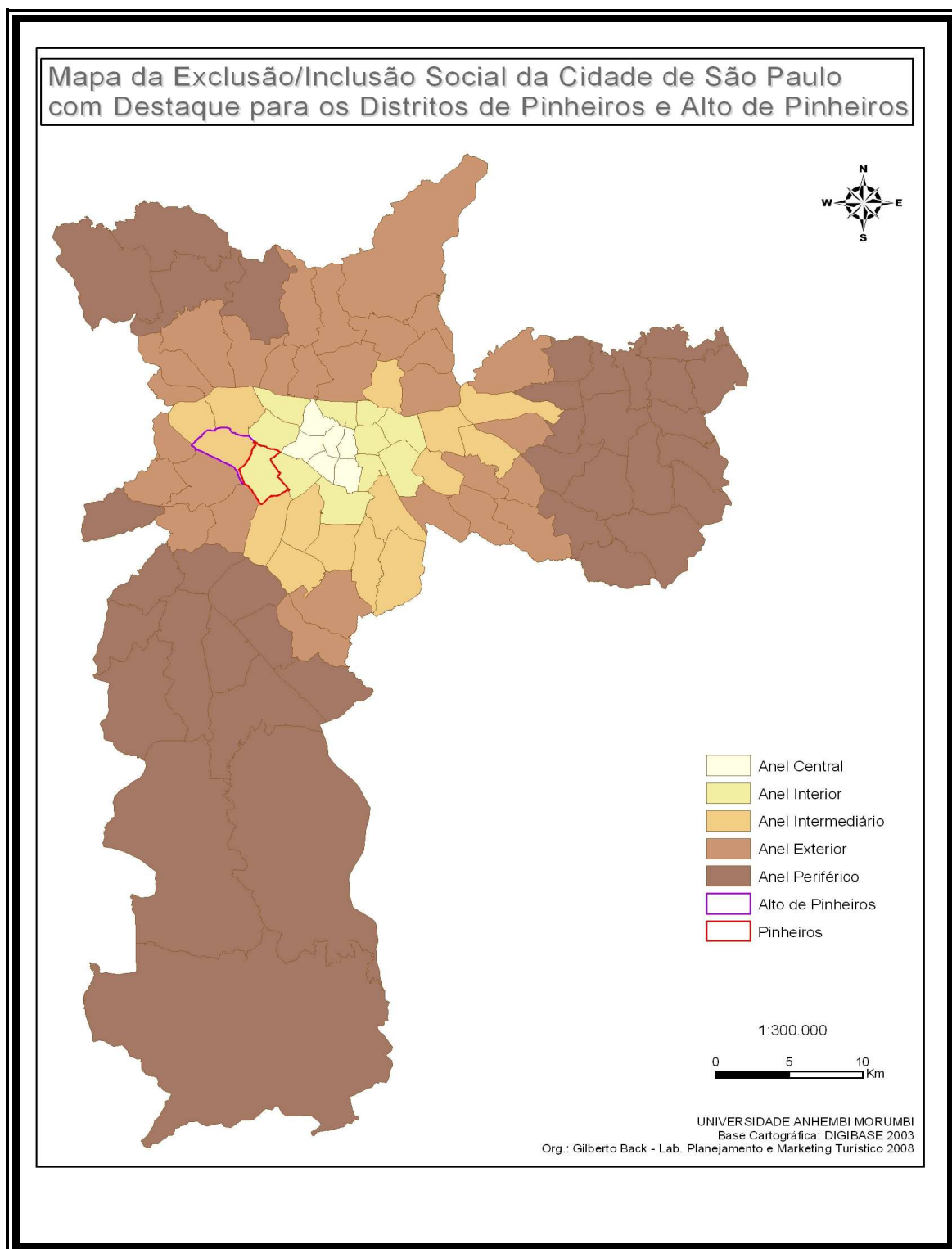
Assim como o Centro Histórico, as ruas do Centro Expandido também estão sujeitas ao rodízio municipal⁴. E é nesta área que está concentrada a maior parte dos serviços e equipamentos culturais e de lazer da cidade, assim como a população de maior renda. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, do Censo de 2000, referente aos rendimentos no domicílio em salário mínimo, confirmam a maior concentração de renda justamente onde a Vila Madalena está localizada, pois a soma dos distritos que compõe a subprefeitura de Pinheiros atinge o maior índice da cidade, com 26.324 do total de 137.763 domicílios da cidade de São Paulo, que declararam rendimentos superior a 50 salários mínimos.

No intuito de espacializar a desigualdade do espaço urbano, vale conferir o já consagrado Mapa da Exclusão/Inclusão Social da Cidade de São Paulo⁵, que utiliza metodologia multidimensional, combinando indicadores⁶ de autonomia, qualidade de vida, desenvolvimento humano e equidade, onde o município apresenta seus 96 distritos censitários agregados em 5 conjuntos, constituindo 5 anéis: central, interior, intermediário, exterior, e periférico, que estruturam a dinâmica intra-urbana da cidade a partir do centro histórico (anel central). A seguir, o mapa e a relação dos distritos que compõem cada um dos distintos anéis:

⁴ O rodízio municipal de veículos de São Paulo ou também chamado de Operação Horário de Pico pela Companhia de Engenharia de Tráfego - CET é uma restrição à circulação de veículos automotores na cidade implantado desde 1997 com o propósito de reduzir o congestionamento nas principais vias da cidade nos horários de maior movimento. É regulado pela lei municipal 12.490 de 3 de outubro de 1997.

⁵ A pesquisa é coordenada por Aldaíza Sposati, pelo Núcleo de Seguridade e Assistência Social da PUC/SP, em parceria com o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais - INPE e Instituto Pólis, com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP - linha de pesquisa em Políticas Públicas (2001-2003), disponível no *site* da Prefeitura Municipal da Cidade de São Paulo: www.prefeitura.sp.gov.br.

⁶ O indicador de autonomia avalia a renda dos chefes de família e a oferta de emprego nos diversos distritos; o de qualidade de vida mede o acesso a serviços, como saneamento, saúde, educação, além de densidade habitacional e conforto domiciliar; o indicador desenvolvimento humano considera o nível de escolaridade dos chefes de família, longevidade, mortalidade infantil e juvenil e a violência; e o índice de equidade registra o grau de concentração de mulheres na condição de chefes de família.



Mapa 2 - Exclusão/Inclusão Social – Anéis. Destaque para os Distritos de Alto de Pinheiros e Pinheiros.

Fonte: Base Cartográfica DIGIBASE 2003, Laboratório de Planejamento e Marketing Turístico, Universidade Anhembi Morumbi.

Anel	Distritos
Anel Central (6)	Bela Vista, Consolação, Liberdade, República, Santa Cecília e Sé.
Anel Interior (11)	Barra Funda, Belém, Bom Retiro, Brás, Cambuci, Jardim Paulista, Mooca, Pari, Perdizes, Pinheiros e Vila Mariana.
Anel Intermediário (15)	Água Rasa, Alto de Pinheiros, Campo Belo, Carrão, Cursino, Moema, Ipiranga, Itaim Bibi, Lapa, Penha, Sacomã, Saúde, Tatuapé, Vila Guilherme e Vila Leopoldina.
Anel Exterior (28)	Aricanduva, Butantã, Cachoeirinha, Cangaíba, Casa Verde, Cidade Ademar, Freguesia do Ó, Jabaquara, Jaguaré, Limão, Mandaqui, Morumbi, Pirituba, Rio Pequeno, Santana, São Lucas, Sapopemba, Tremembé, Tucuruvi, Vila Formosa, Vila Maria, Vila Matilde, Vila Medeiros, Vila Prudente, Jaguará, Jaçanã, Vila Sônia e São Domingos.
Anel Periférico (36)	Anhanguera, Artur Alvim, Brasilândia, Campo Grande, Campo Limpo, Cidade Tiradentes, Ermelino Matarazzo, Grajaú, Guaianazes, Iguatemi, Itaim Paulista, Itaquera, Jaraguá, Jardim Ângela, Jardim Helena, Jardim São Luis, José Bonifácio, Marsillac, Parelheiros, Parque do Carmo, Pedreira, Perus, Ponte Rasa, Raposo Tavares, Santo Amaro, São Mateus, São Miguel, São Rafael, Vila Andrade, Vila Curuçá, Cidade Dutra, Socorro, Capão Redondo, Cidade Líder, Vila Jacuí e Lajeado.

Quadro 2 – Caracterização dos Anéis: distritos.

Fonte: Elaborado por Vanessa Dantas a partir dos dados divulgados no *site* da Prefeitura Municipal de São Paulo – PMSP (<http://www.prefeitura.sp.gov.br>).

É possível verificar tanto no mapa quanto no quadro que os distritos de Pinheiros e Alto de Pinheiros, onde a Vila Madalena está inserida, pertencem a anéis distintos, sendo que o distrito de Pinheiros encontra-se no anel interior que corresponde a 5,60% (Censo 2000) do total da população da cidade, e o distrito de Alto de Pinheiros no anel intermediário com 12,61%. Entretanto, em ambos os casos, tratam-se de anéis pouco populosos e reconhecidos como de maior poder aquisitivo da cidade conforme dados censitários que seguem:

Tabela 1 - Bens de Consumo Duráveis. Município de São Paulo, por anéis, 2000, em porcentagem. Destaque para as quantidades mais elevadas.

Equipamento	Central	Interior	Intermediário	Exterior	Periférico
Geladeira	97,84	98,88	98,68	98,11	96,32
Vídeo	71,78	78,74	73,30	64,21	53,20
Lavadora roupa	72,61	85,97	81,42	69,13	51,83
Micro ondas	59,18	71,81	66,26	54,51	41,00
Telefone fixo	88,13	91,99	85,16	72,76	51,85
Computador	39,00	51,71	41,16	26,23	14,11
Pelo menos 1 TV	98,55	99,25	98,92	97,95	96,11
Pelo menos 1 carro	48,77	69,76	65,30	52,31	38,60
Ar condicionado	4,05	5,16	3,63	1,83	1,23

Fonte: IBGE/Censo Demográfico de 2000.

Nota-se que, com as únicas exceções de telefone fixo e aparelho de ar condicionado, as melhores condições de vida, medidas pelo uso de bens de consumo duráveis, estão nos anéis interior e intermediário. É possível, inclusive, que o fato do anel central possuir porcentagens mais elevadas nestes dois itens (telefone fixo e ar condicionado), se comparado com o anel intermediário, se justifique pela predominância de escritórios e estabelecimentos comerciais na região.

As indagações sobre bens de consumo duráveis têm variado bastante cronologicamente, seguindo hábitos e melhoria do padrão de vida. Objetos industrializados têm sido incorporados à vida das pessoas. Se, quando surgem, costumam ser bastante caros, o progresso industrial vai transformando estes utensílios em objetos de desejo cada vez mais acessíveis. De outro lado, transformações no modo de vida causam obsolescência de aparelhos eletrodomésticos anteriormente usuais, como enceradeira e TV branco e preto. Outros aparelhos disseminam-se de tal modo que já em nada discriminam os domicílios, dado que todos os têm, como ferro de passar e aspirador de pó (BÓGUS, 2004, p. 70-71).

De acordo com Bógus (2004), no que se refere à renda, ainda que existam outras variáveis associadas, além da educação, os dados apontam para a hipótese que a espacialização da moradia influencia a chance de auferir renda, conforme a tabela que segue:

Tabela 2 - Renda Média do Chefe de Família: com renda, em salários mínimos, por escolaridade e por anel, 2000.

Escolaridade Anel	Nenhum ano	1 a 4 anos	5 a 8 anos	9 a 11 anos	12 e mais	Total
Central	4,53	5,19	6,61	9,52	15,92	11,05
Interior	3,78	5,59	7,70	11,40	18,29	13,56
Intermediário	3,01	4,77	6,48	10,04	17,41	11,06
Exterior	2,43	4,17	5,25	8,17	15,33	7,10
Periférico	2,12	3,46	4,23	6,27	12,69	4,86
Total	2,35	3,93	4,95	7,97	15,88	7,20

Fonte: IBGE/Censo Demográfico de 2000.

Conforme exposto na tabela 2, para os níveis mais altos de instrução, as maiores médias, estão nos anéis interior e intermediário, onde se concentram os chefes mais ricos. É provável que rede de relações vigorando entre elites reafirmem, de modo circular, estas mesmas elites. Morar na periferia traduz-se, portanto, em menores chances de ganhos, além de maior tempo de locomoção (BÓGUS, 2004, p. 52).

Outro fator que corrobora, é o dado do mesmo Censo de 2000 que mostra que a subprefeitura de Pinheiros juntamente com a da Mooca são as que possuem o menor número de favelas da cidade de São Paulo, e aponta que o distrito de Pinheiros não possui nenhuma favela, e o do Alto de Pinheiros apenas uma, correspondendo apenas a 0,05 do total da cidade. Entretanto, há notícias de que no ano de 2005, ou seja, em data posterior ao dado censitário aqui considerado, a favela Djalma Coelho, até então a única do Alto de Pinheiros, foi desapropriada, ou seja, é possível que a subprefeitura de Pinheiros não possua hoje nenhuma favela.



Foto 1 - Favela Djalma Coelho, também conhecida como Favelinha da *Light*. Vista da Rua Natingui.

Fonte: <http://www.midiaindependente.org>



Foto 2 - Desapropriação da Favela Djalma Coelho. Ao fundo, contraste com a verticalização elitizada que vem predominando na região.

Fonte: <http://www.midiaindependente.org>

Também conhecida como Favelinha da *Light*, a Favela Djalma Coelho foi desapropriada após uma longa batalha judicial que correu por mais de 20 anos. Calcula-se que cerca de 100 famílias moravam no local. A área é rodeada de casas e prédios elitizados e, ainda que fosse pequena, era a última favela da região, o que aumenta agora a mancha que vai do Centro à Lapa, Pinheiros e Itaim, sem a presença de nenhuma favela. Trata-se de uma área muito valorizada e que vem sendo tomada, principalmente, pela verticalização de condomínios luxuosos. Entretanto, em matéria do Jornal Folha de São Paulo (14/06/2005, Caderno Cotidiano), especialistas afirmam que o espaço, pela legislação municipal, só poderá abrigar empreendimentos habitacionais de baixa renda. Isso ocorre porque o Plano Diretor Regional de Pinheiros identifica a área como uma zona especial de interesse social. Contudo, vale destacar ainda que, o mesmo Censo de 2000 aponta um aumento da população favelada no município, estimado em 910 mil pessoas, 8,72% da população municipal, sendo que a maior taxa de crescimento da população favelada na década foi no anel periférico.

Bógus (2004, p. 36) assinala também que a proporção de brancos no anel interior - onde a renda é maior – é mais alta que nos outros anéis, tanto em 1991 como no ano 2000 (87,35%). É também o anel interior que agrega o maior percentual de chefes com maior escolaridade, o que permite estabelecer uma relação entre renda, cor, escolaridade e local de residência no espaço urbano. O anel periférico é o que apresenta o maior percentual de chefes não brancos (44,20%

no ano 2000), muito superior às proporções dos outros anéis e à média municipal de 33% em 2000.

Entretanto, ainda que os dados censitários apontem o anel interior (distrito de Pinheiros) e o anel intermediário (distrito de Alto de Pinheiros) como espaços superiores, o espaço urbano se organiza segundo o sistema de distâncias dos grupos sociais o que, de acordo com Bógus (2004, p. 83), não é uma relação totalmente homogênea. Assim, no interior dos espaços superiores vão existir territórios populares, e nos populares podem ser encontradas classes mais abastadas.

Outra dimensão a ser assinalada encontra-se na obra de Frúgoli (2000), que considera que a cidade de São Paulo foi caracterizada, ao longo do século XX, não apenas por um processo de crescimento desmesurado em direção às periferias, mas também por um processo contínuo de criação e abandono de centralidades.

O autor identifica geograficamente as regiões do Centro Velho, Avenida Paulista e Avenida Engenheiro Luís Carlos Berrini como os três pólos do tripé de centralidades que se formaram ao longo do século passado na cidade, numa linha reta em direção à região sudoeste da capital paulista. Não considera uma simples coincidência o fato de que os bairros residenciais da elite paulistana caminharam, ao longo do século XX, em direção à região sudoeste da cidade, numa trajetória cronologicamente muito semelhante à das três centralidades do capital em São Paulo.

Frúgoli (2000) aponta ainda a Avenida Engenheiro Luís Carlos Berrini como o mais novo pólo da centralidade em São Paulo, mas poderia dar mais ênfase ao fato de que, se foi um marco histórico e geográfico do surgimento dessa nova centralidade, atualmente a Berrini, como é chamada, é apenas uma sub-parte de uma região maior e mais complexa - a extensão da Marginal Pinheiros, entre a Avenida dos Bandeirantes e a Ponte João Dias, transformada, nos últimos anos, no maior distrito de negócios da América Latina. Cabe lembrar que, parte desta área, corresponde à subprefeitura de Pinheiros, já que o distrito do Itaim Bibi é composto por bairros como Vila Olímpia, Vila Funchal, Brooklin entre outros. Assim, para retratar a mais nova centralidade paulistana, o autor utiliza os termos "quadrante sudoeste", indicando que as funções de comando do grande capital, situadas em São Paulo deslocam-se para esta porção da metrópole.

O quadrante Sudoeste de São Paulo, onde se concentra a maioria das classes média e alta, é a região de maior taxa de motorização e também aquela que tem o sistema viário mais desenvolvido da cidade, abrigando a maior concentração de avenidas e vias expressas (ROLNIK; KOWARICK; SOMEKH, 1990 apud FRÚGOLI, 2000, p. 40).

Destaca-se que os limites usados na referência cotidiana, no entanto, nem sempre coincidem com os limites territoriais oficiais, uma vez que os limites entre os distritos nem sempre respeitam a contigüidade física - delimitada por rios e grandes avenidas.

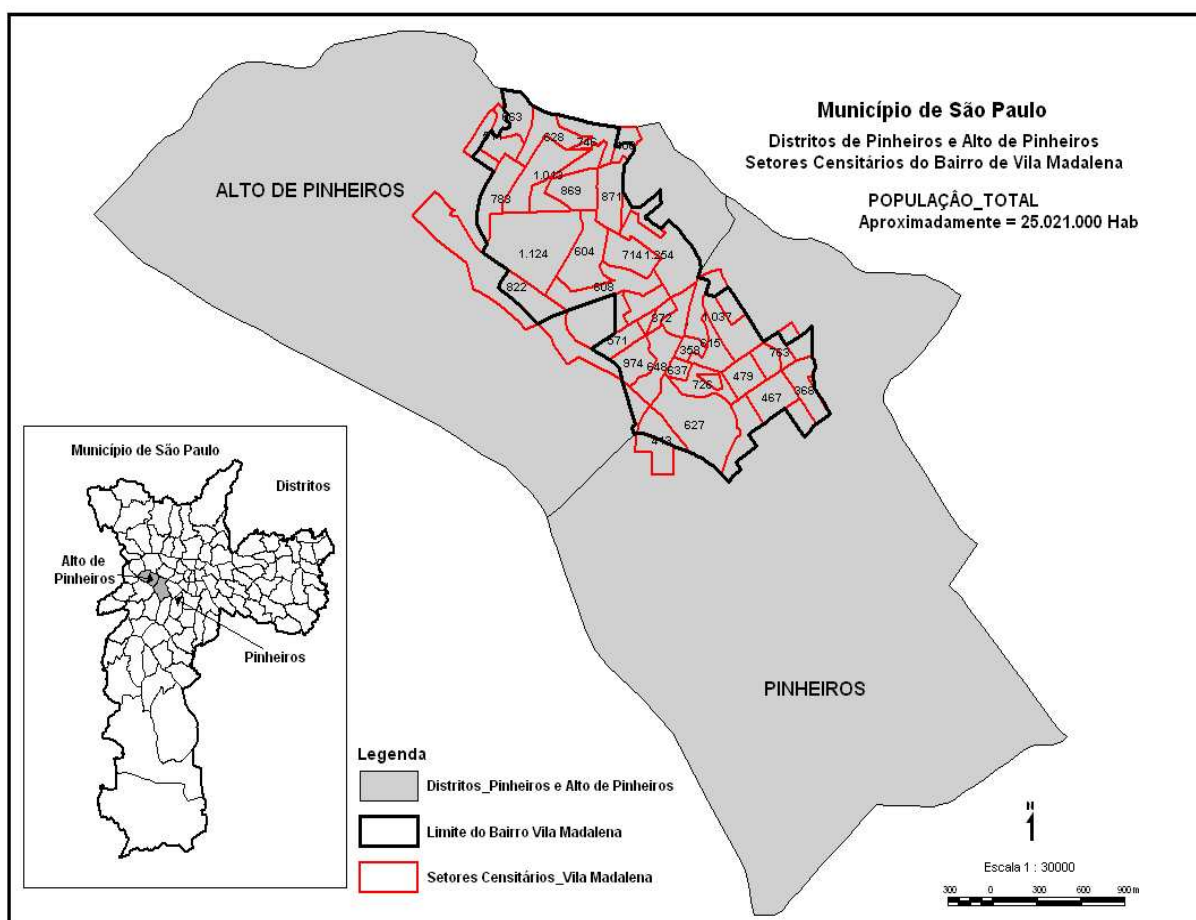
Para um melhor entendimento, vale lembrar, conforme já exposto anteriormente, que o município de São Paulo tem duas subdivisões oficiais: uma administrativa (31 subprefeituras) e outra geográfica (10 zonas). Entretanto, há também outras subdivisões não oficiais adotadas por outros órgãos e repartições, como exemplo, delegacias de polícia, zonas eleitorais, fóruns distritais, além das empresas prestadoras ou concessionárias de serviços, como os correios, as centrais telefônicas na cidade de São Paulo e a Companhia de Engenharia de Tráfego - CET, que se sobrepõem às divisões oficiais existentes no município, já que segundo Rosa (2003, p. 11) “os bairros não têm delimitações oficiais”.

Em contato realizado com o funcionário responsável pelo mapeamento da região da subprefeitura de Pinheiros, foi informado da existência de um projeto que objetiva a delimitação territorial dos bairros paulistanos, mas que o mesmo ainda não foi colocado em prática. Vale destacar que em virtude dessa falta de delimitação, é comum a sobreposição de um bairro a outro, o que acaba aumentando ou diminuindo suas áreas. Isso acontece principalmente em decorrência da especulação imobiliária que na ânsia de valorizar determinados imóveis, adota muitas vezes o nome do bairro vizinho. Assim, quem define espacialmente o que é a Vila Madalena hoje, são os próprios moradores, além dos especuladores.

Parece haver uma imagem pública de qualquer cidade que é a sobreposição de imagens de muitos indivíduos. Ou talvez haja uma série de imagens públicas, criadas por um número significativo de cidadãos. [...] Cada indivíduo tem uma imagem própria e única que, de certa forma, raramente ou mesmo nunca é divulgada, mas que, contudo, se aproxima da imagem pública e que, em meios ambientes diferentes, se torna mais ou menos determinante, mais ou menos aceite (LYNCH, 1982, p. 57).

Um exemplo no caso da Vila Madalena, se dá em relação à Rua Natingui. Em conversa informal durante as visitas de campo, foi possível verificar que a maior parte dos moradores considera esta via como a divisória das Vilas Madalena e Beatriz. Entretanto, as escrituras dos imóveis ou até mesmo os Códigos de Endereçamento Postais - CEPs dos logradouros localizados na parte “pertencente” a Vila Beatriz, estão identificados como Vila Madalena. Também em conversa com alguns carteiros da Central de Distribuição das Correspondências do Bairro de Pinheiros, foi reforçado o entendimento mais uma vez de que a Rua Natingui é a via que divide a Vila Madalena da Vila Beatriz. Entretanto, apesar de reconhecer tal diferença, para efeito de trabalho, eles consideram tudo como Vila Madalena.

Nesse sentido, na tentativa de ilustrar de alguma forma o Bairro, utilizou-se aqui um mapa elaborado a partir dos Setores Censitários da Vila Madalena do ano de 2000, tendo como fonte os Correios, por meio dos CEPs.



Mapa 3 – Distritos de Pinheiros e Alto de Pinheiros – Setores Censitários do Bairro da Vila Madalena

Fonte: Elaborado por Josefina Ballanotti conforme dados dos Correios.

Ressalta-se que o referido mapa serve apenas como ilustração, não podendo ser considerado como oficial. O número de 25.021.000 habitantes que consta no mapa corresponde aos mesmos critérios. Em matéria com Gilberto Dimenstein publicada no Guia da Vila na edição de janeiro de 2006, consta que o Bairro possuía na época 20 mil habitantes. Entretanto, ainda que considerado o decréscimo populacional dos distritos, pelo fato de não se saber os parâmetros utilizados para esta contagem, seria precipitado fazer qualquer análise.

Por estas razões, não é possível encontrar dados oficiais específicos referentes à Vila Madalena, e sim, somente sobre seus distritos, no caso, Pinheiros e Alto de Pinheiros. Portanto, optou-se aqui por demonstrar alguns dados destes distritos de modo a elucidar a realidade dentro da qual a Vila Madalena se encontra inserida.

Tabela 3 - Dados Demográficos: Distritos de Pinheiros, Alto de Pinheiros, Sub-Prefeitura de Pinheiros e Prefeitura Municipal de São Paulo

	Área / Km²	População Residente 2000 (IBGE)	IDH * 2002	Taxa de Crescimento 1991/2000	Densidade Demográfica (pop/ha) Ano de 2000
Pinheiros	8,20	62.997	0,833	- 2,43	78,75
Alto de Pinheiros	7,35	44.454	0,810	- 1,37	57,73
Sub-Pref. de Pinheiros	32,11	272.574	0,826	- 2,28	88,98
PMSP	1.509	10.434.252	0,520	0,88	69,15

Fonte: Elaborada pela autora conforme dados divulgados no site da Prefeitura Municipal de São Paulo: www.prefeitura.sp.gov.br

* IDH: Índice de Desenvolvimento Humano. Fonte: Secretaria de Desenvolvimento, Trabalho e Solidariedade.

Com base na tabela, é possível verificar que os Distritos de Pinheiros e Alto de Pinheiros apresentam taxas de crescimento populacional negativo, contrariando a média municipal. Essa intensidade é influenciada pela natalidade, mortalidade e migrações ocorridas. Há também uma diferença quanto ao Índice de Desenvolvimento Humano - IDH, que serve para medir o nível de desenvolvimento humano a partir de indicadores de educação, longevidade e renda. O índice varia de 0 (nenhum desenvolvimento humano) a 1 (desenvolvimento humano total).

Municípios com IDH até 0,499 têm desenvolvimento humano considerado baixo; entre 0,500 e 0,799 são considerados de médio desenvolvimento humano, como é o caso da cidade de São Paulo; e maior que 0,800 têm desenvolvimento humano considerado alto, sendo esta a realidade dos dois distritos a qual a Vila Madalena faz parte.

Assim, de acordo com os dados citados, é possível confirmar que hoje a Vila Madalena está localizada numa região altamente privilegiada e de elite, seja lá qual for o meio de análise considerado, pelas duas subdivisões oficiais - administrativa (subprefeituras) ou geográfica (zonas), pelos anéis de inclusão/exclusão de Sposati (2001-2003), ou até mesmo pelas centralidades de Frúgoli (2000).

1.2 Fragmentos Históricos

A Vila Madalena, primitivamente, era conhecida como a Vila dos Farrapos, uma parte de Pinheiros, uma extensa região que se espalhava, no início da ocupação de São Paulo, desde a várzea do Rio Pinheiros seguindo morro acima, em direção da Avenida Paulista. Pinheiros constituía uma região longínqua, tão remota que os padres se viram obrigados a organizá-la com outras aldeias, a partir de 1560 (SQUEFF, 2002, p. 26).

Na região de Pinheiros formara-se, então, um aldeamento, onde os missionários jesuítas ministravam a catequese, faziam batizados e missas e ensinavam os hábitos do trabalho aos índios. Na aldeia foi erigida uma capela, cuja padroeira era Nossa Senhora da Conceição.

No início do século XX não passava de uma seqüência de morros que começava a beira do chamado Córrego do Rio Verde e terminava perto do Córrego das Corujas, e por outro lado o Sítio do Buraco. Os morros e planaltos desta região eram entrecortados pelo Córrego do Rio Verde, que nascia perto de onde é hoje a Rua Oscar Freire e desaguava no Rio Pinheiros. As localidades do lado oeste do córrego, onde hoje está a Vila Madalena, chamavam-se, já no início do século passado, Sítio do Rio Verde. Nessa época os locais que já tinham algum movimento eram o Largo de Pinheiros e o local hoje conhecido por Largo da Batata (AFONSO, 2002, p. 21).

Em 1910 foi anunciada a construção de uma linha e de uma estação de bondes na região da Vila Madalena. As ruas eram de terra batida e, somado à topografia acidentada, o acesso era bastante precário. Também não existia água tratada, tampouco iluminação.

O que se avistava na Rua Teodoro Sampaio ao longe, era um pequeno amontoado de casas, a grande maioria de barracos e apenas algumas de alvenaria, estas pertencentes a alguns portugueses mais abastados para os padrões da região.

Foi nessa década que se iniciou a formação de pequenas chácaras, algumas por compra, outras por usucapião. Em 1912 começou, na região, a formação de pequenos arrabaldes. Entre 1914 e 1915, um português com o nome de Gonçalo, era proprietário – ou se fez dono - de uma imensa gleba de terra, deu entrada na prefeitura e obteve a aprovação do loteamento com todas as ruas e os lotes demarcados, a maioria com terrenos de 10 X 50. Com o início das vendas do loteamento e a notícia de que na região entre as Ruas Cardeal Arcoverde e o Córrego do Rio Verde seria construído o Cemitério São Paulo, a Vila começou a receber um grande número de habitantes, a maioria de nacionalidade portuguesa (AFONSO, 2002, p. 27 - 29).

Alguns antigos moradores da Vila Madalena contam que o português, proprietário das terras tinha três filhas: Albertina, Beatriz e Madalena, que ao herdarem as terras, conferiram seus nomes às vilas. Porém, no caso da Vila Albertina, por tratar-se de um terreno menor, delimitado pelas Ruas Luís Murat até Aspícueta e da Fidalga até a Medeiros de Albuquerque, conseguiu manter seu nome até meados de 1945, incorporando-se depois à Vila Madalena. Entretanto, a história referente aos nomes das Vilas faz parte da memória oral dos habitantes e há quem diga até que não era Albertina, e sim Ida, o nome da filha mais nova do tal português, o que acabou originando, portanto, a atual Vila Ida localizada nas proximidades da Vila Beatriz e Alto de Pinheiros.

Também em relação aos nomes é possível notar, em mapas mais antigos, que dentro da Vila Madalena passou a se formar diversos vilarejos constituídos por grupos de parentes e amigos que para melhor se localizarem davam ao local nomes como Vila Nogueira, Vila Penteado e outros, sendo que, com o passar dos anos, foram desaparecendo, ficando somente Vila Madalena (AFONSO, 2002, p. 29).

Na década de 20, os moradores tinham que se locomover a pé até o Largo de Pinheiros ou o Largo da Batata, locais que já possuíam um bom comércio, para fazer suas compras, inclusive no que se refere à alimentação.

Suas casas eram construídas quase todas iguais. Geralmente eram duas: uma na frente, maior, térrea onde morava o casal e os filhos solteiros; e outra nos fundos, menor, onde o filho já casado permanecia até poder sair. As casas eram separadas por muros baixos. É possível que tal padrão construtivo da época facilitasse as relações de vizinhança.

A energia elétrica chegou ao bairro em 1928, por meio da São Paulo *Light and Power* que instalou pelo bairro os postes, fios e transformadores. A primeira escola foi instalada numa pequena sala da Rua Fidalga, com vinte alunos aproximadamente. O nome era: Escola Mixta Isolada da Vila Madalena (AFONSO, 2002, p. 45).

Na década de 30, segundo Afonso (2002, p.55) os moradores da Vila por não terem um Centro Educacional ou um Clube Esportivo tinham como divertimento tomar banho de lagoa na várzea como era chamada, ou a pescaria, perto de onde é hoje a Cidade Universitária, além de banho no Rio Pinheiros que na época não era poluído.

Afonso (2002, p. 78) cita em sua obra que no final da década de 30 a Vila Madalena tinha uma população da qual 85% eram portugueses, 10% italianos e 5% outras nacionalidades.

Durante a década de 40, em meio à Segunda Guerra Mundial, costumava-se reunir, diversas pessoas, nos finais de semana na sapataria do Sr. Antonio “Sapateiro”, principalmente portugueses e italianos, que não sabiam ler. Levavam várias cartas que recebiam dos parentes que residiam em Portugal e na Itália e então um senhor de nome desconhecido lia todas as correspondências, os jornais com notícias da Guerra, além de responder as devidas cartas (AFONSO, 2002, p. 64).

Não havia capela. A igreja mais próxima era a do Calvário, localizada à Rua Cardeal Arcoverde, onde a comunidade realizava seus batizados e casamentos. Porém, em 1944 os portugueses formaram uma comissão e saíram pelas ruas do Bairro pedindo a colaboração de quem pudesse ajudar para a construção da Capela de Santa Maria Madalena e São Miguel Arcanjo, que foi inaugurada em 1946, localizada na Rua Girassol (AFONSO, 2002, p. 87-89).

O primeiro vigário foi o Padre Olavo Pezzotti que chegou no dia 29 de julho de 1951. Em 1963 no mesmo espaço, sob aprovação do arcebispo de São Paulo, foi inaugurada a Igreja Matriz, com um projeto arquitetônico extremamente arrojado para a época (AFONSO, 2002, p. 112).



Foto 3 - Paróquia de Santa Maria Madalena e São Miguel Arcanjo.

Fonte: Vanessa Dantas, 2008.

Foram muitas as conquistas do vigário para o Bairro. Em 1954 instalou a primeira creche num casarão alugado na Rua Harmonia, onde quem podia pagar, cobria a falta de pagamento daqueles que não podiam.

Também juntamente com a comunidade, o vigário construiu uma casa em 1952 onde foi instalado o Ambulatório Médico Odontológico São Miguel, onde além do atendimento à saúde dos moradores, eram distribuídos gratuitamente remédios, roupas, maisena e leite em pó aos mais necessitados.

Preocupado com a educação dos filhos de seus paroquianos, padre Olavo foi até o então prefeito Wladimir de Toledo Piza e conseguiu uma escola pré-fabricada em 1956, que foi instalada no terreno da igreja. Ali funcionou durante anos o Grupo Escolar de Vila Madalena que contava na época com duas classes de 40 alunos cada e funcionava em dois períodos. Tempos depois, em 1968, passou a integrar o Sistema Municipal de Ensino, com a denominação de Escola Municipal de Vila Madalena e, mudou-se para um prédio próprio da PMSP, na Rua Fradique Coutinho nº 2200, onde funciona até hoje. Entretanto, em 1969 passou a denominar-se Escola Municipal Estado da Guanabara, e mais tarde, em 1980, mudou sua denominação para Escola Municipal de 1º Grau Professor Olavo Pezzotti, em homenagem ao seu patrono (AFONSO, 2002, p. 135).



Foto 4 - Fachada da Escola Municipal.

Fonte: Vanessa Dantas, 2008.



Foto 5 - Placa com o nome do patrono.

Fonte: Vanessa Dantas, 2008.

O Padre Olavo conseguiu ainda que chegassem definitivamente à Vila Madalena o asfalto e a extensão da rede de esgotos, primeiro na Rua Girassol e depois, aos poucos, em todas as outras vias públicas do bairro; o primeiro telefone público, que foi instalado na casa paroquial; a extensão da linha de bondes da Light e a subida do ônibus até a Rua Purpurina. O padre Olavo, em 1968, após 17 anos como pároco da Vila, foi transferido para a paróquia de Nossa Senhora da Consolação.

A primeira feira livre do bairro se deu em um sábado do ano de 1947, à Rua Wisard, que na época era de terra. Seu início era na Rua Mourato Coelho e seu final na Rua Fidalga. A feira acontece até hoje, aos sábados, porém, mudou-se para a Rua Aspicuelta com Rua Mourato Coelho. Flora (1998) por meio de seu livro “A República dos Argonautas”, conta que era comum alguns moradores do bairro se reunirem num bar após a feira. O dono do bar chegava a organizar um estacionamento para carrinhos de feira na calçada. As pessoas almoçavam e ali mesmo combinavam as festas. “Aí eles emendavam o almoço com os bailes e só iam pegar os carrinhos no domingo, ou seja, os pés de alface e agrião já estavam todos murchos. Há quem aparecesse para pegar o carrinho na terça-feira” (FLORA, 1998, p.32).

A partir de 1953 a Vila passou a ter o seu primeiro trecho de iluminação de rua, em todo o trajeto por onde passava o bonde. Somente em 1957 todo o bairro passou a ser iluminado. Em 1958, começaram a surgir os primeiros prédios com três andares.

Uma característica curiosa do Bairro diz respeito aos nomes de suas ruas, como: Girassol, Purpurina, Simpatia, Harmonia, Lira, Original entre outros. Especula-se que as ruas foram batizadas por sugestões de estudantes cuja intenção era quebrar a tradição urbana de homenagear autoridades públicas. Há quem diga, entretanto, que foram os anarquistas ou até mesmo os portugueses que nomearam as ruas desta forma pelo fato de não terem conhecimento teórico mais aprofundado para algo mais elaborado. Seja como for, os nomes caíram nas graças dos moradores e visitantes, principalmente quando evocadas algumas esquinas como, por exemplo, da Rua Simpatia com Harmonia.

Em 1968, em uma gleba de terra muito grande, no final da Rua Mourato Coelho até a Rua Natingui, teve início a construção de um grande conjunto habitacional. Pelo fato da obra ter sido financiada pelo Banco Nacional de Habitação, o Conjunto Residencial Natingui ficou mais conhecido como BNH.

Tudo indica que a verticalização (processo de construção de edifício) é uma especificidade da urbanização brasileira. Em nenhum lugar do mundo o fenômeno se apresenta como no Brasil, com o mesmo ritmo e com a destinação prioritária para a habitação. Essa última tendência vai ficar muito mais evidente após 1964, com a criação do Banco Nacional de Habitação – BNH, aliás, o mais importante instrumento (agente financeiro) do processo de verticalização no Brasil (SOUZA, 1994, p. 129).

A construção de 52 prédios, possivelmente marca o início da verticalização do Bairro, ou seja, “é o resultado da multiplicação do solo urbano” (SOMEKH apud SOUZA, 1994, p. 135). Assim, cada prédio possui quatro andares, sendo quatro apartamentos por andar, resultando num total de 832 apartamentos.

Há um centro comunitário com salão de festas, além de uma enorme praça no centro dos condomínios, onde há um parque infantil e uma quadra para futebol. O término das obras se deu em 1972. Em dezembro foi feito o sorteio dos apartamentos e os primeiros moradores começaram a chegar em janeiro de 1973, acrescentando, na época, cerca de 2.496 novos moradores ao bairro (AFONSO, 2002, p.159-160).



Foto 6 – Vista aérea do Conjunto Residencial Natingui.

Fonte: Google Earth, 2008.

Alguns dos primeiros moradores, proprietários dos apartamentos, ainda moram no BNH, mas trata-se de uma minoria. A maior parte dos antigos moradores já saiu. Os apartamentos foram locados a terceiros ou vendidos, e dependendo da época a preços módicos. Acontece que houve uma enorme valorização imobiliária no bairro, principalmente nos últimos 10 anos, decorrente do crescimento do comércio, da chegada dos bares, do metrô, e quem sabe até pela projeção do bairro em decorrência da novela Global que levava o nome de Vila Madalena. O fato é que morar na Vila Madalena tornou-se caro. E, considerando que os apartamentos em questão são pequenos, oscilando entre 48 e 70 m², com dois ou três dormitórios, prédios sem elevador, sem portaria, com custos reduzidos e, portanto, baixo valor da taxa condominial, tornou-se uma opção atraente para as pessoas que querem morar na Vila, mas que não possuem condições de se comprometer com os altos valores praticados no Bairro.



Foto 7 - Vista dos prédios do Conjunto Residencial Natingui - BNH.

Fonte: Vanessa Dantas, 2008.

A Vila Madalena ainda reúne moradores tradicionais, que possuem casas simples com grandes terrenos (com criação de patos, galinhas etc.). A seguir, fotos do Córrego das Corujas, com galinhas andando pela calçada, numa cena típica de cidade de interior.



Foto 8 - Córrego das Corujas. Atenção à galinha ao lado esquerdo do Córrego.

Fonte: Vanessa Dantas, 2008.



Foto 9 - Continuação do Córrego das Corujas.

Fonte: Vanessa Dantas, 2008.



Foto 10 - Rua ao lado do Córrego das Corujas.

Fonte: Vanessa Dantas, 2008.



Foto 11 - Galinhas na calçada.

Fonte: Vanessa Dantas, 2008.

Ressalta-se, porém, que os terrenos em geral vêm sendo alvo da especulação imobiliária. E, na escassez de terrenos maiores, as construtoras compram casas vizinhas, as derrubam, fazem o remembramento do lote, ou seja, a junção de dois ou mais lotes, formando um único todo maior para, em seguida, construir os edifícios.

Em geral se arrasa o terreno, ou área, para se reconstruir em operações que se fazem gradativamente. A cidade não se vê arrasada de uma só vez para ser reconstruída. As construções “pipocam” no tecido urbano, bem como as demolições (SOUZA, 1994, p. 134).



Foto 12 - Casa em processo inicial de demolição na Rua Fidalga.

Fonte: Vanessa Dantas, 2008.



Foto 13 - Casa em processo avançado de demolição, também na Rua Fidalga.

Fonte: Vanessa Dantas



Foto 14 - Casa demolida na Rua Fidalga. Antiga moradia de um dos entrevistados.

Fonte: Vanessa Dantas, 2008.



Foto 15 - Terreno em posse de construtora. Ao fundo, verticalização elitizada.

Fonte: Vanessa Dantas, 2008.

Ainda no que refere à moradia, um fator muito importante e que justifica a chegada dos estudantes na Vila Madalena, foi o fechamento do Conjunto Residencial da Universidade de São Paulo - CRUSP durante o governo militar, na década de 60, ocasionando a migração de muitos dos estudantes que ali moravam para a Vila Madalena. Em geral, alugavam as edículas das casas dos portugueses, e muitas vezes montavam moradias coletivas, chamadas de “repúblicas”. Na época, esses estudantes deram um movimento à Vila, principalmente nos bares e botecos já que sempre se reuniam para beber e conversar.

Nos primórdios da emergência dos barbudinhos e das barbudinhas – esse era o nome que circulava para designar as moças com as saias compridas e com seu jeito desabusado que escandalizava – a Vila Madalena era um enclave no bairro de Pinheiros. Não tinha a elegância do Alto de Pinheiros, nem a pujança para os bons negócios do centro de Pinheiros, que se resumia praticamente à Rua Teodoro Sampaio (SQUEFF, 2002, p. 161).

Já a justificativa para a chegada dos *hippies* possivelmente se deu pelo fato da Vila estar localizada mais ou menos próximo do centro da cidade, além dos preços dos alugueres que eram baratos em comparação com outros pontos da cidade.

Na verdade foram eles que deram origem à Vila como ela seria mais tarde; a Vila, dizem seus mais antigos moradores – nunca convencidos das versões dos próprios barbudos –, nasceu, sem a menor dúvida, com a chegada dos *hippies*. Foram eles que começaram a se juntar em torno do bar Sujinho. Vivia-se então, o fim dos anos 70 (SQUEFF, 2002, p.21).

Os portugueses da época, por terem fama de festeiros e tino para ganhar dinheiro, logo perceberam uma fonte de renda extra, ao alugarem suas edículas. Os locatários não exigiam qualquer papel para que os sujeitos se instalassem em seus imóveis, e nos fundos de quintal sem maiores formalidades. Bastava a palavra. Antes da chegada dos artistas, o próprio sistema de compra nas mercearias era feito pela caderneta. A dívida em confiança incluía não só a mercearia ou o aluguel, mas o bar. Evidentemente, as coisas convinham aos dois lados (SQUEFF, 2002, p. 77-78).

No tempo em que começou uma nova existência como bairro, quando os barbudos começaram a invadir o fundo das casas dos antigos portugueses, a Vila tinha uma aparência modesta de cidade do interior. Não das que foram desenhadas pela arquitetura colonial, de que são exemplares as cidades mais antigas de São Paulo, mas daquelas desgraciosas, com um quê de bairro periférico de certos centros urbanos não industrializados. Por não ter sido um bairro industrial, mas apenas uma paragem hortifrutigranjeira em meio à cidade grande, muito do que a Vila Madalena sofreu, ao se transformar, foi paulatinamente um enfeamento (SQUEFF, 2002, p. 195).

A linha de bonde nº 28 Vila Madalena, e a que tinha o ponto final na Rua Purpurina foram desativadas no ano de 1968 junto com todas as linhas da capital. De imediato foi colocada pela Companhia Municipal de Transportes Coletivos – CMTS uma linha de ônibus Praça Ramos de Azevedo / Vila Madalena, ligando o Bairro ao centro da cidade.

A Vila possui uma Escola de Samba, a Pérola Negra. Formada da união de sambistas da Escola de Samba Acadêmicos de Vila Madalena e do Bloco Boca das Bruxas, localiza-se na Rua Girassol e foi fundada em 07 de agosto de 1973. Suas cores são vermelho, preto, azul e branco.

Existem duas versões para a origem do nome da escola. Uma delas, conta que os fundadores tinham a visão da Pérola Negra ser uma jóia rara, e que com isso, deram o nome à escola, referindo-se “A Jóia Rara do Samba”. A outra versão,

é que seu fundador deu a sugestão do nome, pois estava observando uma garrafa de cerveja com o nome Pérola Negra.

Sua estréia no Carnaval Paulistano ocorreu no ano de 1974, com o tema enredo "Piolim, Alegria, Circo, História", dando à escola seu primeiro título de Campeã do Grupo III. Em 1975, contagiaram a avenida com o enredo "A São Paulo de Adoniran", resultando no título de campeã do Grupo II. Com o enredo "Portinari, Pintor do Povo" em 1976, foi novamente campeã e passou a fazer parte do Grupo Especial do Carnaval Paulistano. A letra do hino da Pérola Negra foi composta pelo poeta Pasquale Nigro, sendo também um dos idealizadores da escola e morador da Vila Madalena.

A escola tem onze participações no Grupo Especial, sendo a primeira vez no ano de 1977 permanecendo até 1981. As outras participações se deram em 1983, 1990, 1996, 2001, 2007 e 2008. No entanto, a escola não possui nenhum título no Grupo Especial, sendo em sua melhor colocação em 10º lugar no Carnaval de 1996, com o enredo "Navegar é Preciso".



Foto 16 - Carro alegórico da Escola de Samba Pérola Negra.

Fonte: www.gresperolanegra.com.br



Foto 17 – Pérola Negra em matéria de capa do Jornal Gazeta de Pinheiros.

Fonte: www.gresperolanegra.com.br

Tão conhecido quanto a Escola de Samba Pérola Negra na Vila Madalena, era o Sr. Armando.

Armando Rafael Colacioppo, era um simpático senhor de barba grisalha, que usava roupas leves e uma pequena bolsa tipo carteiro, repleta de bonequinhos de feltro, feitos pela sua esposa, Vera Lúcia Bertazzoni Colacioppo. Seu Armando, como era chamado possuía grande popularidade nos bares da cidade, especialmente na Vila Madalena. Seus bonecos mais conhecidos eram a Cobrinha

Azul, o Zé Celso, a Bruxinha, o Pássaro do Novo Milênio, a Dorotéia, o Marciano Erótico e o Elefante. Cada boneco custava R\$ 5,00. Este foi o seu sustento durante 35 anos como vendedor ambulante, embora fosse engenheiro formado pela USP.

Tinha dois filhos e três netos, e morava com sua esposa e cães em uma casa espaçosa comprada pelos filhos, porém, Sr. Armando educou-os até a faculdade, apenas com as vendas dos bonecos. No final de uma noite de trabalho do ano de 2007, Sr. Armando passou mal, teve um infarto e faleceu.

Piriri foi outro personagem folclórico da Vila Madalena, que se auto-intitulava como músico. Assim como Armando, também já faleceu. Era roqueiro e se vestia de forma extravagante. Negro, gay, de um metro e cinquenta e cinco, quarenta e cinco quilos e cabelos "*rastafári*". Não nasceu na Vila e não tinha residência fixa, morava e se alimentava em pensão. De acordo com os moradores mais antigos, foi uma pessoa polêmica. Fazia seu show sempre na Feira da Vila. Foi o Piriri quem mais tarde organizou o "Rock in Vila", evento sem grande repercussão, que teve duração de poucos anos. Para o evento, Piriri conseguia palco, e autorização na época da Administração Regional para fechar as ruas. Fazia tudo sozinho, não tinha o apoio de ninguém. Era um personagem freqüente nas charges que o Paulo e o Chico Caruso faziam para o jornal. Era um símbolo da Vila Madalena. Toda a vida dele, com seu histórico, ficava numa pasta. Certo dia a pasta foi roubada e era com ela que Piriri conseguia patrocínio. Sua música era um refrão que dizia: "Piriri, pororó, piriri, pororó", o resto ele completava.

Uma prova de resistência dos moradores da Vila, e que merece ser contada, foi o caso da Praça Rafael Sapienza, mais conhecida como pracinha da Rua Jericó, que por pouco teve seu terreno tomado para a construção de uma delegacia. Inicialmente, foi feito um abaixo-assinado entre os moradores e criada uma comissão para tratar com as autoridades. Aos poucos, também iam saindo notícias no jornal como forma de alerta, entretanto, os moradores perceberam que nada disso seria o suficiente para evitar que a delegacia fosse construída. Isso tudo aconteceu em 1979 e a dificuldade para lidar com as autoridades fez com que os moradores tivessem uma solução inusitada: plantaram mudas de pau-brasil na praça inteira. Isso porque descobriram que era proibido derrubar pau-brasil, uma árvore em extinção e considerada patrimônio nacional – e assim a delegacia não pôde ser construída (FLORA, 1998, p. 54).



Foto 18 - Praça da Rua Jericó. Local almejado pelas autoridades públicas para a construção de uma delegacia no final da década de 70.

Fonte: Vanessa Dantas, 2008.



Foto 19 - Árvore Pau Brasil. Ato de resistência dos moradores da Vila Madalena.

Fonte: Vanessa Dantas, 2008.



Foto 20 - Placas nas árvores com os nomes das espécies.

Fonte: Vanessa Dantas



Foto 21 - Placa do Projeto Vila Viva. Praça da Rua Jericó.

Fonte: Vanessa Dantas, 2008.

Hoje, a Praça conta com o Projeto Vila Viva, uma iniciativa do site Vila Madá (www.vilamada.com.br), com o apoio do Herbário do Departamento de Botânica do Instituto de Biociências - IB da Universidade de São Paulo - USP e da subprefeitura de Pinheiros. O objetivo é identificar as árvores não somente da Praça, mas do Bairro, proporcionando aos moradores e freqüentadores um maior conhecimento e interatividade com a diversidade de espécies existentes. Para tanto, numa primeira fase, realizada no ano de 2006, foram identificadas 150 espécies diferentes na referida Praça, assim como nas ruas próximas. As espécies foram identificadas com placas contendo o nome científico e vulgar e a procedência da árvore. Já no site Vila

Madá, é possível encontrar mais informações, como as características de cada planta, a época de florescimento, a forma de polinização, além de fotos da floração e de frutos. Os idealizadores do projeto esperam desdobramentos futuros, como o envolvimento dos comerciantes locais, das escolas e da própria Prefeitura, e a realização posterior no site de um mapa de localização das árvores.

Há quem diga que a novela “Vila Madalena”, da Rede Globo, devido a sua projeção nacional, beneficiou os empreendimentos imobiliários. Sua exibição se deu no ano de 1999, entretanto, a maioria dos moradores e conhecedores do Bairro a criticam pela superficialidade em que a Vila foi tratada.

Além da novela, a Vila Madalena foi retratada também no filme “O Príncipe” (2001), do diretor Ugo Giorgetti. No filme, o cineasta recupera a memória da cidade vinte anos mais nova. Traz suas transformações sociais e urbanas, muitas vezes só presentes nas lembranças de quem viveu aquele tempo e assim, propõe um clima nostálgico fazendo referência à obra de Maquiavel. Na história, depois de morar por duas décadas em Paris, o ator principal, volta a sua cidade e ao chegar à antiga casa na Vila Madalena se depara com os bares, guardadores de carros, bêbados e até policiais perseguindo bandidos, personagens comuns nos dias atuais e, no entanto, estranhos a ele.

O primeiro projeto voltado para a comunidade foi a Rua de Lazer, que contava com monitores voluntários que cuidavam das crianças pequenas, além de mágicos, palhaços e equilibristas. Funcionou somente por dois anos e chegou ao fim devido à falta de voluntários para sua continuidade.

A Feira da Vila Madalena seguiu os moldes da Rua de Lazer, porém foi um projeto com um alcance significativamente maior entre as pessoas. Hoje pode ser considerada como o maior evento do gênero na cidade de São Paulo, recebendo em média duzentos e cinqüenta mil visitantes a cada edição. São cerca de 600 barracas, entre artesanato e alimentação. Sua primeira edição foi realizada no dia 10 de fevereiro de 1980, na Rua Fradique Coutinho entre as Ruas Aspicuelta e Wisard, com duração de quatorze horas e público estimado de 20 mil pessoas. Devido à forte presença de artistas e intelectuais na Vila Madalena, a idéia era organizar uma feira que proporcionasse cultura e informação. Seria uma forma dos artesãos exporem seus trabalhos para a comunidade e visitantes, além de bandas de músicas divulgarem seu trabalho nos palcos instalados. O sucesso foi tão grande

que embora a intenção fosse realizá-la anualmente, somente no ano primeiro ano, foram efetuadas quatro feiras (AFONSO, 2002, p. 174-176).

Muitas atividades acontecem simultaneamente. No ano de 2008, a Feira da Vila, que vem sendo realizada uma vez ao ano, sempre em um dia de domingo do mês de agosto, chegará a sua 31ª edição. O Centro Cultural Vila Madalena é o responsável pela coordenação desde seu surgimento. Muitas Organizações Não Governamentais - ONG's participam do evento, que sempre carrega um tema, que no ano de 2007 foi "Xô Apagão!". A idéia, segundo uma das coordenadoras do evento, era propor uma reflexão para onde o país pode estar caminhando.

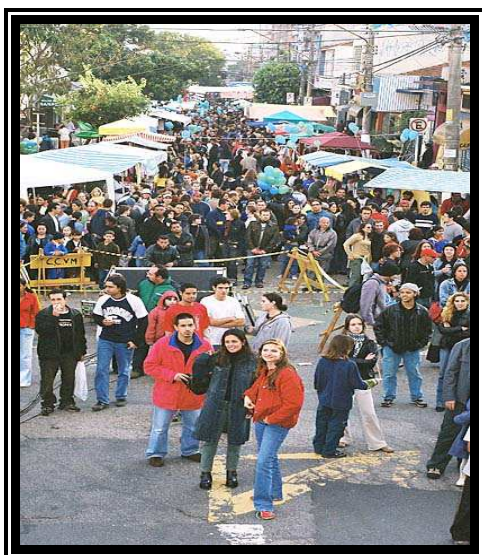


Foto 22 - Feira da Vila Madalena. Vista de um dos palcos. Barracas e multidão de pessoas.

Fonte: www.guiadavila.com



Foto 23 - Feira da Vila Madalena: rua das crianças.

Fonte: www.guiadavila.com

Nos fins de 1980, José Luiz de França Penna junto com um grupo de amigos, a fim de dar à Vila um lugar de destaque, deram início ao Centro Cultural Vila Madalena - C.C.V.M, oficializado em 1986. Suas principais atividades foram dar continuidade à Feira da Vila funcionando anualmente, além de promover campanha contra a verticalização do Bairro..

Na década de 80, a Vila teve muitos músicos instrumentistas e compositores populares – mais do que em outros lugares, em São Paulo (SQUEFF, 2002, p. 186). Segundo o mesmo autor (2002, p.76), a Vila também chegou a contar com nada

menos que seis produtoras durante certo período, além dos artistas de circo e ecologistas.

Desde então começaram a surgir bares, galerias de arte, ateliês e lojas de grife. Porém, nem tudo o que a Vila tem hoje representa o melhor que ela poderia ter: o barulho aumentou e a violência também. São poucos os que se cumprimentam na rua. E o metrô que chegou em 1998 sob o nome de “Estação Vila Madalena” não está propriamente dentro da Vila, mas a muitas quadras do seu centro, vale dizer, onde as pessoas moram, e onde funciona o melhor de seu comércio, principalmente noturno (SQUEFF, 2002, p.160).

Embora a Estação de Metrô Vila Madalena esteja localizada distante do que os moradores, de uma forma geral, consideram como “miolo” da Vila e que, por este motivo, acabam muitas vezes não concordando com a atribuição do mesmo nome do Bairro à Estação, era ali que o Rio Verde tinha uma de suas nascentes e que era segundo Afonso (2002, p. 22) “local de onde, por algumas décadas, os moradores retiravam água para beber e também servia para muitas donas de casa da região lavarem suas trouxas de roupa”.

No mais, poucos bairros hoje têm um trânsito tão intenso quanto o da Vila, pois se tornou comum, as pessoas desviarem dos fluxos mais intensos das vias principais, utilizando-a como alternativa de caminho por suas ruas estreitas. Há de se considerar também o fluxo de pessoas que faz uso do comércio ali instalado.



Foto 24 - Carros fechando o cruzamento da Rua Purpurina com Mourato Coelho. Foto tirada numa terça-feira do mês de fevereiro, por volta das 15h30.

Fonte: Vanessa Dantas, 2008.



Foto 25 - Trânsito na Vila Madalena em pleno dia de semana, início da tarde.

Fonte: Vanessa Dantas, 2008.

A Pacheco, maior imobiliária da Vila Madalena, começara com o Sr. Pacheco que já em 1969, em uma garagem, ao lado de sua casa, conseguiu algumas casas para alugar e outras para vender, e assim foi crescendo na nova profissão. No ano de 1970, seu filho Domingos Pacheco, começou a trabalhar com seu pai assumindo a responsabilidade da firma e sua filha Suely Pacheco em 1979 também passou a fazer parte da mesma (AFONSO, 2002, p.71).

A Pacheco Imóveis progrediu antes que a fama de bairro boêmio fizesse a bolsa imobiliária da Vila subir. Porém, sua trajetória e seus lucros já eram expressivos no início da década de 70 (SQUEFF, 2002, p. 159 - 160). Hoje, atende não somente a Vila Madalena, mas toda a zona oeste da capital.

A construção civil, a transformação, o modismo que fizeram muita gente buscar a Vila, sem dúvida, tornaram-na desgraciosa – os mesmos edifícios mambembes, os postos de gasolina aparatosos, as oficinas mecânicas monstruosas, as casas de comércio improvisadas – nada do que a cidade de São Paulo não o é em quase todos os seus bairros de classe média (SQUEFF, 2002, p. 196).

Vale ressaltar que a expansão imobiliária na Vila Madalena não se aplica apenas aos imóveis residenciais. Os imóveis comerciais também vêm sendo alvo de grande especulação. Muitas vezes os espaços não são apenas locados, mas vendidos e assim, sua configuração atual é completamente alterada. Muito do comércio em geral (padarias, farmácias, oficinas etc.) já virou bar. Outros estabelecimentos surgem ocupando não o espaço de um, mas de vários, como é o caso da Padaria Villa Grano (foto 27) que ocupou o lugar de outra padaria, um bazar, um açougue e uma banca de jornal, com uma arquitetura comum aos bairros da elite paulistana.

A padaria MC (foto 26) até o fechamento deste trabalho encontrava-se fechada, em obras. Porém, não foi possível obter informações se as obras ali se referem apenas a uma reforma, ou se a mesma será transformada em mais um bar como já aconteceu em tantos outros estabelecimentos.



Foto 26 - Fachada da antiga Padaria MC, localizada na Rua Mourato Coelho.

Fonte: Vanessa Dantas, 2008.



Foto 27 - Fachada da nova Padaria Villa Grano.

Fonte: Vanessa Dantas, 2008.



Foto 28 - Padaria Letícia, filial da Rua Natingui, que pertence a um grupo de outras quatro padarias de mesmo nome, todas localizadas na zona oeste da cidade.

Fonte: Vanessa Dantas, 2008.



Foto 29 - Hortifruti Pomar da Vila na Rua Mourato Coelho.

Fonte: Vanessa Dantas, 2008.

Outro exemplo é a padaria Letícia (foto 28), que surgiu no espaço onde era o antigo açougue Lindóia. No local onde existe hoje o Hortifruti Pomar da Vila (foto 29) também com uma arquitetura que chama a atenção por sua grandiosidade, já foi um sacolão, e posteriormente um estacionamento.

Não foi possível avaliar se o fato de existir um número significativo de padarias e hortifrutis tem alguma relação com o comércio dos portugueses ou se é apenas uma tendência do comércio paulistano de elite, ou seja, a criação de padarias sofisticadas e o comércio de frutas e verduras de qualidade como opção às feiras livres e aos supermercados.

Quanto aos bares, alguns merecem destaque. Seja pela importância histórica, de uso, ou até mesmo pela “sobrevivência” destes estabelecimentos até os dias de hoje. Assim, podemos destacar o Bartolo como um dos mais antigos e que, apesar de não existir mais, faz parte da memória da Vila Madalena, senso inclusive tema de música⁷. No mesmo local, existe hoje o Zeppelin, um bar sem grande diferencial dos demais instalados na mesma Rua Aspicuelta. Tanto o Bar Empanadas quanto o Sujinho, também fazem parte do que há de mais antigo em termos de boemia na Vila Madalena. Ambos existem até hoje na mesma rua e que por muito tempo, foi ponto de encontro dos moradores. Segundo Squeff (2000, p.141) “A Vila é uma festa sem ressacas. Todos os dias alguém passa pelo Empanadas antes de ir ao Sujinho e vice-versa”. O fato é que os moradores mais antigos tinham o hábito de se encontrar em qualquer um destes dois bares.

O Sujinho ou Snacks Bar Canarinho foi inaugurado em 1978, na Vila Madalena, por Nonato de Sousa Veiga. Foi ponto de encontro de hippies, intelectuais, militantes de esquerda, e artistas. Desde a década de 80, o bar sempre foi ponto de encontro cultural e político, abrigando reuniões dos partidos de esquerda e direita, que se encontravam em horários diferentes. Nomes importantes da política nacional freqüentaram o Sujinho, que se modernizou, passando a ter toldos brancos, mesas e cadeiras novas.



Foto 30 - Bar Zeppelin. Local onde funcionou o antigo Bar Bartolo.

Fonte: Vanessa Dantas, 2008.



Foto 31 - Bar Sujinho. Hoje, repleto de vidros por todos os lados. Fechado, num domingo à tarde de sol.

Fonte: Vanessa Dantas, 2008.

⁷ Bartolo Bar, Carlo Melo, 1982. Interpretada pelo grupo Língua de Trapo.

O nome "Sujinho" surgiu devido à mania de limpeza que dono tinha, de ficar constantemente tirando as sujeiras e passando pano nas mesas, além de limpar o banheiro a toda hora. Nonato faleceu no dia 05 de fevereiro de 2007 e o "Sujinho" passou a ser administrado pelo seu filho Renato Jabor. Durante a elaboração deste trabalho o bar encontrava-se fechado, em obras, e já na véspera da entrega final o bar Primeiro da Vila foi inaugurado, no local, onde era o antigo Sujinho

O Empanadas Bar foi fundado em 08 de agosto de 1980 por um chileno e um argentino. Chamou-se Martin Fierro até a sociedade terminar 10 anos depois. Quando isso aconteceu, os sócios arrendaram o bar para três garçons que já trabalhavam lá, sendo um deles, José Robson Barbosa Cavalcanti que começou trabalhando na cozinha durante dois anos, depois tornou-se garçom por três anos e antes de ser um dos proprietários do bar foi gerente por cinco anos. O bar foi reduto de intelectuais de esquerda, além de cineastas que discutiam seus projetos de roteiros. Hoje, o público é bem eclético. Desenhos feitos por artistas que possuem ateliês na vizinhança enfeitam o teto, além de um jacaré estilizado feito pelo grafiteiro Rui Amaral.

Há também cartazes nas paredes, de filmes nacionais da década de 80 como Sargento Getúlio e Ecos Urbanos, que decoram os salões e são referências da época em que as produtoras de cinema chegavam ao bairro. Em uma de suas prateleiras, é possível até encontrar o Troféu Kikito, presente de Mário Mazzeti, um freqüentador daquela época que ganhou o prêmio pelo Melhor Som, no Festival de Cinema de Gramado.

O Empanadas oferece o salgado, de mesmo nome, em diversos sabores. O preço de cada empanada é de R\$ 3.90, sendo assados por mês uma média de 25 a 30 mil salgados. Durante a elaboração desta pesquisa, no dia 14 de maio de 2008, o bar Empanadas foi lacrado por falta de alvará e permaneceu fechado por quatro dias. A multa foi de R\$ 2.277.

Destaca-se, porém, algumas modificações físicas ocorridas nestes estabelecimentos. Tanto no Sujinho, quanto no Empanadas, foram colocados vidros para minimizar os problemas de barulho, transformando estes estabelecimentos em verdadeiros "aquários". O Empanadas, assim com outros tipos de estabelecimentos da Vila, cresceu de tal forma que se estendeu por onde antes era uma farmácia e uma oficina técnica de eletrodomésticos.



Foto 32 - Mercearia São Pedro. Muito freqüentada pelos moradores.

Fonte: Vanessa Dantas, 2008.



Foto 33 - Bar Empanadas. Tomado pelos vidros como forma de minimizar o barulho.

Fonte: Vanessa Dantas, 2008.



Foto 34 - Bar Empanadas. Um dos mais antigos e famosos bares da Vila Madalena.

Fonte: Vanessa Dantas, 2008.

Assim, alguns moradores mais antigos acabam preferindo outras opções, como o Jacaré, Bar do Sacha, Platibanda⁸, Mercearia São Pedro, e Piratininga. Seria possível adentrar a história de cada um deles, mas como o foco *a priori* não é esse, optou-se apenas por mencioná-los.

Um trato mais especial, entretanto, além do Sujinho e do Empanadas por serem os mais antigos, vai para a Mercearia São Pedro, devido sua originalidade. Inaugurado em 1968, na Rua Rodésia, nº34, em pouco tempo teve um bar anexado à mercearia. Em 1980 colocou mesas na calçada e em 1987 passou também a funcionar uma vídeo-locadora e posteriormente uma mini livraria. Desde 1996 serve refeições gerando bastante movimento durante todos os dias da semana. Até os dias de hoje, é possível encontrar tudo o que vendia desde a sua inauguração: sabão em pó, arroz, feijão entre outros itens (AFONSO, 2002, p. 160-161).

Em livro organizado por Magnani e Souza (2007) são abordados os diversos grupos de jovens existentes na cidade de São Paulo, nesse conjunto de etnografias, Borges e Azevedo (2007) ressaltam o perfil do grupo freqüentador da Vila Madalena.

⁸ O Platibanda localiza-se na Rua Mourato Coelho e pertence à mesma dona de um dos mais antigos bares da Vila Madalena e que hoje não existe mais, o Bar da Terra.

No imaginário da cidade, a Vila Madalena apresenta como perfil marcante o predomínio de grupos considerados “alternativos” e “intelectualizados”. Junto com os bares e casas noturnas, encontram-se cinemas com uma programação diferente da oferecida no circuito comercial, livrarias, ateliês, lojas e oficinas de arte, restaurantes diversificados, feiras de antiguidades ou consideradas “alternativas”, ONGs, associações diversas, entre outras coisas. [...] Há um clima próprio de espaços que prometem oferecer aquilo que é tido para alguns grupos como *cult*, *cool* e, também, *roots*, estrangeirismos que fazem parte do cotidiano da grande cidade e são utilizados livremente pelos jovens [...] essas três expressões juntas se aproximam de algo que é bacana, de “vanguarda”, ligado à chamada “alta cultura” e, ao mesmo tempo, com raízes identificáveis, próximas de certas “purezas” e, em alguns casos, daquilo que no momento é eleito como “genuinamente nacional (BORGES E AZEVEDO, 2007, p.85).

O artigo contrapõe o público freqüentador predominante da Vila Madalena, com o do bairro da Vila Olímpia que se caracteriza como ponto de referência para o público apreciador da moda vendida em *shopping centers*, desfiles de roupas, revistas e jornais de grande circulação. O imaginário construído em torno da região da Vila Olímpia, portanto, é outro: ela é tida como o *locus* daqueles que detêm o poder econômico na cidade, são socialmente “privilegiados”, usam roupas de grife e têm o carro do ano (BORGES e AZEVEDO, 2007, p. 85). Vale lembrar, conforme já exposto no presente estudo, que o Bairro da Vila Olímpia pertence ao Distrito do Itaim Bibi que, por sua vez, também faz parte da subprefeitura de Pinheiros, tal como o Bairro da Vila Madalena.

Interessante observar que quando um espaço assim demarcado torna-se ponto de referência para distinguir determinado grupo de freqüentadores como pertencentes a uma rede de relações, Magnani (2002) o caracteriza como “pedaço”. O autor coloca que não é difícil reconhecer a existência de pedaços em regiões centrais da cidade. Em outros pontos, porém, usados principalmente como lugares de encontro e lazer, como no caso a Vila Madalena, há uma diferença com relação à idéia original de “pedaço”: diferentemente do que ocorre no contexto da vizinhança, os freqüentadores não necessariamente se conhecem – ao menos não por intermédio de vínculos construídos no dia-a-dia do bairro – mas se reconhecem como portadores dos mesmos símbolos que remetem a gostos, orientações, valores, hábitos de consumo e modos de vida semelhantes (MAGNANI, 2002, p. 48 - 49).

Assim, com base na imagem construída pelo senso comum de que a Vila Madalena possui determinadas peculiaridades que a diferenciam de outros bairros

da cidade, e ao mesmo tempo em que se observam as inúmeras transformações ocorridas em tão pouco tempo, pode-se notar certa incoerência já que as informações muitas vezes parecem se contradizer. É como se parte desse senso comum de que a Vila Madalena é um bairro cultural, boêmio, artístico, político (essencialmente de esquerda), alternativo, liberal e intelectual, já não se aplicasse mais, estivesse saturado.

Considerando, por exemplo, o senso comum de que Vila Madalena é um bairro de esquerda, seria razoável pressupor que a maior parte dos votos do Bairro seria para o Partido dos Trabalhadores – PT. Assim, alguns dados para dar suporte a esta análise se fizeram necessários.

Vale dizer que o número total de eleitores aptos na cidade de São Paulo é 8.169.516⁹. A Vila Madalena faz parte do Cartório Eleitoral de Pinheiros, Zona 251, que possui um total de 119.142 eleitores aptos nas suas 298 seções.

A seguir, foram elencados os locais de votação que fazem parte do Distrito Eleitoral Vila Madalena, segundo o Tribunal Regional Eleitoral – TRE, com suas respectivas seções e número de eleitores aptos.

Tabela 4 - Distrito Eleitoral Vila Madalena: locais de votação, seções e número de eleitores aptos.

Local de Votação	Seções	Eleitores Aptos
EMEI Profa Zilda de Franceschi	248 ^a ; 253 ^a ; 257 ^a ; 277 ^a .	1.477
EEPG Brasília Machado	Da 202 ^a à 212 ^a .	4.655
EEPSG Carlos Maximiliano P. dos Santos	Da 185 ^a à 201 ^a .	6.956
Colégio Hugo Sarmento	Da 180 ^a à 184 ^a ; Da 213 ^a à 217 ^a ; 239 ^a .	4.753
TOTAL		17.841

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados divulgados no site do Tribunal Regional Eleitoral – TRE (<http://www.tre-sp.gov.br>)

Os únicos dados disponíveis tanto no TRE quanto na Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados – SEADE referentes aos resultados eleitorais do

⁹ Dados relativos à posição do Cadastro de Eleitores no último dia do mês de 04/2008. Tribunal Regional Eleitoral.

Distrito Eleitoral Vila Madalena são dos anos de 1982 para governador e 1985 para prefeito. Não há dados mais recentes, apenas para a Zona Eleitoral de Pinheiros.

Desde que se considere o que a Justiça Eleitoral chama de Zona Eleitoral de Pinheiros – uma classificação que claramente não define o que seria a Vila Madalena, por incluí-la entre outros subdistritos que compõem o bairro como um todo (tais como a Vila Beatriz, parte de Cerqueira César, parte do Sumaré ou mesmo Alto de Pinheiros, entre outros) (SQUEFF, 2002, p.41).

Dessa forma, optou-se aqui a apresentar os dados disponíveis do Distrito Vila Madalena das referidas eleições, e a seguir alguns dados referentes à Zona de Pinheiros, limitando às eleições para a prefeitura da capital, cuidando essencialmente de lembrar que se trata de dados mais abrangentes, já que inclui outros bairros da cidade.

Nos dois casos, foram elencados apenas os três primeiros candidatos, e seus respectivos partidos assim como o total de votos, e percentual. Não foram levantados os votos em brancos, nulos e abstenções, já que o objetivo é apenas confrontar os dados que mostram a realidade eleitoral do Bairro com a imagem construída.

Tabela 5 – Eleições para Governador do Estado/1982 – Distrito Vila Madalena: candidatos, partidos, número de votos e percentual.

Candidatos	Partidos	Nº de Votos	Percentual (*)
André Franco Montoro	PMDB	8.657	41,53
Reynaldo de Barros	PDS	4.347	20,87
Janio Quadros	PTB	3.882	18,62

(*) % de Votos sobre o Comparecimento

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados divulgados no site da Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados - SEADE / Tribunal Regional Eleitoral – TRE. (<http://www.seade.gov.br>).

O número de eleitores inscritos no referido Distrito, nas eleições de 1982 para governador foi 24.344. Compareceram 85,65% dos eleitores. Observa-se que o candidato do PT da época era o atual presidente da república, Luis Inácio Lula da Silva, que nessa eleição, obteve apenas 12,37% dos votos no Distrito da Vila Madalena, não se posicionando nem mesmo em 3º lugar. Nesta data e também nas eleições de 1985, conforme a tabela seguinte, ainda não havia segundo turno.

O número de eleitores inscritos no referido Distrito, nas eleições de 1985 para governador foi 24.467. Compareceram 85,62% dos eleitores. Destaca-se que tanto o candidato da eleição para governador André Franco Montoro, quanto o candidato para eleição municipal Fernando Henrique Cardoso, na época das referidas eleições faziam parte do Partido do Movimento Democrático Brasileiro – PMDB e posteriormente, em 1988, fundaram o Partido da Social Democracia Brasileira – PSDB. Nessa segunda eleição, entretanto, verifica-se que o candidato do PT alcança pela primeira vez a terceira posição.

Tabela 6 - Eleições para Prefeito de São Paulo / 1985 – Distrito Vila Madalena: candidatos, partidos, número de votos e percentual.

Candidatos	Partidos	Nº de Votos	Percentual (*)
Fernando Henrique Cardoso	PMDB	8.993	42,91
Janio Quadros	PTB	7.406	35,34
Eduardo Matarazzo Suplicy	PT	3.003	14,33

(*) % de Votos sobre o Comparecimento

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados divulgados no site da Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados - SEADE / Tribunal Regional Eleitoral – TRE. (<http://www.seade.gov.br>).

Em relação às eleições para a Prefeitura da Cidade de São Paulo, se analisada pelos dados da Zona de Pinheiros, verifica-se que nas primeiras disputas elencadas na tabela que segue (1988; 1992, 1º e 2º turnos; e 1996, 1º e 2º turnos), há uma predominância de liderança dos candidatos de direita, Paulo Salim Maluf e Celso Roberto Pitta do Nascimento. Os candidatos do PT aparecem sempre em 2º lugar, e do PSDB em 3º. Ocorre inversão apenas entre os candidatos do PT e PSDB no 1º turno de 1996. Verifica-se também que a partir do ano 2000, o PSDB ganha força entre os eleitores da Zona de Pinheiros, e passa a liderar a primeira posição.

Com base nas informações coletadas é possível verificar que a Vila Madalena não é verdadeiramente um reduto de petistas, como supõe o senso comum. Como já foi exposto, trata-se de um bairro de elite o que possivelmente justifica a Vila Madalena ter uma posição menos de esquerda do que parece e mais conservadora, assim como os demais bairros da cidade de mesmo extrato social, ou até mesmo da própria cidade de São Paulo como um todo.

Tabela 7 – Eleições para a Prefeitura da Cidade de São Paulo (1988 – 2004) – Zona de Pinheiros: candidatos, partidos, número de votos e percentual.

Eleições	Candidatos / Partido	Nº Votos	%
1988	Paulo Salim Maluf/ PDS	32.065	32,53
	Luiza Erundina de Souza / PT	27.816	28,22
	José Serra / PSDB	10.204	10,35
1992 / 1º turno	Paulo Salim Maluf / PDS	41.218	41,17
	Eduardo Matarazzo Suplicy / PT	27.951	27,92
	Fabio Feldmann / PSDB	8.624	8,61
1992 / 2º turno	Paulo Salim Maluf / PDS	52.633	53,60
	Eduardo Matarazzo Suplicy / PT	37.741	38,44
1996 / 1º turno	Celso Roberto Pitta do Nascimento / PPB	43.089	44,21
	José Serra / PSDB	25.452	26,12
	Luiza Erundina de Souza / PT	18.861	19,35
1996 / 2º turno	Celso Roberto Pitta do Nascimento / PPB	54.998	58,74
	Luiza Erundina de Souza / PT	30.220	32,28
2000 / 1º turno	Geraldo José Rodrigues Alckmin Filho / PSDB	32.760	33,32
	Marta Teresa Suplicy / PT	29.068	29,57
	Paulo Salim Maluf/ PPB	12.868	13,09
2000 / 2º turno	Maria Teresa Suplicy / PT	55.249	56,78
	Paulo Salim Maluf/ PPB	32.066	32,95
2004 / 1º turno	José Serra / PSDB	56.921	58,64
	Marta Teresa Suplicy / PT	22.169	22,84
	Paulo Salim Maluf/ PP	6.805	7,01
2004 / 2º turno	José Serra / PSDB	62.189	67,72
	Marta Teresa Suplicy / PT	25.730	28,02

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados divulgados no site da Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados - SEADE / Tribunal Regional Eleitoral – TRE. (<http://www.seade.gov.br>).

Um fator interessante ocorrido durante esta investigação, e que merece ser colocado, refere-se à “Livraria da Vila”, estabelecimento reconhecido não somente pelos moradores do bairro, por promover inúmeras atividades culturais e hoje possuir dois outros pontos de venda, além da matriz que se situa na Rua Fradique Coutinho. Tratando-se da primeira e principal grande livraria do bairro, inferiu-se que

seria um local importante para pesquisar as obras que tratam mais diretamente da Vila Madalena. Note que o nome da livraria não é por acaso. Assim, foram realizadas duas visitas. A primeira serviu para confirmar a existência de apenas dois livros sobre a Vila. Na segunda visita, após a recomendação de uma terceira leitura referente ao Bairro - o livro da Anna Flora “República dos Argonautas”, o atendente da referida livraria informou que seria necessário encomendar a obra, já que o único exemplar existente encontrava-se em uma das filiais, localizada no bairro dos Jardins, o que pareceu um contra-senso.

Há quem diga que a Vila Madalena vem perdendo sua identidade devido principalmente a especulação imobiliária e com ela uma nova safra de moradores, altamente elitizada. Foram inúmeros os prédios de alto padrão que surgiram nas últimas décadas, substituindo as casas construídas pelos portugueses durante a constituição do bairro.

Assim, muitos moradores mais antigos já deixaram o bairro, tanto pelo alto valor dos alugueres e, portanto, a dificuldade de permanência, quanto pela oportunidade de venda dos imóveis que possuíam preços convidativos, além de inúmeras outras questões já discutidas ou ainda passíveis de discussão aqui nesta pesquisa.

A Vila Madalena como criação coletiva certamente é ainda hoje uma construção. As cidades são construções, por isso mesmo, no entanto, ao contrário dos homens (e das mulheres) que as fazem, duram o tempo que a indústria de construção civil não calcula, ou se recusa a calcular (SQUEFF, 2002, p. 205).



Foto 35 - Verticalização de alto padrão na Vila Madalena.

Fonte: Vanessa Dantas, 2008.

Entretanto, é importante ressaltar que há disparidade sócio-econômica na Vila Madalena. Como exemplo, nas Ruas Fradique Coutinho, Rodésia, Fidalga ou Girassol é possível encontrar no mesmo quarteirão moradias de alto poder aquisitivo e outras extremamente humildes, verdadeiros casebres típicos de regiões periféricas da cidade. Porém, estas de origem mais simples tendem a desaparecer dando lugar a propostas mais elitizadas.



Foto 36 – Autoconstrução na Vila Madalena. Rua Fradique Coutinho.

Fonte: Vanessa Dantas, 2008.



Foto 37 - Casa com cartaz "vende-se tudo usado". Rua Fidalga.

Fonte: Vanessa Dantas, 2008.



Foto 38 - Condomínio de casas "Vila Fidalga", localizado em frente à casa da foto nº 37. Possui uma das vistas mais privilegiadas da Vila Madalena.

Fonte: Vanessa Dantas, 2008.

É possível que a Vila Madalena esteja passando pelo processo de “gentrificação”, “*gentrification*”, ou “enobrecimento”, pois, embora a gentrificação seja um fenômeno eminentemente ligado ao contexto urbano do mundo anglo-saxão, é

possível que tenha se manifestado de forma peculiar nas metrópoles latino-americanas pelo também peculiar formato que atribuem a uma expressão do capitalismo contemporâneo na estrutura destas cidades.

Gentrification – ou “enobrecimento” -, em que geralmente áreas centrais da cidade são revitalizadas e passam a ser habitadas por grupos sociais de maior poder aquisitivo, com tendência à criação de novos enclaves residenciais e à expulsão dos moradores originais, de baixa renda ou de origem étnica distinta daquele dos novos moradores (cf. HARVEY, 1992; ANDERSON, 1990; ZUKIN, 1996 apud FRÚGOLI, 2000, p. 22)

O fato é que na Vila Madalena em decorrência da supervalorização dos imóveis e do aumento dos preços dos alugueres, parte da população de baixa renda se viu obrigada a deixar o bairro, o que pode ser chamado de expulsão indireta.

Entretanto, por vezes, a expulsão se dá também de forma direta, através de despejos por determinação judicial, ou seja, em cumprimento de leis que regem o estado de direito. Nestes momentos o Estado age de acordo com os interesses dos grupos imobiliários, nos quais o uso do poder repressivo seria direcionado contra a atuação de movimentos sociais. Um exemplo claro na região em questão, seria a desapropriação, já comentada, da favela Djalma Coelho, que existia nas imediações das ruas Fidalga e Girassol.

A expulsão desta população pode fazer com que ela perca o acesso aos equipamentos e à infra-estrutura urbana, caso encontre acesso à moradia apenas nas periferias extremas.

No caso de São Paulo, que tradicionalmente apresenta periferias pobres e áreas centrais ricas, o fenômeno se verifica naqueles bairros centrais que sofreram um abandono histórico das elites locais, assim como do Estado, e foram ocupados por classes populares ao longo da segunda metade do século XX. Assim, tais bairros têm sido palco de um conflito entre Estado, mercado e classes populares pela permanência ou pela requalificação do lugar.

Como um exemplo de requalificação da Vila Madalena, está o projeto do *boulevard* da Rua Aspicuelta. Segundo notícia do jornal O Estado de São Paulo, de 25 de novembro de 2007, a Vila Madalena vai ganhar o primeiro projeto criado especificamente para amenizar os problemas entre os bares e a vizinhança. Calçadas serão refeitas e mudanças urbanísticas se espalharão por dez vias dentro do quadrilátero formado pelas Ruas Wisard, Harmonia, Aspicuelta e Mourato

Coelho. O projeto está orçado em R\$ 1,2 milhão, e deverá ser financiado em parte pela subprefeitura de Pinheiros, que tocou o projeto em conjunto com empresários do bairro e moradores, e por uma grande fabricante de cerveja. A idéia é copiar a repaginação da Oscar Freire, nos Jardins, e da Avanhadava, no centro. Ambas tiveram as calçadas alargadas e contam agora com um novo paisagismo, bancado por empresas privadas.

[...] dada à falta crescente de recursos por parte do poder municipal, vários espaços públicos vêm sendo cada vez mais geridos por um *pool* de organizações privadas, que cuidam não só da manutenção, como algumas vezes introduzem mudanças arquitetônicas que favorecem o uso por parte de grupos sociais mais privilegiados. Dessa forma, os patrocinadores desses espaços – em geral poderosos grupos econômicos – têm o poder de impor determinada forma de utilização, o que resulta numa espécie de cultura pública cada vez mais privatizada (ZUKIN, 1995 apud FRÚGOLI, 2000, p.24).

Em troca, os empresários da Vila Madalena envolvidos no projeto já entraram com pedido na Câmara Municipal para conseguir, durante o verão e feriados prolongados, um 'alívio' nas leis que limitam o funcionamento dos bares na madrugada, já que não é permitido colocar mesas na calçada depois da meia-noite em virtude do barulho.

Squeff (2002, p. 39) indaga sobre as particularidades da Vila Madalena e se encarrega de responder “A Vila Madalena tem algo de diferente e não tem. Essa talvez seja a constatação que qualquer um faz em apenas alguns anos de convivência com a sua geografia e com a sua gente”.

Apresenta ainda um episódio de que certa vez ele próprio estava pintando na rua, com seu cavalete e tintas, ao entardecer, quando foi abordado por uma senhora, de aproximadamente 70 anos que queria saber se ele fazia grafites. Ela desejava decorar o muro de sua casa. O autor disse que não tinha técnica, mas recomendou o nome de um sujeito que já fazia grafite na própria Vila Madalena. O episódio, entretanto, estabeleceu para ele a tal diferença, afinal, em quantos bairros de São Paulo alguém com idade de 70 anos pediria a um artista plástico que pintasse o muro branco de sua casa com figuras ou até mesmo possíveis invenções quase abstratas? Ele concluiu que poucas (SQUEFF, 2002, p. 43-44).

Em meio às tantas andanças pela Vila Madalena para a realização da pesquisa, algo combinado com tal episódio aconteceu, em pleno sábado de

carnaval, durante um almoço no Bar e Restaurante Genésio, localizado na Rua Fidalga. A pesquisadora ao sentar numa mesa na calçada, observou a existência de duas casas geminadas, sendo que apenas uma havia sido comprada por uma construtora juntamente com o terreno ao lado. Ambos estavam com tapumes. Na outra havia gente morando, inclusive com movimento naquele dia. Logo ocorreu que com a demolição da casa comprada pela construtora, a estrutura da casa vizinha seria abalada, ou seja, provavelmente o morador terá que ceder à construtora e mudar-se dali. Foi tirada uma foto, afinal, tratava-se de mais uma prova do processo de verticalização que a Vila Madalena vem passando, e já discutido anteriormente neste capítulo.



Foto 39 - Casas geminadas. Rua Fidalga. Tapume da construtora cobrindo o imóvel e terreno ao lado.

Fonte: Vanessa Dantas, 2008.



Foto 40 - Pichadores (ou grafiteiros?) fazendo "arte" nos tapumes. Transformação em plena luz do dia.

Fonte: Vanessa Dantas, 2008.

Em poucas horas, chegaram uns pichadores (ou grafiteiros?) e começaram a fazer “arte” nos tapumes a luz do dia. E assim continuaram por um longo período da tarde, de forma que ao final do dia aquele cenário já estava completamente

transformado sem que despertasse qualquer estranhamento aos passantes, moradores, clientes dos bares da rua, enfim de qualquer pessoa presente ali na Vila Madalena. É como se aquele espaço fosse realmente deles, “os artistas do muro” efetivamente se sentiram em casa.

Outra peculiaridade merecedora de destaque se refere à inauguração no início de 2008 do primeiro albergue na Vila Madalena. A Casa Club Hostel Bar abriu com a intenção de ser uma opção de hospedagem econômica aos turistas e viajantes que passam por São Paulo, principalmente jovens que buscam o turismo cultural.

Os donos do estabelecimento afirmam que criaram o *hostel* a partir de suas próprias experiências como viajantes, e optaram pela Vila porque segundo um deles “nenhum outro bairro reúne localização e uma grande variedade de opções de lazer e cultura como a Vila Madalena. Nela, há centros culturais e eventos, muito valorizadas pelos turistas”.

A Casa Club Hostel Bar tem capacidade total para 36 hóspedes, onde as suítes permitem uma integração entre os mesmos, podendo optar-se por uma suíte coletiva mista com 16 ou 8 camas, uma suíte coletiva feminina com 6 camas ou por uma suíte particular para grupos de até 6 pessoas. O *Hostel* ainda possui *solarium*, bar e internet *Wi-Fi*.

Para as suítes coletivas, mista ou feminina, a diária custa R\$ 35,00 por cama. Já a suíte privativa, o preço irá variar de acordo com o número de pessoas que compartilharão o quarto, podendo custar desde R\$ 35,00 até R\$ 110,00 por pessoa. A diária inclui travesseiro antialérgico, roupa de cama, toalha de banho, armário pessoal no quarto, café da manhã, internet sem fio, ferro e tábua de passar, guarda-malas, limpeza diária e horários flexíveis para entrada e saída no *hostel*, sendo o horário normal 14h00 para entrada e 12h00 para saída. O estabelecimento localiza-se na Rua Mourato Coelho.

Entretanto, em meio a tantas transformações, Squeff (2002, p. 196) acredita que “independentemente do que foi feito com a Vila Madalena nesses últimos anos, há uma aura que a faz atraente”.

Neste primeiro capítulo, foram discutidas as questões geográficas e históricas a respeito da Vila Madalena, ressaltando algumas das transformações ocorridas no bairro em questão, evidenciadas por meio de fontes secundárias, bibliografias direcionadas e observações decorrentes das visitas de campo. No capítulo 2,

objetiva-se esboçar uma discussão teórica sobre algumas questões referentes ao presente tema de pesquisa, especialmente no que se refere ao papel da memória na constituição das imagens do bairro, assim como objetiva-se discutir até que ponto as imagens correspondem a representações individuais ou coletivas sobre um mesmo objeto, no caso o bairro em questão.

Eu fui à Vila Madalena apanhar minha pequena
 Prum programa legal, pegar uma tela e o escambau
 E na Fradique Coutinho entrei lá no Sujinho
 Pra me ambientar, a inteligencia toda lá
 E quando fui entrando, fui logo morando
 Um papo diferente, na mesa de um livre docente
 Ele defendia uma tese esdrúxula, paradoxal:
 - Levando-se em conta o alcoolismo crônico de Scot Fitzgerald
 E a homossexualidade imanente de Proust
 Temos, pois, que $E = M^2$, morô?
 Me encostei no balcão e feito um espião observei o alarde
 Só dava Freud e Thomas Hardy
 Eu fui me irritando, e o papo piorando
 Pura citação, de Baudelaire até Platão
 E tome Kurosawa, e tome James Joyce
 E tome Hemingway, é tanto nome que nem sei
 Saí meio grogue, chamando Van Gogh de Galileu Galilei
 Jorge Goulart de Nora Nei
 Eu sou um erudito de alto gabarito intelectual
 Leio Camões no original
 Sou pós graduado, formei-me advogado pelo telefone
 Via Embratel pela Sorbonne
 Assino o Estadão, sou da oposição
 Abaixo o sistema, já critiquei até cinema
 Eu vou em gafeira, me amarro no Gabeira
 E tô desempregado
 Um dia eu chego a Jorge Amado
 Voltei àquela bodega com uma raiva cega
 E cuspiendo prego
 Me alteraram o super-ego
 E fui logo citando, no estilo Marlon Brando
 Uma frase em latim:
 - Homus obispus James Dean
 Os caras se borraram e já me contrataram para lecionar
 Como professor titular
 Na universidade da nossa cidade
 O idioma latino
 - Data vênia, Hare Krsna, como anda bem o nosso ensino!

Trilogia da Vila Madalena – Ouriço na Vila – Língua de Trapo
 (MELO; DOMÊNICO, 1982).

2 REFLEXÃO SOBRE UM TEMA DE PESQUISA: MEMÓRIA, IMAGENS E REPRESENTAÇÕES

O intuito deste capítulo, em consonância com o objetivo geral desta pesquisa, é apresentar o referencial teórico e metodológico utilizado para o seu desenvolvimento. Alguns autores que trabalham memória, imagem e representação, ou que discutem as implicações do uso desses conceitos, serviram como aporte teórico do presente estudo e, serão aqui apresentados. Como objetivo geral, buscou-se na trajetória do Bairro em questão, identificar as marcas produzidas pelas transformações quer sejam espaciais, sociais, econômicas entre outras, e o seu reflexo nas edificações e nos habitantes.

Para isso recorreu-se ao discurso livre dos moradores sobre o Bairro e sua história através da memória dos acontecimentos, das imagens e das representações produzidas nos habitantes de extração social semelhante.

Vale esclarecer que dentre as possibilidades de conceituação e estudo da memória, optou-se pelo sentido original do termo, ou seja, a capacidade humana de guardar no cérebro impressões das experiências vividas. Ressalta-se, portanto, que não se pretendeu escrever uma obra sobre memória, mas colher as memórias de alguns moradores da Vila Madalena, no sentido de acessar as lembranças de fatos mais antigos, e assim verificar de que forma se constituem as representações dos moradores sobre o Bairro. Nesse sentido, parte-se da idéia central de que o Bairro encerra as diferentes fases do desenvolvimento urbano.

Dessa forma, intencionando a produção de fontes orais, foram coletados depoimentos de moradores que vivenciaram as transformações ocorridas no Bairro, principalmente nas últimas décadas, a fim de verificar o que sobrou da vida que eles conheceram, e compor a imagem da Vila Madalena.

Dentre alguns autores estudados, Halbwachs (2004) merece destaque no estudo da memória, principalmente, por considerar que a memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva, posto que todas as lembranças são constituídas no interior de um grupo, a origem de várias idéias, reflexões e sentimentos que atribuímos são, na verdade, inspiradas pelo grupo.

Portanto, cada memória individual, construída a partir das referências e lembranças próprias do grupo, é um ponto de vista sobre a memória coletiva (BOSI,

1994, p. 413). As lembranças podem, a partir desta vivência em grupo, ser reconstruídas ou simuladas.

Assim, o depoimento coletado, ainda que individualmente, freqüentemente toma como referência pontos externo ao sujeito. O suporte em que se apóia a memória individual encontra-se relacionado às percepções produzidas pela memória coletiva e acrescentadas pela memória histórica (HALBWACHS, 2004, p. 57-59). Portanto, a memória individual não está isolada.

A memória apóia-se sobre o “passado vivido”, o qual permite a constituição de uma narrativa sobre o passado do sujeito de forma viva e natural, mais do que sobre o “passado apreendido pela história escrita” (HALBWACHS, 2004, p.75).

Dessa forma, é possível criar representações do passado assentadas na percepção de outras pessoas, no que se imagina ter acontecido ou pela internalização de representações de uma memória histórica.

A lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada (HALBWACHS, 2004, p. 75-76).

Para Bosi (1994, p. 55) “na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado”. A lembrança é, portanto, uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual.

Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas idéias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, *no presente*, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista (BOSI, 1994, p.55).

As lembranças podem, portanto, ser simuladas ao entrar em contato com as lembranças de outros sobre pontos comuns, já que dessa forma acaba-se por expandir a percepção do passado, contando com informações dadas por outros indivíduos de um mesmo grupo.

A lembrança é a sobrevivência do passado. E o passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagens-lembrança (BOSI, 1994, p. 53) que são justamente fragmentos da memória em si que se atualizam em função do interesse à ação. Sendo assim, quando há lembrança de uma imagem (fato/acontecimento) é porque se busca em algum lugar da memória aspectos que configuram o reconhecimento de uma situação passada em relação às ações atuais sobre os objetos. Portanto, dessa memória que força a buscar no fundo de percepção o reconhecimento das lembranças, destacam-se as imagens-lembrança.

Sob forma de imagens-lembranças, todos os acontecimentos de nossa vida cotidiana à medida que se desenrolam; ela não negligenciaria nenhum detalhe; atribuiria a cada fato, a cada gesto, seu lugar e sua data. Sem segunda intenção de utilidade ou de aplicação prática, armazenaria o passado pelo mero efeito de uma necessidade natural (BERGSON, 1990, p. 62).

E ainda, se os indivíduos sempre constroem seu passado de acordo com preocupações e situações estabelecidas no presente, isto não quer dizer que este presente não contenha experiências ou traços do passado incapazes de serem percebidos em sua totalidade (SANTOS apud COSTA, 2006, p.03).

Destaca-se que a memória coletiva é pautada na continuidade e deve ser vista sempre no plural, ou seja, como memórias coletivas, justamente porque a memória de um indivíduo, de um país, cidade, ou Bairro, como tratado no presente estudo, está na base da formulação de uma identidade, em que a continuidade é vista como característica marcante.

A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (POLLAK, 1992, p.5).

À 'identidade' aproximam-se então as questões sobre memória, pois ambos possuem como motivação a capacidade de 'lembrança':

Isto significa que lembrança não é uma questão de experiência própria de alguém ou de tempo, mas de espaço social em sua especificidade, mais dependente de símbolos, relíquias e tabus da estrutura social do presente e que da narração das coisas passadas ou históricas. A lembrança reconstrói, assim, uma visão de um passado significativo computando partículas insignificantes da própria memória do indivíduo com os símbolos e as estruturas comunicativas importantes no grupo social ao qual pertence e, com isso cria a 'sensação de identidade', que é identidade social desde o início (NIETHAMMER apud COSTA, 2004, p. 2).

Lembrar é muito mais uma atividade do presente do que apenas deslocar para o presente os fatos já vividos. Rememorar não é o mesmo que viver novamente o passado, pois depende da releitura do sujeito que a produz, numa sociedade que se diferencia daquela à qual se refere à lembrança. A memória reescreve a realidade vivida pelo grupo e as lembranças são imagens construídas, que produzem o conjunto das representações dos entrevistados e adquirem um caráter coletivo (BOSI apud LUCENA, 1999, p. 81).

Para o estudo da imagem, a escolha da obra de Lynch (1982) se justifica não somente enquanto referencial teórico, mas como balizamento no uso do método por ele adotado objetivando a composição da imagem da Vila Madalena gerada pela percepção do morador entrevistado. Portanto, sua grande contribuição se deu, principalmente, por meio das pesquisas empíricas trabalhadas em sua obra publicada pela primeira vez em 1960, onde foram construídos mapas mentais pelos moradores de três cidades norte-americanas - Boston, Jersey City e Los Angeles, de modo a apresentar como os indivíduos observam, percebem e transitam no espaço urbano, ou seja, Lynch criou uma espécie de exercício de imaginabilidade da forma urbana a fim de demonstrar o valor potencial deste conceito como forma de orientação para a edificação e reconstrução das cidades.

Vale ressaltar que seu método serviu de inspiração para a presente pesquisa, entretanto, não houve a pretensão de repetir na íntegra o modelo proposto, apenas parte desse modelo foi adaptado no intuito de construir o mapa da Vila Madalena de cada entrevistado, assim como sobrepor os resultados no que se refere apenas aos limites do Bairro já que, como citado no capítulo anterior, não há na cidade de São Paulo a delimitação oficial de seus bairros.

Considerando que a cidade é uma construção no espaço e cada cidadão possui diversos pontos de associação com algumas partes de sua cidade, o morador pode construir uma imagem dos espaços urbanos através de lembranças e de

impressões diariamente vividas no contexto citadino. Daí o discurso de memória alcançar tamanha importância para o estudo apresentado, já que “o tempo e o espaço estão na memória e apresentam-se sob a forma de imagens” (LUCENA, 1999, p. 82).

Para Lynch (1982), uma cidade poderia ser considerada coerente quando seus bairros, marcos e vias pudessem ser facilmente abstraídos em um modelo mental. A imagem mental concentra-se na legibilidade da paisagem das cidades. A legibilidade, portanto, de uma cidade é um fator importante para o cenário urbano.

Os elementos físicos relativos à forma de um espaço e que determinam a imagem da cidade são reconhecidos pelo autor como: vias, limites, bairros, cruzamentos e pontos marcantes (LYNCH, 1982, p. 58-59).

Para o mesmo autor, as imagens do meio ambiente resultam da relação entre o observador e o seu *habitat*, seu meio. Entretanto, o sentido que ele dá para o que vê pode variar entre diversos observadores e estas diferenças dependem das suas características individuais, mas também dos conhecimentos/aprendizagens/preferências que são sociais e culturais.

A imagem do meio ambiente é o resultado de um processo bilateral entre o observador e o meio. O meio ambiente sugere distinções e relações, e o observador – com grande adaptação e à luz dos seus objetivos próprios – *selecciona*, organiza e dota de sentido aquilo que vê. A imagem, agora assim desenvolvida, limita e dá ênfase ao que é visto, enquanto a própria imagem é posta à prova contra a capacidade de registro perceptual, num processo de constante *interacção*. Assim, a imagem de uma dada realidade pode variar significativamente entre diferentes observadores. (LYNCH, 1982, p. 16)

Nestas imagens interagem os fatores culturais e psicológicos que afetam a percepção de cada indivíduo que, de certa forma, soma à realidade captada sensorialmente, um imaginário próprio, formado por arquétipos e condicionantes sócio-culturais, ou de ordem profissional/educacional (PADOVANO, 1987, P. 14)

Convém ressaltar que a percepção mental apreendida pelo indivíduo, suas avaliações e preferências sobre o ambiente, embora de caráter subjetivo e também sociocultural, entre aqueles que compartilham situações semelhantes no tempo e no espaço, que vivenciam as mesmas experiências perceptivas, tendem a formar imagens mentais semelhantes. Para Lynch (1982, p. 57) “parece haver uma imagem pública de qualquer cidade que é a sobreposição de muitas imagens individuais”.

Essa análise torna-se especialmente interessante, pois conforme já mencionado, não há como eximir o trabalho da memória coletiva, além dos traços da história do lugar que por vezes são recriados, atualizados em entrelaçamentos entre vivências, práticas e representações. Nesse sentido, é interessante observar o tipo de relação que o usuário estabelece com este espaço, a memória e seus significados segundo as imagens e representações daqueles que circulam no lugar.

A paisagem desempenha, também, um papel social. O ambiente identificado, conhecido de todos, fornece material para lembranças comuns e símbolos comuns, que unem o grupo e permitem a comunicação dentro dele. A paisagem funciona como um sistema vasto de memórias e símbolos para a retenção dos ideais e da história do grupo (LYNCH, 1982, p. 140).

Nesse contexto, é a relação que o indivíduo mantém com o espaço que o cerca, o que mais influencia na sua forma de uso, significação e valorização. Portanto, é sobre essa ligação que precisamos reconhecer suas marcas histórias e o que esse espaço representa na memória coletiva de seus habitantes.

Assim, destaca-se que nesta proposta os “mapas mentais” foram de grande importância, pois são representações do espaço elaboradas em imagens pelos próprios usuários. Deixados livres para representarem como quisessem o ambiente em que se encontravam e freqüentavam, destacando ou não marcos ou pontos de referência, conforme descrição mais apurada a ser apresentada.

Le Goff (1998), referindo-se à cidade e à sociabilidade que ela produz, observa que desde a cidade medieval, ela desempenha a função de encontro, de hospitalidade e de festa, em geral relacionada, essa função, a um lugar, material e simbólico que pode ser a rua ou um lugar central. Nesse sentido, o Bairro produz alternativas e nele podem-se observar práticas sociais que redimensionam o sentido da rua, mostrando uma sociabilidade multiforme.

Já o conceito de representação social decorre das análises de Durkheim sobre as representações coletivas, ou seja, fundam a idéia de que as representações são construídas pelos grupos e se caracterizam como imagens da realidade, expressões de vivências coletivas. Trata-se de representações simbólicas que, por sua vez, são imagens da realidade empírica.

O estudo das representações sociais diz respeito ao entendimento de como os indivíduos se percebem na relação com a sociedade mais ampla, como se sentem frente à realidade. A representação social trata-se do sentimento que têm sobre a realidade, as ações e informações que reuniram e transformaram em uma teoria do senso comum, apta para explicar a sua realidade a si mesma (ARAUJO, 2004, p. 51).

Para Durkheim (1970), o método não se atém apenas à verbalização dos indivíduos para representar a realidade, pois até pela disposição territorial face à realidade e suas formas organizacionais de vida são portadoras de uma ideologia que reflete as posições sociais dos grupos. Dessa forma, é preciso entender e visualizar esses grupos dentro da vivência da vida coletiva. Assim, a teoria das representações sociais está baseada na realização e análise de entrevistas qualitativas e na observação do discurso apresentado pelos informantes, conforme foi aqui proposto.

As representações, portanto, são traços da memória. Ao narrar, o morador da Vila Madalena, utilizará suas lembranças, recorrerá ao passado, construirá representações e transformará idéias e imagens em realidade, mesclando várias grandezas do tempo (LUCENA, 1999, p. 25).

Ao elaborar representações sociais, os indivíduos organizam imagens, histórias e linguagens coletadas de atos e situações que lhes são comuns. Ao vivenciar ou apenas ter conhecimento desses fatos da realidade e da natureza, eles procuram meios de reproduzi-los, porém as representações sociais não são meras reproduções da realidade. Elas vão mais além, são resultado de uma lógica natural em que os elementos são interpretados e passam por uma reconstrução, sendo-lhes atribuído um significado específico, cujos aspectos podem ser cognitivos, emocionais e afetivos (ARAUJO, 2004, p. 51).

Assim, parece seguro dizer que as representações sociais ocorrem via discurso (linguagem) e estão sempre atreladas ao social; incluem imagens, informações, experiências e conhecimentos, além dos desejos e do simbólico que estão no plano do inconsciente que podem ou não ser transmitidas e perpetuadas ao longo dos anos, dependendo das conveniências políticas, econômicas, sociais e éticas de cada momento vivido pelas sociedades (CAPARELLI, 2005, p. 25).

A cidade é o produto de uma interação permanente entre o social objetivado nas edificações, nas formas urbanas, instituições e regulamentações, e o social incorporado nos habitantes. Assim, a vida cidadina resulta da dinâmica entre essas duas formas do social numa cidade em que as linhas divisórias são uma manifestação das clivagens da sociedade (PINÇON, M. PINÇON, 2004, p.6).

Para apreensão das representações sociais, parte importante está relacionada à coleta de dados. Para tanto, foi preciso realizar entrevistas semi-estruturadas, ou seja, com um prévio roteiro de perguntas sobre o tema de interesse. Não se faz necessário, entretanto, que a entrevista se limite a este roteiro, ou seja, pode envolver outros assuntos de acordo com o entrevistado e os fatos que tem a revelar. Além disso, é necessário também o levantamento de dados “sobre o contexto social e sobre os conteúdos históricos que informam os indivíduos enquanto sujeitos sociais” (SPINK apud ARAUJO, 2004, p. 64).

Assim, a coleta das representações sociais foi feita com o auxílio de entrevistas e, portanto, centralizada nos discursos dos informantes. A apreciação deve ser cuidadosa e a sua aplicação deve envolver um número pequeno de informantes, o que acentua seu caráter qualitativo (ARAÚJO, 2004, p. 64).

Para Araújo (2004, p. 66) a metodologia usada para a coleta das representações sociais se aproxima muito dos métodos utilizados na pesquisa antropológica, assim, Magnani (1986, p. 129) julga ser importante não apenas reproduzir o que o informante diz, mas descobrir que informações e significados estão inseridos no que está sendo dito. Na mesma linha, Feldman Bianco (1987, p. 11) acredita que é preciso ir além das palavras, buscando relacioná-las com o contexto em que foram ditas e, na medida em que se tem uma quantidade de informações suficientes, o que há por trás de suas palavras, se há um subtexto, que pode dar melhor entendimento às relações e à história do grupo estudado.

A analogia das representações sociais como uma fotografia alojada no cérebro, é realmente interessante, porque dá a dimensão do significado das representações sociais para os grupos nas suas relações. Visto que, através delas, obtém-se uma imagem da realidade, com seus elementos, fatos e pessoas, todos identificados e classificados, cujo registro está na memória de todo o grupo. É a partir da imagem destes dados que os grupos têm um conhecimento elaborado, de forma coletiva, que eles vão dar um sentido e interpretar a realidade, para, na sequência, agir sobre ela em coerência com o que vêem, conhecem e interpretam (ARAÚJO, 2004, p. 51 - 52).

Nessa dinâmica de conhecer a si a partir da representação que se faz do mundo, as manifestações da representação são inúmeras, e aqui interessa particularmente, a manifestação discursiva, uma vez que estaremos tratando de depoimentos de moradores sobre a imagem que se tem da Vila Madalena.

2. 1 O Uso do Método

A escolha do método utilizado na presente investigação suscitou logo de início uma preocupação no sentido de garantir uma imparcialidade mínima com o objeto de estudo, intencionando um melhor resultado da pesquisa, em virtude da relação afetiva estabelecida e já mencionada da pesquisadora com o Bairro. Dessa forma, aproveitando a oportunidade de conversa com o Professor José Guilherme Cantor Magnani, foi colocada a necessidade da "distância" do objeto como condição para a análise. Magnani ressaltou a importância do olhar de "perto e de dentro", entretanto, sob a perspectiva de um olhar distanciado, indispensável para ampliar o horizonte da análise e complementar a perspectiva de "perto e de dentro" defendida. Enfatizou a necessidade de uma atitude de estranhamento e/ou exterioridade por parte do pesquisador em relação ao objeto. Para tanto sugeriu que a pesquisa fosse iniciada por meio de visitas de campo com o intuito de estimular tal estranhamento ao bairro. A idéia era, na medida do possível, se livrar das idéias pré-concebidas, além de incitar "um novo olhar" acerca do objeto, como bem coloca Proust, citado na obra de Morin (2000) "uma verdadeira viagem de descobrimento não é encontrar novas terras, mas ter um olhar novo" (PROUST apud MORIN, 2000, p. 107). Seria necessário, portanto, se desprender das imagens antigas.

E assim recomendou que fossem feitas caminhadas pelo Bairro – pelo efeito de estranhamento que induz - de modo a permitir treinar e dirigir o olhar para uma realidade inicialmente tida como familiar e conhecida.

Para tanto, devia obedecer a um *timing* que a distinguisse do andar apressado e alheio do usuário habitual, assim como do passeante descomprometido, permitindo seguir o fluxo do andar e parar. A recomendação era deixar-se impregnar pelos estímulos sensoriais durante o percurso (MAGNANI, 1996, p. 36 - 37).

Foram inúmeras as visitas ao bairro, sempre acompanhadas de um caderno de campo para o registro de todas as “novas” impressões, ou seja, anotações referentes a este “novo olhar”. Conversas informais com alguns moradores, carteiros e taxistas que trabalham no Bairro também foram importantes, assim como os registros fotográficos.

É evidente que na descrição dos dados, principalmente no capítulo 1 da Vila Madalena, a vivência da pesquisadora enquanto ex-moradora e freqüentadora do Bairro, os casos vividos ou ouvidos e guardados na memória, a experiência haurida pelo tempo de moradia fora do Bairro, ajudaram na construção dos conteúdos, pois por mais que se queira, não se consegue falar do bairro onde nasceu e passou toda infância, adolescência e parte da vida adulta de forma completamente isenta.

Pode-se dizer que durante meses, além das visitas de campo, buscou-se direcionar praticamente todas as saídas a lazer, à Vila Madalena. Era preciso aproveitar o tempo, pois a cada instante poderia surgir uma informação relevante, algo que agregasse à pesquisa. E, como freqüentadora assídua da Vila, mesmo depois de ter deixado de morar no Bairro, essa não foi uma tarefa difícil. Entretanto, nesse momento, não podia mais simplesmente “ver” desatentamente, sem foco, era preciso mais, era preciso “olhar”, o que supõe operar por soma, acumulação e envolvimento. Era preciso, portanto, investigar, indagar, romper a imagem, já que “os fragmentos poderiam arranjar-se num todo e oferecer a pista para um novo entendimento” (MAGNANI, 2002).

Assim, trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo, de cunho analítico-descritivo, realizada com o objetivo de observar, registrar e sistematizar os dados coletados por meio de fontes secundárias, visitas a campo com intuito de observação, e utilização de roteiro de entrevista do tipo semi-estruturado, comumente denominada de entrevista em profundidade. Sucintamente, pode-se assim resumir as etapas em que a pesquisa foi realizada:

Etapas da Pesquisa
1. Pesquisa exploratória, bibliográfica e de campo.
2. Aproximação. Caminhadas de reconhecimento, seleção de pontos significativos para identificação do bairro e suas transformações.
3. Conversas informais com moradores.
4. Levantamento de informações sobre o bairro.
5. Realização das entrevistas.
6. Transcrição das entrevistas.
7. Análise das entrevistas.

Quadro 3 - Etapas da Pesquisa.

Fonte: Elaborado pela autora.

Segundo Bauer (2002, p.68) “a finalidade real da pesquisa qualitativa não é contar opiniões ou pessoas, mas ao contrário, explorar o espectro de opiniões, as diferentes representações sobre o assunto em questão”. No caso, o assunto em questão era investigar a imagem da Vila Madalena e das suas transformações para os sujeitos que as vivenciaram de perto e continuam a residir no bairro.

O objetivo da pesquisa qualitativa é apresentar uma amostra do espectro dos pontos de vista [...] não existe um método para selecionar os entrevistados das investigações qualitativas. Aqui, devido ao fato de o número de entrevistados ser necessariamente pequeno, o pesquisador deve usar sua imaginação social científica para montar a seleção dos respondentes (BAUER, 2002, p. 70)

Para tanto, optou-se por entrevistar, num primeiro momento, apenas dois sujeitos, e após a contribuição e suporte da banca de qualificação, realizou-se mais quatro entrevistas, seguindo o mesmo roteiro semi-estruturado (apêndice I). Os critérios utilizados foram relativamente simples. O entrevistado deveria ser morador do bairro, ter fixado residência na Vila Madalena há pelo menos 20 anos, e ter idade mínima de 50 anos. Com esses critérios, buscou-se, a partir do discurso dos entrevistados, elementos que permitissem construir a imagem da Vila Madalena e as transformações ocorridas nas últimas décadas. A escolha dos entrevistados foi feita por conveniência, ou seja, pessoas da rede de relacionamento da pesquisadora e

que se adequavam aos critérios exigidos. Como o objetivo foi trabalhar qualitativamente, a partir de depoimentos orais, Bauer (2002) ressalta que a qualidade e a quantidade de entrevistas devem ser consideradas.

[...] há um número limitado de interpelações, ou versões, da realidade. Embora as experiências possam parecer únicas ao indivíduo, as representações de tais experiências não surgem das mentes individuais; em alguma medida, elas são o resultado de processos sociais. Neste ponto, representações de um tema de interesse comum, ou de pessoas em um meio social específico, são em parte compartilhadas. Isto pode ser visto em uma série de entrevistas. As primeiras são cheias de surpresas. [...] Contudo, temas comuns começam a aparecer. [...] A certa altura o pesquisador se dá conta que não aparecerão novas surpresas ou percepções. Neste ponto de saturação do sentido [...] é um sinal de que é tempo de parar (BAUER, 2002, p. 70 – 71).

Bauer (2002) também considera o tamanho do *corpus* da pesquisa a ser analisada. A transcrição de uma entrevista pode ter até 15 páginas, e a fim de analisar um *corpus* de textos extraídos das entrevistas e ir além da seleção superficial de um número de citações ilustrativas, dependendo do número realizado, é possível que o excesso ocasione uma perda de informação no relatório escrito (BAUER, 2002, p. 71). As entrevistas, portanto, deverão ser finalizadas quando os temas comuns começarem a aparecer, e for constatado, portanto, seu ponto de saturação.

Com a pretensão de analisar as representações dos moradores a respeito da Vila Madalena, optou-se pelos depoimentos orais como uma rica fonte de informações, sobretudo a respeito de como o bairro foi se transformando para chegar ao que é hoje.

A fonte oral, portanto, pode fornecer dados básicos para o desenvolvimento e a compreensão das relações estabelecidas entre os “atores sociais” e sua situação no contexto estudado, com o intuito de ampliar o conhecimento sobre o momento em questão, recuperar aquilo que não fora encontrado nos livros e complementar as informações relacionadas aos acontecimentos destacados.

A cada instante existe mais do que a vista alcança, mais do que o ouvido pode ouvir, uma composição ou um cenário à espera de ser analisado. Nada se conhece em si próprio, mas em relação ao seu meio ambiente, à cadeia precedente de acontecimentos, à recordação de experiências passadas (LYNCH, 1982, p. 11).

Vale destacar que as informações contidas nas entrevistas, por meio do depoimento oral, não são melhores nem piores, se comparadas às contidas nas fontes escritas. Elas são apenas diferentes e, como qualquer fonte, precisam ser discutidas, interpretadas, e compreendidas.

A importância das representações diz respeito ao modo como o grupo percebe a realidade que o cerca e o significado que dá a essa realidade. E o modo para se entrar em contato com essas representações é através da fala dos informantes. Devido à relevância da captação do discurso do informante para a análise das representações, Magnani (1986) chama a atenção para a individualidade de pensamento do informante. O seu discurso, as opiniões particulares vão compor um discurso que é do grupo. E, ainda que se tenha o cuidado de perceber, na fala individual do entrevistado, as nuances do que é reflexo do pensamento apenas daquele informante e o que é também produzido pelos demais integrantes do grupo, sabe-se que um indivíduo pode referir-se a uma idéia coletiva, assim como pode também expressar uma opinião pessoal sobre determinado tema. O fato é que ambas precisam ser reconhecidas, identificadas e analisadas como dimensões distintas (ARAUJO, 2004, p. 60).

Sabe-se que quando se buscam as lembranças guardadas na memória de alguns atores sociais, "constrói-se" uma cidade, aqui no caso um Bairro, de determinado momento. Cada morador tem vastas associações com alguma parte de seu Bairro, e as imagens que cada um guarda podem estar impregnadas de lembranças e significados. Portanto, cada sujeito ouvido, com suas lembranças empregadas na construção desta narrativa, guarda aspectos do Bairro de temporalidades distintas pelas mais variadas razões (NASCIMENTO, 2006, p.208).

Também não há intenção de analisar os depoimentos em confronto com fatos relatados em documentos e livros que tratem da história do Bairro, o que poderia acabar propiciando distorções e lacunas.

Os livros de história que registram esses fatos são também um ponto de vista, uma versão do acontecido, não raro desmentidos por outros livros com outros pontos de vista. A veracidade do narrador aqui no caso, portanto, não preocupa: com certeza seus erros e lapsos são menos graves em suas conseqüências que as omissões da história oficial. O interesse está no que foi lembrado, no que foi escolhido para perpetuar-se na história de sua vida (BOSI, 1994, p. 37).

Além das entrevistas, foi necessário para a execução da pesquisa, levantamento bibliográfico referente ao tema em discussão, análise dos títulos coletados, seleção dos mais pertinentes para o trabalho – com atenção às obras que tratam da história e geografia da cidade de São Paulo – pesquisa e análise dos dados apresentados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE – principalmente sobre os distritos de que a Vila Madalena faz parte, reportagens da mídia escrita, registros fotográficos, elaboração de mapas, acesso à Internet, além das visitas semanais ao bairro acompanhadas do caderno de campo, conforme já mencionado, também se fizeram necessários para um melhor aprofundamento do estudo.

Inicialmente foi feita uma especulação com os entrevistados acerca da delimitação espacial da Vila Madalena, ou seja, diante da problemática amplamente discutida no capítulo 1 referente a não existência dessa delimitação espacial oficial do Bairro, propôs-se um exercício de imaginabilidade baseado na obra de Lynch (1982) a fim de trabalhar a imagem do bairro na concepção dos moradores entrevistados.

Para tanto, foi utilizado um Mapa Base para Delimitação da Vila Madalena (conforme apêndice II)¹⁰. O mapa utilizado para o exercício, não apresenta limites distritais, essa medida foi tomada para evitar uma possível “contaminação” visual com esses limites, deixando assim o entrevistado “livre” desses delimitadores distritais e realizar a delimitação de acordo com sua percepção.

Destaca-se que foi tomado o cuidado de verificar a existência de outros trabalhos realizados usando o método de Lynch (1982), entretanto, o mais próximo que se chegou foram uma ou outra dissertação de mestrado ou tese de doutorado na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – FAU - da Universidade de São Paulo – USP, que faziam apenas menção à obra.

¹⁰ O mapa impresso em papel A3 (297 X 420 mm) foi elaborado em uma escala de 1:10.000, com a intenção de garantir que a representação cartográfica se apresentasse com abrangência suficiente para a delimitação da Vila Madalena. Todos os mapas que se referem a esta etapa da pesquisa foram elaborados por Gilberto Back na Universidade Anhembi Morumbi, no Laboratório de Planejamento e Marketing Turístico com a utilização do *software* ArcMap.

Conforme já colocado, não se buscou aqui a repetir o método de Lynch (1982), mas adequá-lo à realidade de Bairro, consistindo essencialmente em pedir ao entrevistado que, a partir do referido mapa, definisse com o uso de uma caneta, a Vila Madalena e seus limites. Foi solicitado também que o mesmo identificasse as principais ruas, espaços de uso, encontro e convívio, ou seja, “uma descrição breve das partes que o entrevistado achou mais distintivas ou vivas para a sua memória” (LYNCH, 1982, p. 153).

Para a construção do instrumento de pesquisa, ou seja, do roteiro semi-estruturado, buscou-se dividi-lo em quatro partes, cada qual com um propósito:

Divisões	Propósitos
PARTE I	Objetivo da pesquisa, identificação do entrevistado e explicação quanto ao uso do mapa.
PARTE II	Questões / Entrevista.
PARTE III	Observações relacionadas ao uso do mapa pelo entrevistado.
PARTE IV	Considerações gerais sobre a entrevista, algumas percepções sobre o “antes” e o “depois”.

Quadro 4 - Instrumento de pesquisa: divisões e propósitos.

Fonte: Elaborado pela autora.

Vale lembrar que, conforme colocado no capítulo 1, foi informado por um funcionário da subprefeitura de Pinheiros a existência de um projeto por parte da Prefeitura da Cidade de São Paulo para definir legalmente os limites dos Bairros. Entretanto, diante da falta de acesso a tal projeto e compreensão a cerca de como essa delimitação será feita, acredita-se que o uso de um método como esse, poderia ser interessante, já que a definição partiria dos próprios moradores do Bairro.

Os entrevistados foram informados também que o mapa poderia ser construído a qualquer momento (início, meio ou fim) da entrevista, assim como utilizado para qualquer explicação no decorrer da mesma, se o entrevistado assim o desejasse.

Esta entrevista foi conduzida de modo a, em primeiro lugar, pôr à prova as hipóteses de imaginabilidade; em segundo lugar, para conseguir uma aproximação às imagens públicas [...] que pode ser comparada às conclusões acerca do reconhecimento do terreno e, assim, contribuir para o desenvolvimento do *design* urbano, em terceiro lugar, desenvolver um método prático para deduzir qual a imagem pública (de uma cidade qualquer) (LYNCH, 1982, p. 153).

Assim, após a explicação dos motivos da entrevista, coleta de alguns dados pessoais constantes no roteiro proposto e orientações no que se refere à construção do mapa, com a permissão do entrevistado, o gravador era ligado tendo, portanto, seu conteúdo gravado em MP3 e posteriormente transcrito.

As entrevistas foram realizadas individualmente e todos os depoimentos foram fontes intencionais, pois o objetivo da pesquisa era explicado com toda clareza aos sujeitos. A entrevista individual ou de profundidade é uma conversação normalmente com duração entre uma hora e uma hora e meia.

As perguntas foram formuladas com a finalidade de instigar o morador a versar sobre o tema proposto. A primeira questão referia-se ao motivo da escolha da Vila Madalena enquanto local de moradia. Foi observado que todos os entrevistados ficavam muito à vontade em respondê-la, permitindo sua entrada no tema da pesquisa de forma confortável propiciando até mesmo certa empolgação. As demais questões que nortearam a pesquisa giraram em torno das principais transformações ocorridas na Vila Madalena, o tipo de relação que o entrevistado estabelece com o Bairro, o perfil do morador e da vizinhança de ontem e hoje, se há algo que difere a Vila de outros bairros da cidade, como se dá a relação entre os moradores antigos, os novos moradores e os visitantes, entre outras.

No decorrer da entrevista, foram observadas as expressões faciais e gestos, o ambiente no entorno, ou seja, qualquer aspecto não captado pelo gravador. E, neste caso, a “caderneta de campo” foi de boa ajuda. Segundo Fernandes (2005, p. 160) “É aconselhável, por fim, que se saiba das limitações da entrevista, sejam as de ordem da informação prestada ou relativas à sua duração”.

Logo nos dias seguintes às entrevistas, foram feitas as transcrições pela própria pesquisadora. Assim, foram muitas horas dos dias para transcrever as seis entrevistas realizadas.

A produção de uma transcrição consome uma enormidade de tempo. Mesmo que apenas as características de maior realce da fala sejam anotadas – tais como a ênfase e hesitação – o desenvolvimento da transcrição pode demorar até 10 horas para cada hora de material gravado, chegando a alguns casos em uma proporção de 20:1 (BAUER, 2002, p. 251).

Na maioria dos casos, os depoentes responderam diretamente o que foi perguntado, vez ou outra foram além. As entrevistas foram bastante proveitosas e também transcorreram de modo agradável, os entrevistados foram solícitos e alguns se ofereceram para outras entrevistas, ou qualquer outra contribuição, caso fosse necessário.

Após a realização das entrevistas e as devidas transcrições, é chegado o momento da análise dos discursos. Para tanto, fez-se necessário além da transcrição das entrevistas gravadas na íntegra, leitura do material com observação nas variações da fala, silêncios, contradições, além da retórica, ou seja, a argumentação do informante contra ou a favor de determinado fato. A fala dos informantes, sua história e comportamentos, assim como “a forma como foram feitas as observações e coletadas as informações” (MALINOWSKI, 1976, *apud* ARAUJO, 2004, p. 63) devem ser apresentados de modo explícito aos leitores da pesquisa.

A seguir, no capítulo 3, apresenta-se o perfil dos entrevistados, assim como os discursos coletados.

Bartolo Bar a media luz, una porraloca me seduz
Hasta me enfeitiçar
Bartolo Bar de mi amor, una empanada de couve-flor
E una cerveza pra entornar
Stalin, Trótsky y Mao
Son tratados por igual, sin ninguna destincion
Porque o que vale em Fradique
És ser mesmo beatnik, abaixo la revolucion
lo penso mesmo que não hay un ser humano
Igual ao fulano que habita la Vila
Porque en la noche, elle que és un farrista
En la manhana seguinte se tuerna un naturalista
Por esto mesmo és tan difícil definí-lo
Elle que seguramente tiene un estraño estilo
Pero se vires alguén de sandália havaiana
A fumar marijuana
Estás delante de un bicho-grilo

Trilogia da Vila Madalena - Bartolo Bar
(Una canción en lo más perfecto portunhol)
(Melo, 1982)

3 O BAIRRO DA VILA MADALENA POR ELE MESMO: ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Existe uma diferença entre o que vemos e o que descrevemos, e uma relação entre o ver e a escrita do que vemos, que é uma distância, de um entre-dois, de um interstício, de um intervalo, em suma, de uma interpretação (LAPLANTINE, 2004, p. 41).

O presente capítulo tem a finalidade de apresentar e analisar a visão dos moradores entrevistados. A idéia “foi alinhar memórias, histórias e impressões” (SQUEFF, 2002, p.14), portanto, o trabalho aqui “não consiste apenas em ver, mas em fazer ver, ou seja, em escrever o que vemos” (LAPLANTINE, 2004, p. 10). Assim, pretende-se transmitir um pouco da riqueza dos depoimentos coletados.

Para tanto, optou-se por usar *itálico* nos trechos das transcrições dos discursos dos entrevistados de forma a destacar e não confundir o leitor com as citações dos autores usados no decorrer das análises, possibilitando, dessa forma, melhor visualização.

Destaca-se que todos os entrevistados consentiram o uso de seus depoimentos para este estudo e assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (anexo I). Entretanto, optou-se aqui em citar apenas o primeiro nome, além das informações que foram consideradas como critério para a escolha dos entrevistados. Vale lembrar que, conforme citado no capítulo anterior, a escolha dos entrevistados foi feita por “conveniência da pesquisadora”, ou seja, foram selecionadas entre as indicações feitas por pessoas da rede de relacionamento da pesquisadora e que se adequavam aos critérios exigidos. Dessa forma, antes de adentrar os discursos, vale considerar o perfil de cada um.

3.1 Apresentação dos Entrevistados

A amostra da pesquisa foi constituída em sua maioria por pessoas do sexo masculino (cinco entrevistados) e uma pessoa do sexo feminino. Metade dos respondentes é paulistano, e a outra metade é formada por dois estrangeiros, além de um brasileiro proveniente de outro estado. Todos os entrevistados são casados e moram com seus cônjuges.

Nº	Nome	Idade	Procedência	Profissão / Ocupação	Tempo de moradia
01	João	54	Rio Grande do Sul, Brasil	Historiador e Professor.	24 anos
02	Hector	73	Buenos Aires, Argentina.	Músico.	34 anos
03	Marco	51	Roma, Itália.	Designer Gráfico.	20 anos
04	José Luiz	54	São Paulo, Brasil.	Arquiteto.	30 anos
05	Vitor	63	São Paulo, Brasil.	Arquiteto, Professor e Empresário.	23 anos
06	Josefina	63	São Paulo, Brasil.	Geógrafa.	44 anos

Quadro 5 - Perfil dos Entrevistados

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados fornecidos durante as entrevistas

O entrevistado 01, João, é gaúcho, morou no Mato Grosso e chegou à cidade de São Paulo no ano de 1983, fixando-se primeiramente no Bairro do Butantã e, posteriormente, em 1984, na Vila Madalena. É professor universitário, mestre e doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica - PUC – SP. João é um legítimo “madaleno”, expressão usada por ele mesmo para designar os moradores antigos do Bairro e, mais do que isso, que são reconhecidos como tal.

O primeiro encontro com João foi “por acaso” na “Mercearia São Pedro” em um dia de semana, na hora do almoço. Conforme já mencionado no capítulo 1, a Mercearia São Pedro é um misto de bar, restaurante livraria e mercearia, bastante representativo do Bairro, freqüentado por moradores e visitantes de outros bairros, mas para os “*habitués*”, significa um ponto certo para o encontro com amigos e conhecidos, importante, portanto, para a sociabilidade local. É possível afirmar, sem medo de errar que, na maior parte das vezes, os encontros entre a pesquisadora e o entrevistado foram “por acaso”, em um dos bares da Vila Madalena. João é boêmio assumido, e foi professor de História da pesquisadora quando cursava a sexta série

(1987). Dessa forma, aproveitando a oportunidade do encontro, foi feito o convite para a entrevista.

João aceitou prontamente, mas pediu que a mesma fosse realizada no próprio Bairro, para facilitar seu acesso. De imediato, sugeriu um dos bares da Vila Madalena. Entretanto, considerando que o barulho poderia comprometer a entrevista, e ainda pelo fato de João ser uma pessoa conhecida no Bairro, o que poderia gerar interrupções, foi sugerido pela pesquisadora que o encontro acontecesse na casa de sua mãe, que mora no mesmo condomínio do entrevistado. O encontro aconteceu numa terça-feira do mês de fevereiro às 13h30.

O entrevistado chegou pontualmente no horário combinado e, como já tinha avisado de antemão que teria um compromisso às 15h30, o início da entrevista foi agilizado para que o resultado não fosse comprometido devido a falta de tempo. Ambos se acomodaram nas poltronas da sala e uma pequena mesa serviu para apoiar o mapa utilizado como parte do depoimento. Depois das explicações e coletas das informações pessoais, foi dado início à entrevista.

Foi nítida a facilidade do entrevistado ao tratar do tema, já que além de não ser sua primeira vez em uma entrevista desse tipo, sua formação, possivelmente contribuiu para sua postura nitidamente desenvolvida. Por vezes, entretanto, foi notado que o entrevistado falava um pouco rápido, dando até mesmo a impressão de que seu discurso já estivesse relativamente pronto. É possível, porém, que isso tenha ocorrido em virtude de, como já foi dito, não ter sido a primeira vez que ele falava sobre a Vila Madalena. Há um depoimento do entrevistado no Museu da Pessoa¹¹.

O entrevistado 02 é pai de um grande amigo da pesquisadora da época de colégio e que, apesar do amigo morar na Itália, o contato sempre foi mantido. A idéia de entrevistar Hector veio tanto pela admiração da pesquisadora pelo seu trabalho enquanto músico, quanto pelo fato de considerá-lo uma pessoa peculiarmente carismática. Na adolescência, algumas vezes, por coincidência, ambos pegavam o mesmo ônibus (Vila Madalena – Praça Ramos), onde conversavam durante todo o trajeto. Tal fato faz parte da lembrança da pesquisadora e que, embora não tenha aqui importância, na época, tratava-se de uma pessoa “bem mais velha” que era sempre muito agradável de encontrar e conversar.

¹¹ O museu da Pessoa é um museu virtual de histórias de vida aberto à participação gratuita de toda pessoa que queira compartilhar sua história. Localiza-se no Distrito do Alto de Pinheiros. Site: <http://www.museudapessoa.net/index.shtml>

Sua entrevista durou exatamente uma hora, mas para a pesquisadora, parece que o tempo voou. O encontro foi na casa de Hector, e a realização da entrevista se deu em sua sala, acomodados em cadeiras ao redor de uma mesa. A janela estava aberta, com o sol adentrando o ambiente. Sua mulher trouxe água, chá e *alfajores*. Sua casa é uma espécie de *loft* com um mezanino, localizado numa pequena rua sem saída. Vale destacar que é a sua segunda moradia na Vila Madalena, sendo que ambas localizam-se em ruas sem saída, permitindo, portanto, uma maior tranquilidade ao menos no que se refere à questão do barulho, fator que costuma ser alvo de reclamação de muitos moradores do Bairro.

Sua casa atual chama a atenção pela construção, pois nitidamente difere das demais da rua que, em geral, são de origem mais simples. Esta casa foi projetada no lugar de outra que foi demolida. Sua casa anterior também, conforme aparece em seu depoimento era uma casa com peculiaridades:

[...] da minha casa, na Rua Fidalga, onde tinha a praça em frente, eu visualizada toda a Praça Panamericana, a universidade, a USP, dava pra gente visualizar tudo, hoje em dia não se vê mais nada. [...] Quando passo por ali, para matar as saudades, justamente em frente à minha casa já construíram dois prédios enormes que cobriram totalmente aquela visão [...] E eu tive também o privilégio que essa casa que eu comprei era uma casa que pertencia a 1918, então eu comprei de um arquiteto que comprou de uns portugueses, que inclusive importaram toda a questão das portas e janelas, era tudo de pinho de riga, importada de Portugal [...] Depois teve um arquiteto que comprou deles, mas ele manteve todas as estruturas originais, da casa, houve uma pequena reforma, mas manteve uma casa muito charmosa, que raramente você encontra na Vila Madalena (HECTOR).

A casa anterior, já naquela época (1975-1989) era pintada na cor *terracota* e tinha suas portas e batentes verdes escuro. Hoje, tal combinação é considerada charmosa, mas para os parâmetros da época, era no mínimo de “gosto duvidoso”. Mas ali, tudo era diferente. O amigo (filho do entrevistado) era argentino, seu nome de origem árabe muitas vezes acabava sendo confundido com nome feminino, seus pais estrangeiros, o pai músico e, em relação aos demais colegas da escola municipal em que estudou com a pesquisadora, tinha maior poder aquisitivo.

O entrevistado aparentou, durante todo o tempo do relato, bastante tranquilidade, além de satisfação ao relembrar os acontecimentos. Falou mais pausadamente que o primeiro entrevistado, o que foi prudente, já que possui um

sotaque bastante carregado, um verdadeiro “portunhol”. Hector possui senso de humor aguçado o que provocou riso fácil, deixando a entrevista bastante agradável. Colocou-se completamente à disposição para qualquer outra ajuda e ao final ainda deu uma carona à pesquisadora. Vale destacar que durante o caminho, “quase” pegaram um trecho de trânsito e foi nesse momento que ele comentou o assunto “trânsito” que, embora previsível, não foi sequer lembrado no decorrer de seu depoimento. Tal assunto entre outras lembranças ainda surgiram durante a carona. Bosi (1994) coloca muito bem a questão do que é falado longe do gravador, como aconteceu aqui.

A memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento. Frequentemente, as mais vivas recordações afluíam depois da entrevista, na hora do cafezinho, na escada, no jardim, ou na despedida no portão. Muitas passagens não foram registradas, foram contadas em confiança, como confidências. Continuando a escutar ouviríamos outro tanto e ainda mais. Lembrança puxa lembrança e seria preciso um escutador infinito (BOSI, 1994, p. 39).

Embora essa segunda entrevista também tenha durado uma hora, o encontro levou quase duas horas, se contabilizados a hora da chegada, conversa com a sua mulher, a entrevista e depois a despedida.

O fato é que ficou nítida a diferença entre o entrevistado 1 e 2. João talvez pela sua formação foi mais direto ao assunto. Demonstrou um discurso mais intelectualizado, e até político. Enfatizou seu já conhecido lado boêmio, suas posições políticas e a intenção em contribuir com a pesquisa, possivelmente pelo fato de também ser professor e pesquisador. Fez muitas críticas ao bairro, as transformações, e afirmou com muita precisão que a Vila Madalena não é mais mesma.

O terceiro entrevistado, Marco, é italiano e chegou a São Paulo em 1986. Conheceu sua mulher que é brasileira em Roma, moraram por dois anos em Paris, e então vieram para o Brasil. Inicialmente morou no Bairro de Pinheiros, na Rua Antonio Bicudo, e depois de dois anos, mudou-se para a Rua João Moura que conforme sua concepção faz parte da Vila Madalena. No ano de 2000 mudou-se para a Rua Simpatia, onde mora até hoje, numa casa planejada e construída para sua família.

A pesquisadora o conheceu por intermédio de um amigo em comum e após um jantar na casa de Marco em um dia de semana do mês de maio, a entrevista foi agendada para dali a dois dias na casa do entrevistado. Assim como Hector, Marco possui um sotaque carregado, o que mereceu uma atenção redobrada para a compreensão de determinadas expressões, principalmente no momento das transcrições. Conforme as entrevistas anteriores, a duração não passou de uma hora e foi realizada na sala de jantar, usando a mesa como apoio. Entretanto, considerando aqui a entrevista como o momento da gravação apenas, vale dizer que muita conversa aconteceu antes e depois. Após o encerramento da entrevista, horas de bate-papo desenrolaram-se não somente sobre a Vila Madalena. Vale destacar que Marco, se comparado com os demais, apresentou um discurso menos polido, que poderá ser observado no decorrer das análises.

Marco mora e trabalha em casa. Não dirige e sempre anda muito a pé, característica relativamente comum entre os moradores do Bairro. Não tem qualquer pretensão de se mudar da Vila Madalena.

O entrevistado 04, José Luiz foi indicado por João, o primeiro entrevistado. José Luiz é arquiteto, mora e trabalha na Vila Madalena. O contato para a entrevista foi feito por telefone e dentro de menos de uma semana o encontro aconteceu em uma tarde ensolarada, no seu escritório, que se localiza numa pequena vila de casas, na Rua Fidalga, no Bairro da Vila Madalena. Após conhecê-lo, a pesquisadora pode entender porque João o considera como um legítimo “madaleno”. José Luiz possui um visual “mais alternativo”, usa barba, é boêmio, politizado, conhece muitas pessoas do Bairro, mora, trabalha e pouco sai da Vila Madalena. Na chegada para a entrevista a pesquisadora teve que ligar para o seu celular, pois José Luiz estava tocando algum instrumento de sopro e não pode ouvir a campainha. Além de arquiteto e “brincar” de ser músico, o entrevistado também possui uma oficina de marcenaria.

José Luiz nasceu na cidade de São Paulo e morou no Bairro do Ipiranga até 1977. Já em 1973 passou a freqüentar a Vila Madalena por questões de trabalho e em 1978 mudou-se para o Bairro. Inicialmente morou em república, em dois endereços distintos, algo que na época era muito comum entre os estudantes. Vale lembrar que dentre os entrevistados, apenas José Luiz e João (entrevistado 01) moraram em repúblicas. Em 1982 José Luiz passou a morar no apartamento em que

vive até hoje. O entrevistado por já ter trabalhado com mapas, gostou muito do exercício e foi um dos que elaborou com maior capricho.

O entrevistado 05, Vitor, foi indicado por uma amiga da pesquisadora. O contato foi feito por telefone e a entrevista agendada para um final de tarde de uma segunda-feira do mês de maio. O encontro se deu no salão de um dos seus estabelecimentos de alimentação. Além de empresário, Vitor é arquiteto e professor.

Destaca-se que o referido entrevistado foi o que apresentou o maior número de endereços na cidade de São Paulo anteriores à chegada na Vila Madalena. Vitor mudou-se 10 vezes no total, repetindo apenas uma vez um dos endereços no bairro do Pacaembu.

Durante sua entrevista, foi possível notar uma fala mais individual, como se o reflexo de seu discurso não tivesse qualquer relação com o coletivo. Vitor quase sempre se referiu a sua realidade, o seu entorno, a sua vida, não tendo, portanto, a pretensão de que a sua fala pudesse representar a realidade de outros moradores.

Logo de início, o entrevistado abordou uma das problemáticas diagnosticadas nesta pesquisa. O fato de não haver uma delimitação oficial do Bairro faz com que haja certa confusão a respeito do que é a Vila Madalena.

A delimitação da Vila Madalena tem uma coisa assim muito louca. O CEP dessa rua é do Sumarezinho. Na Veja está escrito Sumarezinho porque eu acho que eles usam o CEP e, no entanto, essa rua inteira é da Vila Madalena com certeza (VITOR).

Por fim, foi realizada a última entrevista com uma mulher, Josefina, que é geógrafa e moradora da Vila Madalena há mais tempo que os demais entrevistados. Está no bairro há 44 anos.

O contato foi feito por telefone e a entrevista aconteceu em poucos dias, à noite, no porão da sua casa, espaço de sociabilidade conhecido pelos amigos, e moradores da Vila. Josefina, mais conhecida como Jô, pode-se dizer que, diante dos entrevistados aqui selecionados, atualmente é a mais engajada no que se refere aos movimentos políticos e sociais do Bairro. Ela liderou o movimento “Madalena Solidária” cujo objetivo era minimizar os impactos ocasionados pela chegada dos bares à Vila. Reconhece que obteve conquistas significativas, mas que também é preciso aceitar que as coisas mudaram, e que o Bairro mudou. Seu discurso, muitas vezes, foi inflamado, deixando claro sua relação afetiva e necessidade de

preservação da Vila Madalena. Mostrou-se muito interessada na pesquisa e colocou-se totalmente à disposição para ajudar com dados referentes à Vila Madalena.

3.2 O Roteiro e as Entrevistas

Para o levantamento de dados da pesquisa, elaborou-se um roteiro semi-estruturado (apêndice I), com 11 perguntas divididas em três seções: a primeira refere-se às três primeiras perguntas que foram propositalmente mais pessoalizadas de modo a permitir que o entrevistado falasse um pouco de si, do motivo que o levou a escolher a Vila Madalena enquanto local de moradia, sua relação estabelecida com o Bairro, assim como a pretensão de se mudar. Dessa forma, foi possível deixá-los mais à vontade para inserir perguntas mais diretamente ligadas às transformações ocorridas no bairro, como parte principal do presente estudo, e que podem ser observadas no decorrer desta análise. A segunda seção é formada pelas perguntas 4, 5, 6 e 7 que estão diretamente relacionadas ao perfil do morador de ontem e hoje, além das relações dos moradores antigos com os novos, de vizinhança, e do morador da Vila Madalena com os visitantes.

Na terceira seção, está o último bloco de questões, onde foram trabalhadas mais diretamente as principais transformações ocorridas no Bairro. A idéia foi comparar a Vila Madalena de ontem e hoje, especular quais os fatos que deram maior projeção ao Bairro, confrontar a imagem construída pelo senso comum da Vila Madalena com a representação de seus moradores, assim como verificar se há algo que a difere de outros bairros da cidade.

3.2.1 A escolha da Vila e a relação estabelecida com o Bairro

O fato é que a escolha da Vila Madalena enquanto local de moradia para os entrevistados se deu por motivo relacionado a algum tipo de identificação com o

bairro, exceto no caso da entrevistada 06 que veio morar na Vila unicamente pelo fato de seu pai possuir um terreno onde seria possível construir uma casa.

Conforme já exposto, dos entrevistados, Vitor foi o que passou pelo maior número de endereços antes de chegar à Vila Madalena. Dessa forma, ele cita a experiência de ter morado em endereços estritamente residenciais como forma de justificar a escolha da Vila Madalena para moradia:

Eu sentia a Vila Madalena como um bairro de passagem e simpatizava [...] Era um bairro que a gente passava por aqui [...] e talvez a experiência de morar num bairro longe do comércio, se tinha que comprar qualquer coisinha tinha que pegar o carro [...] Não tinha nada [...] e aqui achei que seria muito bom, morar num bairro que tivesse tudo e, de fato, eu acho que é uma das grandes vantagens do bairro de ser residencial e ter posto de gasolina na esquina, supermercado por perto. Hoje tem tudo. Então eu faço muita coisa a pé (VITOR).

Destaca-se que Vitor não foi o único entrevistado que levantou a condição da Vila Madalena enquanto bairro de passagem, o que talvez sirva para justificar o alto índice de automóveis que causam congestionamento no Bairro. João, em seu discurso também coloca essa questão.

Esse bairro virou também por conta de umas reformas aí na Rebouças e etc, um bairro de passagem. Muita gente que vem do lado de lá da ponte, daquela região, ao invés de subir a Teodoro ou a Rebouças como fazia antes, hoje atravessa a Vila Madalena. Eu sinto isso demais, eu ia em 10 minutos para a FAAP, agora eu levo 40 minutos (JOÃO).

O fato é que as estreitas ruas da Vila Madalena acabam servindo como alternativa às principais vias e, aos poucos, a população vem incorporando-as como novos caminhos. João vai ainda mais além quando coloca que possivelmente as pessoas optam passar pela Vila “também até por curiosidade. Vamos passar pela Vila Madalena, eu acho até que tem um pouco isso também. Eu imagino” (JOÃO).

João, assim como a maioria dos entrevistados não se vê mudando do Bairro e em suas horas de lazer sempre opta pelos mesmos lugares, pelos mesmos bares que frequenta há anos, possivelmente pelo fato de ser reconhecido e, por isso, “se sentir em casa”, conforme pode ser observado em partes de seu depoimento.

Eu continuo aqui. É raríssimo eu sair daqui para ir para outro bairro, muito, muito, raro. Aliás, minha mulher me enche o saco, outras pessoas às vezes também porque eu sou muito “vilamadalena” ainda, eu gosto daqui. Nós estávamos pensando em comprar uma casa atrás da ponte de Pinheiros, Butantã, que é muito mais barato, mas assim, eu não tive coragem e nem vou ter. Eu continuo morando aqui, ainda que não seja em casa, mas vou ficar por aqui [...] Já pensamos em morar fora, porque as casas aqui são muito caras, a gente até moraria na Vila Beatriz, que é aqui próximo, então viria a pé até a Vila Madalena. Isso não seria o problema, mas pra fora daqui eu, a princípio, não vejo nenhuma possibilidade de mudar daqui, por enquanto não [...] Tem uma relação de pertença, tenho muitos amigos aqui. [...] Toda tarde dou uma caminhada, quase não tem um dia eu não encontro com um conhecido, um velho amigo, um velho conhecido, isso ainda é muito normal (JOÃO).

O entrevistado 4, José Luiz afirmou “eu tenho pretensão de ter uma casa fora de São Paulo que eu não tenho, mas quero ter uma base aqui, na Vila mesmo”. Destaca-se que dos entrevistados, apenas Hector, após alguma hesitação, mencionou a possibilidade de se mudar do Bairro.

Não sei se isso vai contra mim (risos)... Olha, eu adoro a Vila Madalena [...] minha intenção não era propriamente afastar-me um pouco da Vila Madalena. Eu adoro a Vila Madalena. A prova que morei todos os anos aqui. Se não, de afastar um pouquinho de São Paulo. Não é tanto da Vila, é de São Paulo. E talvez tenha a intenção de morar em um lugar assim, um pouquinho mais afastado de São Paulo, Aldeia da Serra, um lugar desses (HECTOR).

A impressão foi que sua hesitação, em responder à pergunta, possivelmente se deu pelo fato dele entender que caso assumisse a possibilidade de se mudar da Vila, seu discurso digamos mais “romântico” do que o dos outros em relação ao Bairro poderia se perder. Assim, foi bastante cauteloso na resposta, reforçando sua adoração à Vila como se tivesse se justificando e, por fim, deixando “no ar”, que se trata apenas de uma pretensão. “Não é um sonho não. Mas uma intenção que ainda não se concretizou, mas que talvez futuramente se concretize” (HECTOR).

Todos os entrevistados, além de morarem no Bairro, costumam optar por ele, inclusive nas horas de lazer. Metade dos entrevistados 1, 2 e 6 trabalha fora do Bairro, e a outra metade possui relação inclusive de trabalho.

3.2.2 A mudança de perfil dos moradores e a verticalização

Quando indagados sobre o perfil do morador da Vila de ontem e hoje, todos os entrevistados concordam sobre a mudança.

Hector em um primeiro instante, diz que a Vila Madalena já foi muito mais freqüentada por artistas, algo que João também cita em outro momento de seu depoimento. Menciona inclusive a presença de outrora dos hippies. Em relação ao morador de hoje, refere-se a estes como um público mais comum que de outras épocas.

Bom, eu notava que naquela época eram muitos os artistas. Era o pessoal que morava naquela época. Eu vou te explicar o porquê. Porque era o pessoal jovem que, sobretudo, estavam influenciados pelos vestígios do existencialismo, e dos hippies. Você é muito jovem, mas ouviu falar nisso, não?! Então você via muita gente vestida de uma forma muito particular, então até isso dava um toque ao pensar na Vila Madalena, que era freqüentada por esse tipo de gente. Havia mais artistas. Até aquilo que te falei, quanto às estruturas dos prédios. Há outro tipo de público [...] É um público muito mais standard! [...] Não são tão particulares. São mais normais (risos). Sabe que os artistas não são considerados normais (HECTOR).

Embora o entrevistado coloque a “normalidade” em relação ao atual morador, Hector é perspicaz ao fazer uma brincadeira como forma de justificar seu pensamento. Marco, também na mesma linha, coloca a alteração de um perfil de morador mais alternativo para um perfil mais elitizado, conforme depoimento:

A Vila era um lugar onde o aluguel já foi barato e hoje não é mais. O perfil já foi mais alternativo. A Vila Madalena acho que sempre teve um pouco a pretensão, sempre não, essa coisa desde os anos 70, um pouco de ser o Soho de São Paulo, frustrada por um monte de razões, porque somos uns pangarés, inclusive, né? [...] Então o que acontece: ficaram os velhos na Vila e os novos moradores, na verdade, estão vindo com uma nova modalidade. A Vila como muitos outros bairros de São Paulo está se verticalizando. São prédios caros. São pessoas que saem pra trabalhar e só voltam à noite. Então, eu não vejo uma vida de bairro da Vila Madalena. [...] São pessoas mais novas, tem um cumprimento mais informal, mas eu vejo esses moradores novos, com perfil mais executivo, sabe jovem que trabalha na Berrini, no Alphaville, e vem morar aqui. É um bairro bom, tem apartamentos bons, um bairro de elite (MARCO).

O discurso de Marco apresenta uma colocação interessante, principalmente no momento em que enfatiza que a verticalização não é um fenômeno local. De fato, tal fenômeno vem acontecendo na cidade de São Paulo, principalmente nas regiões mais centrais, comumente preferidas pelas classes sociais mais abastadas, por tudo o que oferecem em termos de equipamentos, infra-estrutura e acessibilidade.

Constroem-se edifícios porque a divisão do espaço, não mais permitindo conquistar terrenos livres (que estão longe demais), é obrigada a reconstruir zonas para atrair a pequena burguesia para o centro, ou então a adensar o que já existia. É esta, também, a explicação para a verticalização de bairros centrais de São Paulo, como Vila Mariana, Perdizes, Pompéia etc (SOUZA, 1994, p. 132).

Portanto, a única alternativa é adensá-los em função da renda fundiária que deve ser sempre a maior possível, e isso só é viável pela existência de uma camada superior da população desejosa de morar no centro. No caso, essa classe é representada pela nova e pela alta burguesia que quer morar cada vez mais distante da periferia (SOUZA, 1994, p. 133). José Luiz corrobora com o discurso da verticalização na Vila Madalena, no qual tenta pontuar o período de ocorrência.

A verticalização eu acho que foi a partir dos anos 80. Eu acho que a Vila teve um fenômeno assim de descoberta. Eu acho que a primeira descoberta foi na década de 60, começo de 70 com a USP. A USP, que era um campus urbano veio pra Cidade Universitária e isso adensou bastante a população estudantil que precisava de lugar para morar então era muito comum você ter repúblicas na Vila Madalena na década de 70. E depois, eu acho que a proximidade da paulista. A paulista se consolidou como centro financeiro da cidade e aqui que era um lugar meio parado, foi brutal, né? Dez anos mudou de perfil brutalmente. A verticalização eu acho que começa no começo dos anos 80. Se você for ver o volume investido em empreendimentos imobiliários na Vila, a partir dos 80, vai ver que é uma curva ascendente pesada (JOSÉ LUIZ).

Nesta linha, José Luiz afirma que o perfil do morador de ontem e hoje é bem diferente. *"De hoje, profissional liberal, empresário. Hoje você tem um extrato burguês na população e cada vez mais prédios estão sendo construídos. A valorização do imóvel é brutal na Vila".* Portanto, sinaliza a questão da especulação imobiliária como fator determinante para esta mudança de perfil.

Teve assim um processo de verticalização e de especulação imobiliária pesada e então mudou muito. A Vila era um bairro popular, hoje é um bairro de classe média alta. Você ainda tem, é claro, bolsões de classes mais populares, mas eu acho que a tendência inverteu. Deixou de ser um bairro popular e passou a ser um bairro de classe média alta. E acho que é uma tendência meio inexorável. Conheço muita gente que viveu a Vila Madalena, os avós viveram, os pais viveram, que freqüentam a Vila Madalena, mas que já não mora mais aqui. Eles foram deslocados em função do aluguel, por ter ficado muito caro, valorizou demais. E um dos motivos da minha vinda prá cá é que o aluguel era muito barato, na década de 70 (JOSÉ LUIZ).

José Luiz coloca, contudo, a existência de bolsões de classe mais populares na Vila Madalena, fato esse que já foi diagnosticado no capítulo 1 do presente estudo e conforme colocado trata-se de espaços cada vez mais escassos. Marco, nesse sentido, coloca que há uma mistura entre residências mais populares e de elite, muitas vezes numa mesma rua.

A casinha pobre e a elite. A minha casa é uma casa boa e aqui do lado tem, como se diz, um cortiço, praticamente. A gente se cumprimenta, não tem estranhamento [...] Então eu acho que uma característica da Vila é essa, de ser um bairro misturado, em todos os sentidos, social e urbanístico. Tem muita casa, tem predinho, tem predição (MARCO).

Hector aborda a questão da verticalização com certa emoção uma vez que sua primeira casa foi vendida para uma construtora. Mas até mesmo quando falava de suas lembranças, “brincava com elas” talvez como forma de camuflar alguma tristeza.

[...] eu vendi essa casa por causa de uma firma construtora que comprou justamente a minha casa e comprou a casa do lado, do meu vizinho, para construir um prédio. E atualmente quando eu quero matar a saudades, e que passo ali, não deixa às vezes de correr umas lagriminhas, por causa de toda a história que eu tenho passado e vivido ali, inclusive filhos que nasceram nessa casa que se criaram na Vila Madalena (HECTOR).

O fato é quando algum acontecimento nos obriga também a nos transportamos para um novo entorno material, antes de a ele nos adaptarmos, atravessamos um período de incerteza, como se houvéssemos deixado para trás toda a nossa personalidade, tanto é verdade que as imagens habituais do mundo exterior são inseparáveis do nosso eu (HALBWACHS, 2004, p. 131). Hector, como

forma de manter “a casa” (ou a personalidade?) colocou uma condição ao comprador, algo um tanto inusitado, conforme o discurso que segue.

Quando vendemos a casa, a gente para não perder, sobretudo, as questões sentimentais... (risos) as raízes que tínhamos criado nessa casa, vendemos a casa com uma condição que quem comprava, a empreendedora que comprava, permitisse a gente levar certas coisas [...] inclusive da construção. Aí a pessoa falou: - de qualquer maneira eu vou ter que demolir isso aí. Então nós levamos todas as portas de pinho de Riga e de janela, e incluso até os tijolos, porque aqueles tijolos antigos, uma maravilha. Nós temos um terreno, está tudo depositado. Algum dia talvez a gente volte, quem sabe... Desmontada, mas temos a casa. (risos) [...] Tudo separado, mas a casa tem. Isso tem um valor, nos confortou um pouco de ter que abandonar a casa. A nossa história, não é? (HECTOR).

Vítor coloca que ainda há moradores antigos na Vila Madalena e assim como Josefina, sugere que pelo menos parte do processo de verticalização ocorreu com a venda das casas pelos herdeiros dos antigos moradores que morreram. Foi o único dos entrevistados a citar a existência, no passado, de pensões na Vila Madalena.

Ainda tem os antigos moradores [...] Eu comprei de uma família descendente de portugueses, acabaram morrendo os pais e os filhos venderam o imóvel [...] Na época era um bairro muito barato. Comprei isso aqui por 20 mil dólares. Aqui, por exemplo, o vizinho tinha uma pensão. Tinham muitas pensões aqui [...] Era uma opção barata de moradia. Então esse tipo é o que acho que foi expulso totalmente do bairro. O cara que morava numa pensão, porque pensão tem que ser barato (VÍTOR).

O morador antigo que conseguiu segurar está. O que não conseguiu, foi embora. Eu ainda acho que é o seguinte, a maioria dos sobradinhos era de pessoas muito idosas. Quando eu mudei pra cá, as pessoas já eram senhoras. Você imagina isso 40 anos depois. Então os idosos todos morreram e os filhos venderam. Foi isso mesmo o que aconteceu. Os caras venderam. Porque era de herdeiro. Venderam. Simplesmente os sobradinhos foram vendendo, foram sendo vendidos e aí a coisa pegou (JOSEFINA).

João colocou a verticalização em dois momentos da entrevista, além de localizar os pontos mais críticos identificando as ruas. Citou também a questão do comércio que vem crescendo em ritmo cada vez mais acelerado, a descaracterização do bairro, e a saída de alguns moradores.

O bairro muda com as construções dos prédios, uma construção atrás do outro. Aqueles lados da Girassol e da Harmonia é uma coisa de louco, o que começou a se construir prédios lá pra aqueles lados, por outro lado, muitos bares, casas comerciais, algumas ruas assim, moradia quase não tem. Você vê todo mundo indo embora, vendendo a casa, alugando a casa, porque tudo tá virando comércio, tá virando bar, está descaracterizando mesmo. A convivência daquele estilo anterior, tá deixando de existir, tá deixando de existir mesmo [...] Mudou muito. Desde que eu conheci, no início dos anos 80, pra mim era um outro bairro, um bairro muito mais sossegado, basicamente não tinham prédios, não me lembro de prédios na ordem de seis ou sete andares, tinha uma coisa assim muita gente na rua, muitos velhinhos, pouco carro, era um outro bairro, mudou completamente nesse sentido (JOÃO).

Marco também cita a mesma Rua Harmonia como ponto de partida da verticalização “A Rua Harmonia. Já tinha uma ou outra. Agora cada vez mais aquelas casinhas portuguesas são derrubadas e sobem prédios”. Josefina é ainda mais incisiva quando coloca “os prédios começaram a explodir depois, tanto é que você sabe que o clima da Vila mudou, com esses arranha-céus aí da subida da Isabel de Castela e tal, né?” A Rua Isabel de Castela, segundo o entendimento da própria entrevistada, e por seu mapa elaborado, pertence à vizinha Vila Beatriz.

3.2.3 O público jovem, as relações e os espaços de sociabilidade

Vitor acrescenta um dado interessante. Na linha de um pensamento mais individualizado, mas que pode representar quem sabe um pensamento geracional, afirma que suas filhas adolescentes não gostam de morar na Vila Madalena. Segundo ele, a preferência seria por um bairro mais residencial.

Minhas filhas já não gostam, acham horrível [...] não curtem essa história de morar nos fundos da pizzaria. Eu acho um bairro maravilhoso. Adoro morar aqui. Eu gosto de andar e ando muito a pé. E você tem um acesso a pé no bairro, apesar de ser montanhoso (VITOR).

Ressalta-se que embora ele tenha usado a expressão “não curtem morar nos fundos da pizzaria”, deixou claro que se tratava de uma questão mais abrangente, referente ao próprio Bairro. Tal colocação se torna interessante uma vez que

conforme pode ser verificado nos depoimentos a seguir, alguns entrevistados consideram a Vila Madalena hoje um bairro jovem, pela presença desse público, principalmente no que se refere à vida noturna.

Nesse contexto, João coloca “o que difere hoje, eu acho que talvez um público juvenil, hoje você tem assim uma presença muito grande de um determinado tipo de jovem, uma juventude de balada” e, portanto, corrobora com Hector que considera a Vila Madalena especial por causa de seus freqüentadores e moradores, definindo o público atual como jovem. Entretanto, Hector acredita que os moradores se retraíram devido à quantidade de gente de fora que freqüenta a Vila.

É que ela é muito especial, por causa dos moradores e dos freqüentadores também. E veja pelo tipo de público que freqüenta a Vila Madalena, é um público especial. Hoje, por exemplo, é muito freqüentada por jovens, na maioria dos bares, são jovens que freqüentam. Eu tenho experiência disso por causa do Bar, do Don Costa. E geralmente é gente de fora, que freqüenta os bares. De certa forma, pelo fato do bairro ser freqüentado por gente de fora, os moradores se retraíram um pouco devido à movimentação dentro da Vila (HECTOR).

Nota-se nos discursos, que a presença do público jovem é justificada principalmente pelo freqüentador do Bairro, ou seja, aquele que usufrui da vida noturna e, portanto, não se refere precisamente aos moradores em si.

Já no que diz respeito à relação entre os moradores antigos e os novos, foi verificado que os entrevistados se posicionaram mais diretamente à mudança de perfil do morador do Bairro, e não propriamente à relação estabelecida entre os moradores. Apenas a entrevistada 06 colocou que não há novos moradores, pelo menos no raio de abrangência considerado por ela, já que as casas estão se transformando em comércio. É interessante destacar que a população, de fato, tanto do distrito de Pinheiros quanto do Alto de Pinheiros, conforme já apresentado no capítulo 1, vem diminuindo. Se por um lado, a verticalização propicia uma ocupação maior em determinados espaços, uma vez que há um número significativo de pessoas morando nos prédios, por outro, muitas casas que eram residenciais tornaram-se comerciais, justificando, portanto, a redução da população no Bairro.

Os moradores antigos que ainda restam são os mesmos. Os novos são comércio. Os moradores antigos permaneceram. Todos os moradores que saíram daqui do bairro, não tanto pra cima né, porque minha relação é mais aqui pra baixo. Então você diz assim, a minha relação é Delfina e alguns quarteirões do entorno. Esses quarteirões do entorno ou as pessoas ainda moram, um ou outra moram, todas as que saíram, todas, virou comércio. Então nós não temos vizinhos novos (JOSEFINA).

Souza (1994), em sua obra sobre verticalização, coloca que no Brasil acontece “um fenômeno *sui-generis*, pois a verticalização no mundo sempre esteve vinculada mais aos serviços do que à habitação” (SOUZA, 1994, p. 135). No caso específico da Vila Madalena, entretanto, foi possível observar que a maior parte dos edifícios é destinada à moradia, ou seja, os edifícios comerciais fazem parte de uma minoria e, portanto, o comércio em geral embora se desenvolva em grande proporção, acontece de forma horizontal.

João, de certa forma, também reforça a presença dos antigos moradores, e fundamentalmente na convivialidade e nos locais de encontro, conforme pode ser observado.

Eu acho que ainda tem muitas pessoas da época que ainda estão aqui [...] Mas eu acho que está muito disperso. Eu vejo o Zé Geraldo, ele mora ali perto do Empanadas, Ele, o Hermano Penna, muita gente da Vila da época ainda tá aqui, mas não tem mais um local de encontro. Talvez a Mercearia, mas mesmo a Mercearia se você for ver, é um público muito diluído, não é nada que a gente poderia dizer que tem a ver lá muito com aquele público dos anos 70, 80. Eu acho que não. Eu acho que aqui mesclou, virou um bairro qualquer [...] você não tem mais nenhuma identidade muito... É um bairro talvez como Perdizes, ou um bairro como... Não sei, não tem uma coisa tão diferenciada como era antes. [...] Talvez a grande maioria que morava aqui, continua morando, mas não existe mais um ponto de encontro, não existe mais assim alguma coisa desses moradores que se sobressaia muito, que apareça muito (JOÃO).

Ele acaba por considerar que atualmente o público da Vila está mesclado, misturado, que não consegue mais “ver a Vila Madalena hoje como grande diferencial de qualquer outro bairro” (JOÃO).

Em relação aos pontos de encontro, Josefina cita um restaurante que vende comida a quilo “eu encontrava um pessoal que eu convivia”, os encontros costumavam acontecer aos sábados “o pessoal aqui do bairro, dos blocos. Então a gente se encontrava lá no Paladar da Vila”. Um fator curioso, citado por dois

entrevistados, refere-se à feira livre, de rua, realizada aos sábados. João supõe inclusive que pode ser considerada como um dos únicos, possivelmente último o “ponto de encontro” dos tais “madalenos”.

Ali todo sábado, você encontra os velhos “madalenos” [...] a feira dos sábados eu acho que ela caracteriza ainda, o encontro de conhecidos na Vila Madalena. Sábado eu passei lá só tinham dois, mas também era uma hora. Então eu não sei, mas um dia eu passei lá caminhando, pela rua às 6h da tarde, tava todo mundo lá ainda, o bar já abrindo e pedindo pra ir embora. Lá você vai encontrar pessoas bem da época mesmo (JOÃO).

Essa foi, sem dúvida, uma das maiores surpresas da entrevista. Segundo João, os moradores antigos da Vila Madalena se reúnem na feira de rua que acontece aos sábados, numa situação um tanto improvisada, quicã inusitada.

Eu de vez em quando passo, converso com eles [...] É um dos poucos redutos de ponto de encontro. Eles têm cadeira lá, armaram algum esquema, eu não sei como eles fizeram, tem até mesa. O bar tá fechado, eles sentam ali na rua, eu acho que uma das que tem feira ali, uma senhora, pega cerveja pra eles, e é uma coisa assim, eu sei que funciona um esquema assim, e às vezes junta 10, 15, 20 pessoas. Então, ainda tem esse resquício da Vila. Você pode entrevistar muita gente interessante. Acho que na verdade, esse é o único registro que eu conheço além da Mercearia, um pouquinho, do Bar Platibanda, onde você ainda vê uma coisa meio assim, Vila Madalena. Eu não lembraria muito mais do que isso [...] A feira da Vila tem uma cara de Vila Madalena muito interessante eu acho [...] Não é por acaso que esse povo se encontra lá todo sábado (JOÃO).

Marco em seu depoimento também cita a mesma feira de rua como ponto de encontro, não só dos moradores mais antigos, mas de pessoas que moravam na Vila, e que mesmo já não morando mais, mantiveram o hábito de freqüentá-la “Não tem só morador. [...] O Reinaldo que está sempre nessa esquina, ele mora na Vila Beatriz. O Marcão mora entre a Augusta e a Consolação e mantém o uso da Vila. Pessoas que não moram na Vila, mas vão à feira” (MARCO).

Também fala do bar Empanadas que curiosamente foi um dos locais mais citados pelos entrevistados, quatro dos seis mencionaram o estabelecimento e que, portanto, merece um melhor trato nas análises dos mapas.

la fazer feira no sábado, depois passava no Empanadas, que é um dos primeiros bares da Vila Madalena. Ia todo mundo. Tomava cerveja. Ficava ridículo aquilo, o carrinho de feira, o agrião murchando no sol, e tinha as figuras, aquela coisa um pouco bucólica [...] Essa relação, ainda se mantém um pouquinho. Não vou mais ao Empanadas, mas vou à feira, tem muitas pessoas inclusive das bancas que são daquele tempo. O Sr. Giuseppe, um italiano [...] uma banca legal que vende queijos, azeitonas [...] Antes da globalização o Sr Giuseppe já tinha coisas que você, antes do Collor, não tinha. Até hoje sou cliente dele. Gosto dele. Às vezes passo na frente, compro alguma coisa porque fico constrangido em não comprar (MARCO).

Tal cena, do agrião murchando está presente na obra de Flora (1998) já mencionada no capítulo 1 da presente dissertação. Outro comentário do mesmo entrevistado, merecedor de destaque, se refere ao horário da feira, ou melhor, ao “fim de feira”, também conhecido pela expressão popular “hora da xepa”, que significa quando os produtos estão mais baratos, quando a feira está prestes a chegar ao fim, e os feirantes querendo se livrar do resto da mercadoria diminuem significativamente os preços dos produtos. Entretanto, no caso da Vila Madalena, parece haver um contra-senso já que os moradores, por serem jovens e boêmios, costumam dormir pela manhã e chegar tarde à feira.

Aliás, já achei tanta graça. Não sei se é verdade, mas alguém me disse e eu um pouco reparei. Há muitos anos atrás, quando a gente é muito jovem, jovem dorme de manhã. E tinha uma coisa que era curiosa que a feira começa cara e depois do meio-dia vai barateando, porque ta acabando, é fim de feira. E a feira da Vila era o contrário, aumentava pela frequência. Os boêmios acordavam tarde. É uma história divertida. Até hoje eu vou à feira sempre depois das 13h. É um hábito que ficou. Aí eu encontro os amigos que eles ficam ainda naquela esquina da Mourato Coelho, onde tem aqueles bares agora, que tem o pastel, eles colocam uma cadeirinha lá e ficam tomando cerveja. Ficam horas [...] Então o Reinaldo que é uma dessas pessoas que ficam lá, sempre me fala que eu vou tarde porque é mais barata a feira, mas não é isso na verdade. É porque é meu horário de feira. Sempre fiz esse horário. Antes do meio-dia não penso em ir (MARCO).

Voltando ao bar Empanadas, José Luiz o abordou amplamente, falando de sua importância até mesmo política para o Bairro.

O Empanadas foi um bar politizado desde o começo, foi um bar intelectualizado pelo dono, pelo fundador, pelos fundadores. Eles eram exilados políticos argentinos. O Hugo tava meio fugido aqui. Ditadura. A gente estava em ditadura, numa situação política complicada. Já tinham uns lampejos de abertura política. Então esse bar meio que aglutinou um pedaço da esquerda. Por coincidência, montou-se uma produtora de cinema em frente ao Empanadas, então virou um bar com uma influência muito forte de cineastas, a Tatu Filmes. Era o “point” de todos os pontos de vista. Essa questão política que eu acho que dava uma cara totalmente diferente e tinha umas coisas legais. Tinha uma comida diferente também. Uma coisa mais argentina. Uns sanduíches muito bem feitos. A empanada que era absolutamente desconhecida no Brasil, aqui não se falava nisso. E você não tinha muita oferta. Porque você tinha os botecos da Vila que fechavam cedo. Você tinha o Sujinho que foi o primeiro. Eles se complementavam. Então eu acho que esses dois bares monopolizavam, mas o Empanadas era muita coisa, era um bar intelectualizado, era um bar assim que você tinha jornal, por exemplo, você tinha jornal disponível, não vendia coca-cola porque era símbolo norte-americano, com comida diferenciada, faziam uns sanduíches e deixavam em cima do balcão. Uns sanduíches super gostosos sabe, com uns pães diferentes, uma coisa que era outra pegada. Uma cara argentina, uma coisa latino americana, bem diferente, bem gostoso (JOSÉ LUIZ).

Tratando da sociabilidade entre os moradores e visitantes, João, em seu discurso enfatiza uma relação de hostilidade, e evidencia certo bairrismo com a utilização da expressão “madalenos”, para identificar os moradores da Vila.

Hoje eu não sei. Não convivo muito com isso. Mas assim, eu lembro há alguns anos atrás acho que assim, era lá na década de 90, por aí mesmo, que tinha uma relação, até meio hostil assim, nós estamos sendo invadidos, nos somos “madalenos”. Eu lembro dos caras falando ali no Empanadas, tal, tinha sim um pouco essa idéia, estão enchendo de prédios, esse bairro está sendo descaracterizado, a parte cultural tá indo pro saco, a Vila Madalena está mudando... Eu ouço muito isso, mas a Vila Madalena mudou demais, deixou de ser a Vila Madalena, tem muita essa reclamação. Tem um certa hostilidade, tem uma certa vontade de que não se gostaria que fosse assim, sem dúvida, existe essa reação (JOÃO).

Hector associa o visitante principalmente em relação à questão dos bares. No entanto, afirma que há os dois lados. O morador que gosta e o que não gosta. Entretanto, coloca que o morador que queira continuar no Bairro necessariamente terá que se adaptar à realidade. Caso contrário, será preciso deixá-lo.

Pelo fato de ter tido experiência com bar [...] Ainda, existe muita resistência relacionada com os bares. Então, claro, quem é boêmio e quem gosta de tomar uma cervejinha de vez em quando, e ouvir um som ao vivo e tal, ele curte o fato de que existe do lado da casa dele um bar. Mas tem pessoas, que não. Que tem muitas queixas a esse respeito, por causa dos ruídos, dos barulhos, que ainda são provocados, por bandas de música ao vivo, ou pelo próprio barulho, quando as pessoas passam. Há certas reclamações, depende dos moradores. Então você vê, há uma controvérsia. Por um lado, é uma coisa agradável, uma coisa muito boa que a Vila Madalena tem, mas para os antigos moradores isso também virou uma incomodidade, o fato dos bares. Então tem esse conflito. Por um lado tem essa vantagem, por outro para os antigos moradores acaba num problema de moradia. Antes, apesar de que existiam bares também, mas como era menos, em menor quantidade, não existia esse problema, não afetava tanto, o morador até curtia um barzinho, tomar uma cerveja. Então o morador tem duas opções: ou ele se adapta, e se habitua a nova Vila Madalena, ou ele vai embora (HECTOR).

Marco, por sua vez, quando trata da relação moradores e visitantes, é incisivo colocando que *“Não há mistura nenhuma. Eles convivem com os bares e os flanelinhas, não têm o menor tipo de interação”*, e cita um exemplo confirmando sua preocupação com o futuro do Bairro.

Hoje eu tava passando na esquina da minha casa, na Rua Harmonia. Estão reformando uma casa que já foi tudo e nunca deu em nada, nunca deu certo. Fiquei preocupado. É comercial. [...] E eu perguntei: - Vai ser o quê aqui? Me falaram que uma boate gay. Isso aqui vai acabar com o bairro [...] Tenho uma amiga que tem um apartamento na Mourato Coelho perto da Rua Pinheiros e tem duas boates gays. É infernal. O pessoal enche a cara. Um dia desses de manhã, tinha uma menina na cesta do lixo (MARCO).

3.2.4 As relações de vizinhança

No que se refere à questão de vizinhança de ontem e hoje, embora um ou outro entrevistado tenha colocado que houve mudança, é importante observar que nem todos os entrevistados possuem o hábito de interagir com seus vizinhos, independente da época. Nesse sentido, Hector, Vitor e Josefina apresentam maior relação de vizinhança do que os outros entrevistados. Hector cita um episódio referente àqueles que se tornariam seus novos vizinhos, logo na chegada à sua primeira moradia:

[...] achava muito charmosa também na época, o fato dos vizinhos terem uma interligação. Entre os vizinhos, tinha uma coisa que só antigamente era observada. Para te comentar um detalhe, uma experiência muito bonita que aconteceu [...] com um vizinho. Eram baianos, e nós estávamos ao meio dia mais ou menos, em plena mudança, mudando já para casa da Rua Fidalga. A nossa casa era dividida por um muro, um muro baixinho. Então naquela mudança, todo mundo cansado, carregando coisas, aí ele se [assomou] pelo muro [...] e falou: [...] eu imagino que vocês com a preocupação da mudança não devem ter tido a possibilidade de ainda cozinhar nada, preparar algo para almoçar. Se quiser, nossa mesa está servida! [...] Tem uma moqueca de peixe na mesa servida, se quiser, dá uma paradinha, faz um descansinho, vem, almoça e depois volta e continua a sua mudança (HECTOR).

Entretanto, quando perguntado sobre a vizinhança de hoje, Hector colocou em um primeiro momento que houve mudança, mas também em virtude de uma alteração de comportamento social atual.

Bom, a própria vida vai nos mudando de comportamento. Então, como te falei, antigamente [...] existia essa possibilidade de ter muito mais integração entre os vizinhos. Antes integrava mais, tinha mais relacionamento. Enfim, mas a própria vida foi levando a gente a adquirir um comportamento muito mais fechado, por todos os problemas que existem de violência, de ter medo de sair na rua, então a gente se recolhe muito mais nas casas hoje, fica mais recolhido dentro de casa. Então isso faz com que a gente não tenha mais tanto contato como antigamente, entre os vizinhos, enfim... A gente saia mais na rua, tinha mais contato, com os bares (HECTOR).

Mais adiante ele confirma a diferença no que se refere à vizinhança, mesmo considerando que mora atualmente em uma rua pequena, sem saída, com casas baixas, muito próximas umas das outras.

Você vê, por exemplo, a diferença daquela época, e agora. Apesar disso aqui ser uma rua sem saída, está muito próximo uma casa de outra. E eu não tenho um relacionamento tão pessoal [...] não existe um relacionamento como o que eu tinha com os vizinhos da Rua Fidalga, por exemplo. Agora fica tudo condicionado ao “bom dia”, “boa noite”, tal, mas não tem relacionamento mais próximo (HECTOR).

E, além da mudança de comportamento, propõe que a nova configuração dos espaços devido à verticalização também seja um motivo para o distanciamento entre os moradores.

A memória das sociedades antigas se apoiava na estabilidade espacial e na confiança em que os seres de nossa convivência não se perderiam, não se afastariam. Constituíam-se valores ligados à práxis coletiva como a vizinhança (*versus* mobilidade), a família larga, extensa (*versus* ilhamento da família restrita), apego a certas coisas, a certos objetos biográficos (*versus* objeto comum). Eis aí alguns arrimos em que a memória se apoiava (LUCENA, 1999, p.19).

Marco também chama a atenção para a questão quando coloca que *“prédio ninguém se fala, só aquela coisa de elevador. Tem essa coisa de zelador, não deixar entrar ninguém. São mais segregados, né?”*

Vitor destaca de forma positiva o fato das pessoas se conhecerem no Bairro e assim como Josefina, compara a Vila Madalena a uma cidade do interior, onde as pessoas se conhecem, ou como colocou o Marco, ao menos se reconhecem. *“Ando pelo bairro, cumprimento 10 pessoas no caminho. É uma dinâmica de bairro, ou seja, todo mundo se sabe de rosto, pelo menos”*.

Todo mundo do posto de gasolina me conhece, sabe quem eu sou, a maioria das lojas, da farmácia. Então as vezes que vou, estou sem dinheiro, como eu faço? Deixa lá na pizzaria. Há uma sensação de você viver numa cidade do interior. Minha mãe mora em Botucatu. E Botucatu já é grande até, tem menos ainda essa sensação. Dá a impressão de ser uma cidade pequena. O cara que guarda o carro [...] tem o barbeiro, então você anda na rua como se fosse uma cidade do interior (VITOR).

Eventualmente eu gosto muito de ser aquela pessoa que reúne, então eu criei aqui no nosso pedaço, a cada 15 dias, ou uma vez por semana, nos reunimos em casa de uma vizinha para bater um papo, fazer um bolo. Tanto que uma amiga que veio aqui uma das vezes que eu sofri uma cirurgiazinha, aí ela veio, aí de repente, uma veio me trazer pastel, outra veio me trazer bolo, ela falou: - Gente! Isso parece interior (JOSEFINA).

João corrobora que a relação de vizinhança de ontem e hoje é diferente, entretanto, deixa claro que por uma questão pessoal, não é de estreitar este tipo de relação *“aqui no BNH, eu tenho, tenho hoje uma relação sim, de vizinho, a gente tem até com os dois vizinhos do lado ali, meio que se conhece todo mundo, mas sem grande intimidade”*. Vale considerar também que João já está no seu último endereço há mais de 10 anos, entretanto, a única relação de vizinhança mais próxima, e de outros tempos, colocada por João serve para reforçar seu caráter

boêmio, pois como o próprio entrevistado coloca “*tinha uma relação muito próxima enquanto dono do bar*”.

O que houve realmente assim mais de vizinhança, não era bem vizinhança de morador, mas de bar, quando eu morei na Patizal, o Jacaré abriu naquele tempo que eu morava lá, então eles são moradores da Vila, a mãe do Jacaré, o Jacaré, todos eles ali. Eles até freqüentavam minha casa. Às vezes eu fazia janta, eles iam lá, e eu assim ia praticamente todos os dias no Jacaré, então tinha uma relação muito próxima enquanto donos do bar. Seria a única questão de registro de vizinhança, que eu poderia dar aqui na Vila Madalena, não teria outra. Você conhece as pessoas, os velhinhos que moravam ali do lado da Patizal, mas não criou com eles um vínculo de amizade, uma coisa assim de cumprimentar, conversar, não muito mais do que isso (JOÃO).

Na linha do João, José Luiz coloca que a relação não é necessariamente de vizinhança, mas dos amigos do Bairro. Em seu discurso, acaba por fazer um posicionamento interessante, pontuando que a Vila virou um bairro de consumo.

Essa relação de vizinhança na Vila é uma coisa meio esgarçada. Você não tem muito, entendeu? Você vê relação de amizade, as pessoas se encontram nos bares. Na rua, e nos bares. Imagino que se você vai à Mooca, por exemplo, tem aquela coisa mais do pedaço, mais de bairro mesmo. É um centro de consumo. A Vila virou um bairro de consumo (JOSÉ LUIZ).

3.2.5 De Bairro residencial para comercial

Outros entrevistados, assim como José Luiz, pontuaram a questão do consumo, até porque a Vila Madalena passou por uma transformação, de bairro residencial para comercial, inclusive de diferentes tipos, tanto no que se refere aos bares e restaurantes, como lojas de moda, decoração e ateliês de arte. Entretanto, Marco chama a atenção para um tipo de ocupação por afinidade

Além dos bares, tem um outro tipo de ocupação que são os ateliês. Uma coisa que os americanos chamam de cluster, ou seja, aqui as coisas se juntam por afinidade, se você fizer um restaurante, imediatamente abre um boteco na frente, são coisas por afinidade (MARCO).

Seja como for, José Luiz, considera o consumo da Vila Madalena voltado para a elite, quer sejam as lojas e ateliês, quer sejam os próprios bares e restaurantes.

Eu acho que a mudança é você sair de um bairro residencial para um bairro de consumo sofisticado. Eu acho que é isso que nós estamos vivendo hoje [...] a instituição de um pólo de consumo de artigos sofisticados de moda, de lazer. E alguma coisa de serviço também, mas pouco. Eu acho que é mais consumo, mais loja mesmo. Bem sofisticado! Não tem mais boteco, não tem mais bar. Bar, cada vez menos, né?! Tem bar de moda, bem decorado (JOSÉ LUIZ).

Vitor vê com bons olhos as lojas de *design*, mas critica os bares, principalmente pelo tipo de público que atrai. O entrevistado acredita que os bares acabam por expulsar o morador. E destaca a importância de ter gente morando no Bairro.

As lojas de design, de moda. Eu acho isso legal pro bairro. Eu só acho assim que o barzinho pra gente não é legal. Nem enquanto morador, nem como comerciante. Eu acho que é um público que fica na rua, um tipo de público que não interessa pra gente, mas essa lojas tal é um público muito legal, acho que dá um status pro bairro. E eu acho que o barzinho expulsa o morador e eu acho que o bairro que deixa de ter moradores, ele decai. É importante ter gente morando no bairro. Tem bairros assim. Não sei se você já passou assim pela Rua Oriente de madrugada. Você tem medo. Eu acho legal ter o comércio, um comércio bom, mas ter gente morando [...] Barzinho detona. Inclusive dá impressão que o cara faz para durar uns 2 anos e acabou. Mas já assim um restaurante, esse comércio de qualidade é muito interessante (VITOR).

Destaca-se que, na mesma linha do discurso de Vitor, José Luiz coloca “em relação aos moradores, eu acho que eles não gostam nem um pouco da questão dos bares, do barulho, mas gostam muito da questão da valorização do imóvel”. Ou seja, o entrevistado aborda que se por um lado, houve perda de qualidade de vida, por outro, a valorização imobiliária é vista com bons olhos para o morador que possui imóvel no Bairro. “Pelo que eu converso, eu conheço um pessoal antigo, e eles acham que a Vila perdeu muito em termos de qualidade de vida, de sossego, tranquilidade, mas gostam muito da coisa de você ter uma valorização do imóvel” (JOSÉ LUIZ). Vitor cita um ou outro episódio para justificar seu incômodo diante da existência dos bares.

Pra gente é bastante incomodo. Porque assim depois das 11 da noite, pra mim, o bairro fica difícil de andar e a agente nota o comportamento das pessoas. É um cara que ele para o carro no meio da rua, entrega pro manobrista, não faz questão de aliviar, de encostar mais, pra dar passagem. Quer dizer, já é um gênero de pessoas mais arrogantes e que a gente encontra nos outros bairros também. Não se preocupa com que está na rua. E outra coisa que a gente nota também, algumas vezes voltando tarde de algum lugar, ou ao contrario, saindo muito cedo [...] você observa aqui no bairro um movimento muito grande de gente às cinco da manhã perambulando pelo bairro. Eu imagino que é gente que não tem automóvel, que não tem como voltar para casa, e está esperando às seis horas da manhã para esperar o ônibus. Então esse pessoal você escuta à noite os berros. Na verdade os barzinhos pra gente, pra quem mora, acho que não é legal (VITOR).

Josefina, durante a entrevista abordou a luta dos moradores para minimizar os problemas relacionados à grande quantidade de bares no Bairro.

De luta contra os restaurantes. Não contra os restaurantes, mas o próprio barulho, a questão de não se ter mais a minha rua que era privada, virou pública. De repente, eu faço uma calçada, os carros fazem manobras aqui dentro. Então nós lutamos bastante, conseguimos algumas coisas. Os restaurantes entenderam e falaram com os clientes que aqui é um bairro de moradores (JOSEFINA).

Citou também algumas das conquistas alcançadas. “Os valets que andavam e corriam, agora eles tem as peruas que vão levar, já não se corre mais de sapato. Eventualmente corre-se de tênis para não fazer barulho” (JOSEFINA). Também colocou que antes, o barulho ia até duas, três horas da manhã. Mas depois de terem chamado mais de 200 vezes o Programa de Silêncio Urbano, da Prefeitura de São Paulo - PSIU¹², os bares começaram tomar precauções para diminuir o barulho a partir das 23 horas.

¹² O Programa de Silêncio Urbano - PSIU da Secretaria Municipal de Abastecimento, tem o objetivo de resguardar o silêncio após as 22 horas, efetuando vistorias em estabelecimentos comerciais noturnos, que venham a desobedecer os limites permitidos por lei quanto à emissão de decibéis. A Guarda Civil Metropolitana atua nesse programa contribuindo para a proteção dos agentes de fiscalização (Fonte: www.prefeitura.sp.gov.br).

Quer dizer, era uma luta grande. O movimento aconteceu aqui embaixo. Na época veio a subprefeita, nós tínhamos maios de 50 pessoas moradores aqui. O CET veio aqui e estabeleceu algumas coisas. Lógico que na Praça não era para estacionar, mas os caras arrebentaram as placas, eu poderia até reclamar, mas eu pastei tanto... Deixa eles estacionarem! Se não mexer com a rotina da nossa vida. Porque foi desesperador. Era uma coisa. Era um barulho. Era uma gritaria. Melhorou depois desse movimento "Vila Madalena solidária" [...] Começou aqui na Delfina (JOSEFINA).

Josefina reconheceu que o fato de ter os seguranças dos bares na porta de casa dá uma maior tranquilidade já que, segundo ela, a violência aumentou significativamente com o movimento noturno. *"Apesar que da Turi pra baixo, deixou o carro acabou, hein?! Uma amiga minha desavisada deixou, quando chegou já tava arrebentado o carro. Ah não, da Turi pra lá é assalto, inclusive, à mão armada",* assim como também sugere que o morador acabou tendo que se acostumar com a nova realidade *"Tem um momento de que a coisa inflamou e lutou e agora as coisas, quer dizer, algumas pessoas se acostumaram a esse tipo de relação, né?"* (JOSEFINA).

Para Marco, algo que faz muita diferença, "que salva o bairro" são as lojas de roupa e designer.

O problema é que tem muita ladeira. Bater perna é complicado. Um tipo de comércio que é caro [...] A salvação é essa coisa de designer que mantém ela como um bairro simpático [...] faz com que se preserve esse lado residencial que segura um pouco, porque bar é muito predatório. Tudo acaba, né? Uma hora tudo acaba! (MARCO)

Assim como Marco, Vitor sugere que, mesmo com a concorrência, a existência de estabelecimentos com um mesmo propósito pode ser interessante para o Bairro, uma vez que o consumidor ao procurar determinado produto, sabe que poderá encontrar na Vila Madalena.

Tem lojas muito curiosas aqui. Objetos que você não encontra no resto da cidade. Inclusive a gente tem também a papelaria na Natingui, o Espaço do Papel. Quando a gente abriu, éramos os únicos. Agora, tem 5 ou 6 negócios de artesanato com papel no bairro. Mesmo a pizzaria. Acho que isso não é ruim. É concorrência, mas por outro lado, quem quer comprar uma coisa do gênero, sabe que por aqui vai achar (VITOR).

Destaca-se que, sem sombra de dúvidas, há na Vila Madalena uma população flutuante, ou seja, aquela que faz uso do Bairro, mas que não mora. Esse uso pode ser tanto relacionado à oferta de trabalho, quanto no sentido utilitário de compras e lazer. Assim, o Bairro se mantém cheio de pessoas tanto de dia quanto de noite.

Tem toda uma configuração do dia, durante o dia, que são os ateliês, as lojas, e também decoração e tal. Encerrou, a noite são os restaurantes. Os bares e restaurantes [...] Seis e meia, sete horas, encerram as lojas. O pessoal vai embora. Tanto que nesse período, sete e meia você estaciona na rua. Passou sete e meia acabou. Aí chega a vida noturna da Vila (JOSEFINA).

Por outro lado, esse movimento, segundo a mesma entrevistada, acabou por tirar a tranquilidade da Vila Madalena, inclusive no sentido das pessoas se cumprimentarem, até mesmo pelo fato do ambiente já ter sido mais sossegado.

Era aquela coisa de antigamente, de cumprimentar, de respeitar o outro, enfim, a Vila mudou muito. Era tudo muito sossegado. As pessoas na Rua Arapiraca até há pouco tempo sentavam todos na calçada. Hoje já não é possível mais. Então, o perfil do bairro era esse. Sossegado, gostoso, harmonioso, onde nós nos cumprimentávamos (JOSEFINA).

3.2.6 A Vila de ontem e hoje

Quando pedido aos entrevistados que identificassem as principais transformações ocorridas no Bairro associando-as ao tempo de ocorrência, a verticalização apareceu praticamente de forma unânime, em diferentes momentos dos depoimentos, conforme já abordado anteriormente.

Os diferentes tempos e espaços não são vistos separadamente na lembrança dos moradores, pois tempo e espaço se confundem nas imagens lembradas. O tempo é memória, o tempo é diferencial o tempo são momentos, o tempo é situar-se no passado. O espaço é unificante, o espaço é o situar-se no contexto. A curiosidade pelos lugares onde a memória se refugia está ligada a momentos particulares da vida de cada um (LUCENA, 1999, p. 80)

Hector colocou a questão temporal da verticalização em cerca de 10 anos e, assim como os demais, também identificou a problemática da quantidade de prédios que vem sendo construída “*A gente começa a notar muito mais prédios, e essa quantidade vai aumentando*” (HECTOR).

Não foi somente Hector que apresentou um discurso saudoso em relação à Vila Madalena de antes. João também falou de suas lembranças das casas em que morou. Foram 5 endereços distintos na Vila Madalena, contando com o atual, e com experiências aparentemente bastante diversas.

Na Girassol tinha uma coisa muito legal, eu tinha uma horta, né?! Era um pedaço pequeno, tipo essa sala aqui, e a gente colhia um balde de tomate por dia. A gente dava para as pessoas, tinha alface, tinha repolho, tinha couve, algo impressionante. Isso fez com que a casa virasse uma certa referência na Vila. As pessoas vinham, tocavam a campainha para elogiar a horta, ou coisa do tipo (JOÃO).

Bom, em 86, talvez seja importante registrar isso, eu saí dessa casa e vim morar aqui [...] na João Miguel Jarra. A minha casa virou comitê do Eder Sader. O Eder Sader era professor da USP [...] uma pessoa muito, muito, querida na USP mesmo, em meio à esquerda, então a minha casa virou comitê do Eder, era mais uma identificação também, digamos assim, de uma alternativa política, além de alternativa cultural, que rolou ali na Girassol (JOÃO).

Tem a Rua que eu morei 10 anos, a Patizal, é muito forte na minha vida, a Patizal é muito presente porque aqui eu tive aí assim uns quatro anos casado, depois eu me separei e os seis anos eu morei lá sozinho, com amigos, era encontro de todos os domingos. Eu me lembro que ia para o Mato Grosso, trazia peixe, então era churrasco praticamente todos os finais de semana. A vida era muito boa, depois que eu me separei eu vivi muito intensamente. Foi a época que eu trabalhei na gestão da Erundina, eu trabalhava lá no Anhembi, eu era gerente do Pavilhão de Feiras e Exposições, então tinha amizade, todo fim de semana enchia de gente, lá na casa (JOÃO).

Nas três residências mencionadas, é possível observar características marcantes sendo que na primeira, ele comenta sobre a existência de uma horta, algo realmente diferente para os dias de hoje, mas que talvez para aquela época, não fosse tanto assim, embora o entrevistado coloque como se tivesse sido. Segundo Lucena (1999, p. 79) “a arte de lembrar é um ato de recuperação do eu e a história de vida é uma interpretação atual da vivência do passado”. Não podemos esquecer que nos primórdios “os vilamadenenses subsistiam à base do que plantavam em seus quintais” (SQUEFF, 2002, p. 59).

3.2.7 A Vila e a imagem construída pelo senso comum

Foi perguntado aos moradores sobre a imagem construída pelo senso comum de que a Vila Madalena é um bairro cultural, boêmio, artístico, político (essencialmente de esquerda), alternativo, liberal e intelectual. O entrevistado 1 apesar de concordar que a Vila é boêmia, coloca que há no imaginário coletivo características que possivelmente não se adéquam mais à realidade da Vila.

Boêmio é, sobretudo, se você tem mil bares é porque tem um caráter boêmio, mas assim artístico acho que não é mais tanto, cultural e artístico, acho que isso deixou um pouco de lado, mas ainda é, ao menos se não é na realidade, é no imaginário, porque às vezes, o pessoal me pergunta em sala de aula na FAAP onde eu moro, eu falo na Vila Madalena: “Ah! Um bairro legal, um bairro chique, bairro não sei o quê...” ainda tem essa característica assim, do bairro charme, do bairro que tem charme, que tem um diferencial cultural, isso está no imaginário, sem dúvida, mas pra quem viveu isso e conheceu, sabe que isso se modificou muito. Às vezes até falo que já foi mais, outras não chego a fazer nenhum comentário não (JOÃO).

Assim, pode-se dizer que são produzidas “verdades locais” em torno das quais gravitam os comportamentos individuais e coletivos dos moradores, contribuindo para moldar seus comportamentos e suas ações cotidianas (ZAOUAL, 2006, p. 34). Para Marco há uma espécie de exploração do “lado comercial da boemia” e para José Luiz:

A Vila Madalena já foi alternativa “mas não é mais. Foi por uma série de questões. Primeiro pela questão da universidade, muita república e onde você tem muito estudante você acaba com perfil que diferencia. Alugueis muito baratos. Agora dizer assim que é um bairro de intelectuais, eu não sei. Eu não afirmaria assim. Por um tempo foi (JOSÉ LUIZ).

João destaca a presença das produtoras de cinema no Bairro que continuam até os dias de hoje. Também menciona o surgimento do Bar Olívia, que na opinião do entrevistado 1, pode ser um marco considerado à boemia e atração das pessoas de fora da Vila.

Tem outro registro também que eu acho que é muito importante, é a questão assim, o Bairro era muito mais artístico, desde artes plásticas, desde músicos, desde cineastas, tem o Hermano Penna e vários outros que nem vou me lembrar o nome, tinha um inclusive que morou em cima do Empanadas e morreu não faz muito tempo. Era um lugar assim onde você tinha um convívio muito forte em termos de artes, em termos de discussão cultural, isso foi mais intenso nos anos 60 e 70 do que já na década de 80. Em 80 começa a modificar um pouco. E o que eu acho que trouxe muito essa modificação? A chegada do comércio mais ostensivo, entre eles, bares. Como falei, naquela época praticamente só tinha o Bar da Terra, o Sujinho e o Empanadas, começa a surgir o Bartolo e seguem os bares que existiam, não tinha mais. Quando entrou o Olívia, não sei se você lembra disso [...] modificou a clientela. Começou a vir muita gente [...] É o que difere, deve ter sido em 86, 87, aí muda o tipo de público, de atividades, aqui mais tranquilas, mais caseiras [...] Na verdade, onde era o Olívia era muito legal, eu passava muito a pé ali, era um bar onde os velhinhos jogavam xadrez, damas, coisa assim, era o encontro dos velhinhos ali, aí ele foi comprado por um outro grupo que abriu o Olívia. E o Olívia era muito freqüentado, muita gente. E era a molecada, diferente do que era o público normal. Era mais molecada, essa coisa que virou a Vila Madalena, não era o público assim de meia idade, era o perfil daquilo que hoje lota os bares ali mesmo, no POSTO 06 (JOÃO).

Para Marco “o negócio do Olívia foi um grupo de profissionais que abre bares e vende. Abre bares, bota lá em cima e vende” e, portanto, o considera “um bar com cara do Itaim. Essa coisa nova”, mas concorda dizendo que foi o bar Olivia que colocou a Vila Madalena no circuito de bares, pois considera que na época só havia botecos. Cita ainda como exemplo “o Jacaré que é hoje um bar famoso, né? Um bar grill famoso. Eu me lembro que quando abriu era um botequinho sem vergonha, um banheirinho nojento com uma porta”. Mas recua dizendo que “o Jacaré abriu dentro da possibilidade, o que dava pra fazer” (MARCO).

Eu não concordo que o Olivia enchia. A esquina pegou com o Posto 6. Trouxe as pessoas de fora. Eu nunca sentaria num bar daquele. Eu nunca me misturaria com aquelas pessoas do bar. O Olivia acho que era um bar errado. Comida ruim. Coisa de, ou seja, o que se entende com os bares da Vila. Uma comida mais popular. Você paga caro uma coisa que é ruim. Come torresmo e paga caro. Faz uma comida ruim, mas metida entendeu? Não gosto daquelas pessoas. Eu nunca sentaria naqueles quatro bares da Aspicuelta com a Mourato. São pessoas que viram a noite (MARCO).

Ao mesmo tempo, Marco procura em seu discurso defender outros exemplos de bares “Tem o Filial, por exemplo, acho um bar interessante, tem gente diferente se misturando, mas tem gente como a gente também, inclusive geracionalmente”.

Em suma, o entrevistado coloca os bares da Aspicuelta como uma proposta que atrai um público jovem, de fora do Bairro, e que, segundo sua concepção, não combina com a Vila Madalena. Em relação ao bar Astor, coloca *“Você vai pro Astor, não é uma questão de quantos anos você tem, mas é um papo de gente mais velha”*. Vale lembrar que no capítulo 1 Magnani (2007) faz um contraponto dos públicos frequentadores da Vila Madalena com o da Vila Olímpia. No caso, o entrevistado sugere que os bares instalados na Rua Aspicuelta possuem um perfil de bairro como o da Vila Olímpia, o que acaba por atrair as pessoas de fora. Destaca-se que apenas o entrevistado 2 teceu elogio aos bares da Rua Aspicuelta, possivelmente pelo fato de Hector ter possuído recentemente um bar nesta rua, o que justificaria a opinião diferenciada dos demais.

Josefina em virtude de sua luta contra os bares e restaurantes coloca que por muito tempo sequer entrava em qualquer um dos estabelecimentos. Entretanto, considerando algumas conquistas, acabou cedendo, conforme coloca *“eu não entrava em restaurante nenhum, hoje eu vou muito à vontade ao Astor, por exemplo. Imagina, na luta que a gente tava, foi uma loucura, mas hoje não. Minhas amigas que inclusive estão frequentando aqui, às vezes eu to até de pijama...”* (JOSEFINA).

Hector, conforme já citado, encara de uma forma bem diferente, mais positiva, essa mudança no que se refere aos tipos de bares e público, já que chega até a fazer uma comparação da Vila Madalena a um bairro parisiense.

É, agora por causa dos bares, isso tudo dá um charme à Vila Madalena que às vezes eu comparo, pelo fato de eu ser comerciante anteriormente, eu morei 10 anos na Europa, desses 10 anos, eu morei três anos em Paris, então a Vila Madalena me lembra muito um bairro, que eu frequentava muito lá em Paris, que se chama Quartier Latin, um bairro latino. E eu considero que a Vila Madalena é uma espécie de um bairro latino como o Quartier Latin de Paris, em São Paulo. Porque tudo está concentrado na Vila Madalena. Você tem os bares, os restaurantes [...] e tudo o que você quiser tem na Vila Madalena. Por isso que concentra tanto movimento de gente (HECTOR).

O entrevistado 1, João, usa o termo “alternativa política”, presente em grande parte do seu depoimento, tanto as palavras “alternativa” ou “alternativo”, quanto o contexto político, na verdade, sempre muito relacionados um com o outro. São diversos os momentos em que ele se posiciona politicamente, indo de acordo com a

imagem política de esquerda construída pelo senso comum vinculada à Vila Madalena. A seguir, alguns trechos que reforçam esse posicionamento:

Em 78 fui morar no Mato Grosso como opção de fazer um trabalho alternativo, na periferia, junto a trabalhos indígenas, um trabalho de esquerda dentro da igreja [...] E aí um amigo meu já morava aqui, a gente era lá do Mato Grosso, fomos fundador do PT e tudo mais (JOÃO).

Bom, a partir desse contato com essa escola, aqui na Vila Madalena, eu comecei a conhecer mais a Vila porque num certo sentido quase todos os alunos eram da Vila, os professores moravam aqui, eram pessoas alternativas, que vinham até numa resistência, Ditadura Militar. No mínimo era alternativo, pessoas assim que queriam fazer um trabalho, um pouco fora do que talvez fosse o mais comum (JOÃO).

A Feira da Vila é muito comercial. E assim, não sei. Nos últimos anos eu não fui mais, mas para você ter uma idéia durante 20 anos eu ia todo ano, porque pra mim era ainda o espaço de encontrar pessoas [...] até essa coisa política também, era o surgimento do PT, então era o espaço do PT de divulgar os candidatos, tudo isso, era algo alternativo mesmo, e eu acho que perdeu essa característica, virou um negócio mais comercial mesmo (JOÃO).

Quanto à mesma questão política, Josefina se lembrou de um momento em que resolveu “afrontar” os petistas do Bairro.

Eu estive aqui no Astor e tava aí o Ricardo Montoro. A gente se conhece e tal [...] aí eu sei que o perfil aqui é PT [...] eu trabalhei muito com petista, a Erundina foi minha colega de mesa, mas eu quero ver se existe mesmo essa questão de “eu te respeito, você me respeita” [...] O Dácio apoiou o Ricardo Montoro, tinha uma foto dele aqui, eu pendurei bem lá em cima, no portão. Nunca mais nenhum petista nos cumprimentou na rua [...] a maioria das pessoas que ainda hoje moram aqui, elas são petistas, só que assim, são petistas todos muito bem obrigado, porque nenhum anda de sandália havaiana (JOSEFINA).

José Luiz discorda de Josefina em relação à Vila Madalena ser considerada um reduto petista. É possível que, pelo fato dele já ter trabalhado diretamente em campanhas eleitorais de candidato do PT, atual presidente da república, consiga caracterizar melhor a realidade do Bairro.

Não é de esquerda. Não acho. Se você for pegar os censos eleitorais, você vai ver que não é. É um bairro conservador, é um bairro que vota na direita. A Vila vota na direita. Eu acho que tem uma cara, tem uma imagem. Mas é uma imagem. Você tem uma grande maioria silenciosa que o voto é conservador. Trabalhei em duas campanhas do Lula, no Comitê Nacional. O estado de São Paulo é conservador e a cidade também. Agora aqui não, é mais PSDB. É uma questão de imagem construída. Um bairro alternativo emprestou essa cara, mas se você for pegar os dados é uma imagem só, não é uma realidade (JOSÉ LUIZ).

A fala de José Luiz, por sua vez, confere com a realidade já abordada por meio dos dados apresentados nesta dissertação no capítulo 1.

Nesse sentido, em relação às transformações ocorridas no Bairro, João cita sua participação no movimento “Antes que a Casa Caia” sugerindo de certa forma que os moradores da época possivelmente eram mais engajados e participativos.

[...] a Vila Madalena mudou muito. Porque eu nem conheci muito antes, mas no início da década de 80, não tinham prédios aqui, eu cheguei a fazer parte de um movimento que chamava “Antes que a Casa Caia”, que era para não deixar construir grandes prédios. Teve uma idéia de construir um presídio perto da Merceria, tirariam aquela praça ali atrás. A comunidade se organizou, plantou-se Pau Brasil ali e outras árvores que não podem ser derrubadas, em extinção, para evitar a construção do presídio ali, né?! Então, tudo isso revela um pouco o que era. Isso é final de 70, 80. Isso vai até 80, até a década de 80 (JOÃO).

O episódio do presídio, comentado por João, segundo os autores pesquisados, tratava-se na verdade da construção de uma delegacia. Seja como for, o movimento foi um sucesso e até hoje é referência na Vila Madalena enquanto resistência e criatividade dos moradores. José Luiz também menciona o referido movimento em seu discurso com um dos momentos mais interessantes de engajamento dos moradores da Vila Madalena.

Uma coisa de outra natureza foi um movimento que houve pra não permitir a mudança da legislação de zoneamento. Porque a especulação queria mudar. Você tem aqui uma zona restritiva que não permite verticalização, permite até três andares, só que você tem um perímetro. Você pega um mapa de zoneamento pra você ver. Teve um debate na câmara para que se mudasse [...] e se montou um movimento chamado “Antes que a casa caia”, que esse pessoal fez uma luta política e não permitiu, entendeu? Do ponto de vista da organização mais política esses dois movimentos foram muito interessantes (JOSÉ LUIZ).

3.2.8 A Vila da cidade e do Turismo

Quando perguntado se há algo (acontecimento, empreendimento etc.) que possa ter dado maior projeção ao Bairro, ou seja, que tenha tornado a Vila Madalena mais conhecida, Hector cita a Feira da Vila. A Feira da Vila Madalena hoje é considerada um dos maiores eventos de rua da cidade de São Paulo. Entretanto, ficou nítido durante a entrevista seu desconhecimento em relação à data em que costuma acontecer, assim como maiores detalhes referentes à própria feira.

O que acho que deu mais uma caracterização à Vila Madalena foi a Feira que penso que ainda exista, uma vez por ano, que tem artesanato... A Feira da Vila [...] Acho que isso caracteriza também uma particularidade da Vila Madalena. É um ponto importante, que dá projeção. Porque vem gente de todas as partes de São Paulo, para participar desse evento (HECTOR).

E, embora Hector afirme que vai à Feira da Vila, pela sua expressão facial, e falta de clareza a respeito do evento, acabou não convencendo a pesquisadora.

Já no caso do João, ele cita a novela como principal fator de projeção. Marco, também em relação à novela, trata-a como “*uma coisa oportunista. Fizeram a novela. A novela é oportunista. Uma exploração comercial do caráter da Vila*”. Vale lembrar que apenas esses dois entrevistados mencionaram a novela em seus discursos. Os demais sequer abordaram. Seja como for, o fato é que se tratando de uma novela exibida em rede nacional, não há como negar que a Vila tornou-se mais conhecida, ainda que não tenha representado o Bairro conforme os moradores gostariam.

Já a Feira da Vila, foi mencionada pela maior parte dos entrevistados, porém, com olhares distintos. João, por exemplo, expressa uma opinião bastante segura em relação à descaracterização da Feira, e confirma que já deixou de ir, embora a tenha freqüentado por muitos anos. Coloca ainda alguns problemas em relação à aceitação de sua continuação por parte de alguns moradores, informando “*que tem até abaixo-assinado de moradores que não querem mais que ela continue depois das seis horas da tarde, não é mais a feira que era*”. Para Marco, que dentre os entrevistados mostra-se nitidamente mais desprovido de cuidados em sua fala, considera a Feira da Vila como “*barraca vendendo cachorro quente chamado de*

cultura” e ainda complementa com “É tanto desprezo pela cultura popular” (MARCO).

José Luiz em contrapartida entende o evento como algo que tem o seu valor, conforme depoimento que segue:

A Feira da Vila foi uma coisa muito novidadeira assim, né? Do ponto de vista da cidade, foi uma coisa muito nova. São Paulo não tinha isso. Uma feira de bairro como essa e foi muito oportuno porque você tinha na Vila um potencial. Essa feira não cai do céu, entendeu? Você tinha assim junto com república de estudante você tinha muita gente mexendo com artesanato, muito artista começando carreira. Então a feira aglutinou. Acho que isso foi uma coisa importante (JOSÉ LUIZ).

Ainda no que se refere à projeção da Vila Madalena, Josefina menciona “eu não sei se por felicidade ou infelicidade ela está no New York Times, a Vila Madalena”. E completa:

O que deu bem essa coisa Vila Madalena, de projeção [...] acho que a coisa da arte. Porque você vê, ela tem um teatro, ela tem as artes de rua, os ateliês. Bom, enfim, a Vila tem um charme, ela criou um certo charme que foi atraindo. Porque barzinho atrai meninada, e principalmente com metrô leste oeste, atrai gente do leste, da zona leste. [...] Primeiro lugar eu acho que foram os movimentos culturais mesmo [...]. Então os ateliês, a decoração, a cerâmica. Isso aqui teve um grande momento. E aí juntou com a questão dos grandes restaurantes que aí culminou com a coisa. Mas vamos ver o que a Vila [...] Eu acho que é um conjunto de coisas (JOSEFINA).

Hector cita a escola de samba Pérola Negra também como fator de diferencial, como uma particularidade da Vila Madalena e que acaba por agradar os turistas que visitam a cidade e o Bairro.

Tem um espaço onde todos os anos ensaia aquela escola de samba, a Pérola Negra, na Girassol. E às vezes eles desfilam, circulam pelas ruas [...] pra ensaiar, é uma particularidade da Vila Madalena. Não tenho conhecimento de outro lugar [...] é interessante porque eu tenho recebido visita de amigos, do exterior, da Itália, da Europa em geral, de músicos, e puxa vida, eles sabem dos eventos, e às vezes eles ficam maravilhados com a manifestação na rua (HECTOR).

Cita a identidade do Bairro, reforça a questão dos bares e identifica a Vila como um lugar turístico.

Ela criou uma identidade. A Vila Madalena tem uma identidade. Tem uma identidade, por causa dos bares, lugares muito badalados, enfim, bares com alguma particularidade, atraindo gente de todas as partes de São Paulo. Gente que não mora na Vila, de fora. Domingo de tarde, tem gente passeando como se fosse num lugar turístico. É essa semelhança que eu encontro com o Quartier Latin de Paris. Porque os turistas, eles passeiam pelo bairro, por causa da possibilidade que oferece dessa coisa charmosa (HECTOR).

Cabe observar que neste ano foi inaugurado um albergue na Vila Madalena, conforme exposto no capítulo 1 o que, de certa forma, pode confirmar o potencial turístico da Vila Madalena colocado por Hector.

3.2.9 O que a Vila tem que os outros bairros não têm

Quando perguntado sobre a existência de algo que diferencie a Vila Madalena de outros bairros da cidade, Hector citou alguns dos estabelecimentos comerciais.

É verdade, nós temos uma livraria aqui, você encontra livros de todo tipo, a Livraria da Vila, é fantástica, não? Tem essa coisa alternativa como, por exemplo, de massagens especiais, massagem para relaxamento, shiatsu, de toda especialidade, isso tem muito, que acontece aqui na Vila Madalena. Têm psicólogos. Ou seja, você encontra tudo, no aspecto também de comércio, supermercado, você encontra tudo. Não precisa ir longe, absolutamente tudo perto, restaurante de todo tipo, especialidades... (HECTOR)

Marco se refere à Livraria da Vila como “a mais simpática de São Paulo”, enquanto José Luiz coloca o cosmopolitismo como principal diferencial, ainda que reconheça que essa seja uma característica eminentemente paulistana. Seu discurso vai de encontro com o de Hector no sentido de considerar a Vila Madalena enquanto lugar turístico.

A próxima virada dos 10 próximos anos, eu acho que a Vila Madalena tem uma tendência a virar um lugar meio internacionalizado. Já ta acontecendo. Tô vendo muito gringo na Vila Madalena. Um cosmopolitismo [...] Um bairro que atraí estrangeiros. Acho que tem uma certa tendência a esse tipo de uso urbano, de atrair estrangeiros, de ser um lugar assim onde vai estar com uma presença mais marcante de gente em trânsito por São Paulo. Essa questão do consumo de alta capacidade financeira, de moda, de grife, de arte. Isso é meio inevitável de atrair esse tipo de público. Eu acho que São Paulo já tem muito disso. Já é uma cidade cosmopolita e eu acho que a Vila vai acabar tendo um papel meio de referência (JOSÉ LUIZ).

Para Josefina *“A Vila Madalena tem alguma coisa assim que é especial dos outros bairros. Não sei, ela se tornou, diferente. Ela tem um charme. Tem um charme que a diferencia”* enquanto João também cita o charme da Vila, mas com a preocupação com sua perda *“Meu temor é que ela perca a sua característica charmosa, que tem a ver com aquelas casas ainda antigas. Por que os prédios estão invadindo, aos pouquinhos, estão invadindo a própria Vila” (JOÃO)*. Como é possível observar, são muitos os depoentes que tratam a Vila Madalena como um Bairro charmoso, fator que a diferencia dos outros bairros, mesmo considerando todas as transformações por eles pontuadas.

É possível destacar ao longo dos depoimentos que todos os entrevistados possuem uma relação estabelecida com o Bairro não somente de moradia, mas de convivialidade. Alguns possuem até mesmo relação de trabalho e todos sem exceção optam pela Vila nas horas de lazer o que, sem dúvida, a torna diferente da grande maioria dos bairros da cidade de São Paulo.

A seguir, no capítulo 4, será apresentado o resultado da sobreposição das delimitações territoriais da Vila Madalena identificadas pelos entrevistados, assim como o mapa de cada um dos moradores depoentes a partir de suas referências mnemônicas, seguidos de uma análise geral.

Como tem teen
 Como tem teen, oi, oi, oi, oi, iô
 Como tem teen
 Como tem teen na Mourato

O arquiteto que só falava em Bauhaus
 E que tava sempre maus
 Muito louco de barato
 Fez um projeto lá pro governo do estado
 Foi pro secretariado
 Virou um grande de um chato
 O militante, o maior dos trotskistas
 Sumiu e não deixou pistas
 Parece que foi pro mato
 Mas há quem diga que um dia ele foi visto
 Numa Assembléia de Cristo
 Fica registrado o fato

O cineasta, pós-graduado na Eca
 E que da cinemateca
 Era um verdadeiro rato
 Hoje é da Globo, amigo do Falabela
 Dirige telenovela
 Até já assinou contrato
 E agora eu, que vivia no Sujinho
 Só na pinga com caldinho
 Me incluo no relato
 Mudei da Vila, nunca mais quis ser odara
 Leio escondido a Caras
 Levo os filhos na Mourato

Eu sempre fui da Vila um cidadão respeitado
 Hoje eu fico na fila do Santa casa e sou barrado

Na Mourato – Língua de Trapo
 (SARRUMOR; MELO 1998).

4 A IMAGEM DA VILA MADALENA E SUAS REPRESENTAÇÕES

Como parte do método utilizado nesta pesquisa, o exercício de imaginabilidade consistiu em pedir para cada entrevistado que a partir do Mapa Base (apêndice II) e o uso de uma caneta, definisse os limites do Bairro da Vila Madalena. Lembrando que embora o mapa apresentasse os Distritos de Pinheiros, Alto de Pinheiros e arredores, tais limites distritais não estavam apresentados para que não houvesse qualquer influência na percepção destes.

Considerando que os entrevistados foram informados que o mapa poderia ser construído a qualquer momento da entrevista, vale dizer que metade dos entrevistados optou por fazer o exercício do mapa no início e a outra metade no final. Com maior exatidão, os três primeiros entrevistados elaboraram o mapa no final da entrevista, e os três últimos iniciaram a entrevista pelo mapa. Ressalta-se, porém, que nenhum deles, durante os discursos utilizou-se do mapa como forma de localizar algum estabelecimento, algum lugar de memória, para qualquer explicação.

Dessa forma, teremos em um primeiro momento a sobreposição dos mapas dos moradores no que se refere à delimitação territorial do Bairro da Vila Madalena com sua devida análise, e num segundo momento, os mapas individuais elaborados por meio da apreensão dos discursos, ou seja, lugares que foram citados durante as entrevistas a partir das referências mnemônicas de cada entrevistado.

Apoderar-se da imagem de sua cidade significa, para ele, flagrar sua própria imagem. O mapa da memória do eu e o mapa da cidade se sobrepõem, não é possível desenhar um sem o outro (BOLLE apud FREIRE, 1997, p. 74).

O objetivo desse primeiro momento, conforme já explicitado no capítulo 2, foi definir o que vem a ser o Bairro da Vila Madalena para os moradores, uma vez que não há delimitação oficial dos bairros na cidade de São Paulo. Cabe acrescentar que “é conhecida a prática do paulistano de “deslocar” sua residência: o morador da Vila Buarque “localiza-se” em Higienópolis ou no Pacaembu; o do Bexiga, na Bela Vista; o da Vila Prudente, na Mooca, e assim por diante” (SOUZA, 1994, p. 132), de modo que na Vila Madalena, não é diferente. Quando a Vila era pouco conhecida, seus moradores com frequência “se localizavam” em Pinheiros ou Alto de Pinheiros,

Conforme se observa no mapa, a área considerada pelo entrevistado 2 (Hector), no que se refere aos limites da Vila Madalena, é a mais abrangente, enquanto o entrevistado 4 (José Luiz) apresenta a menor área, fazendo que sua delimitação se restrinja apenas ao chamado “miolo” da Vila.

Um aspecto interessante é que para quatro dos seis entrevistados, a Rua Natingui aparece como delimitação entre a Vila Madalena e a Vila Beatriz. O entrevistado 5 (Vitor), entretanto, abrange uma área maior e o entrevistado 2 (Hector) fez uma espécie de “barriga” no mapa com o propósito de garantir a inclusão de sua casa à Vila Madalena, pois, se considerada a sua própria tese, de que a Rua Natingui é a via divisória, sua casa então faria parte da Vila Beatriz. Hector usou como justificativa o sentimento de pertencimento à Vila Madalena, dizendo que ao ser questionado sobre seu local de moradia, sempre responde que mora na Vila, e como meio de legitimar seu ato, no mesmo dia da entrevista, mostrou à pesquisadora uma correspondência que acabara de receber onde constava no envelope Vila Madalena.

Disse que as correspondências chegam hora como Vila Madalena, hora como Vila Beatriz e mencionou também que a escritura da sua casa, está como Vila Madalena. Portanto, não achava que estava errado considerar dessa forma. Também colocou que a Vila Madalena estende-se até a Rua Heitor Penteado, onde está o metrô Vila Madalena, fato que contraria a opinião dos demais entrevistados que consideram ali, a região do metrô, como do bairro Sumarezinho. O que chegou mais perto da região do metrô foi o entrevistado 3 (Marco), mas que ainda assim não o incluiu. O entrevistado 4 (José Luiz) chegou a dizer que “*o metrô tinha que chamar Heitor Penteado*”. Vale lembrar que nos primórdios, era nessa região que o Rio Verde tinha uma de suas nascentes conforme já abordado no capítulo 1. Assim, embora mais distante do “miolo” não seria demais considerá-la como parte do Bairro da Vila Madalena.

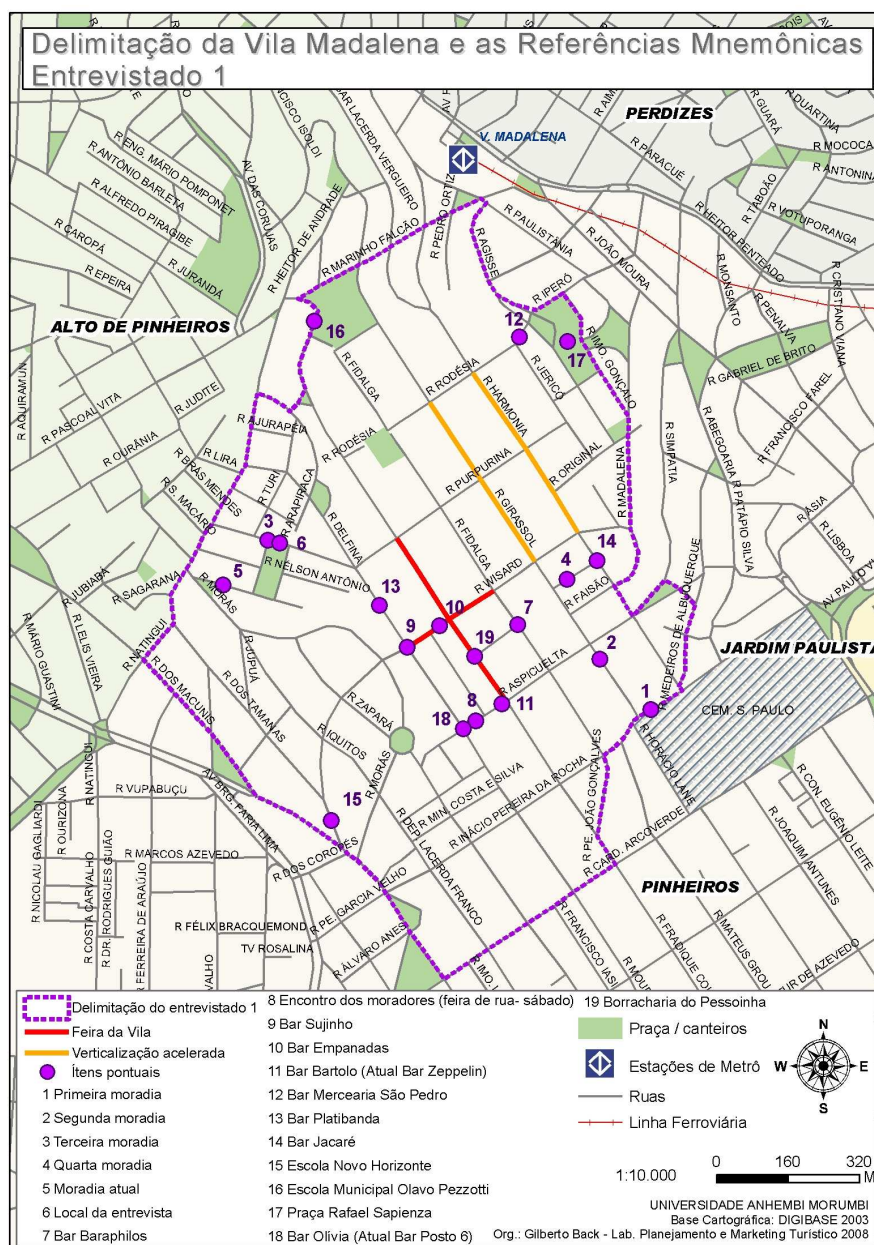
Ainda considerando “a barriga” desenhada por Hector, é possível notar que apenas está pequeníssima área poderia ser considerada como do Distrito Alto de Pinheiros. O restante do seu mapa está todo localizado tão e somente no distrito de Pinheiros. Destaca-se, entretanto, que para efeito político administrativo, a Vila Madalena localiza-se nos dois distritos e ainda, se considerarmos o mapa elaborado e apresentado no capítulo 1 que utilizou como critério o uso dos Correios, a maior parte da Vila está no Distrito Alto de Pinheiros.

Pela percepção de todos os entrevistados, o cemitério São Paulo foi excluído da Vila Madalena. O interessante, entretanto, é observar que quatro dos seis entrevistados consideraram parte da Rua Cardeal Arcoverde, que é a rua do portão principal do cemitério, como limite entre o Bairro da Vila Madalena e Pinheiros, assim como os outros dois entrevistados consideraram a Rua Luís Murat, que é a rua atrás do cemitério como divisa dos mesmos bairros. Marco justificou ainda que seria *“mórbido demais considerar o cemitério como da Vila”*. Que ela, a Vila Madalena, poderia passar sem.

Apenas dois entrevistados incluíram a Rua João Moura como parte da Vila Madalena. Hector, por ter sido o entrevistado que abrangeu a maior área, e Marco, possivelmente por ter morado nessa rua por dois anos (1986/1988), antes do seu atual endereço, Rua Simpatia.

A sobreposição dos traçados permite ainda detectar que apenas a pequena parte chamada de “miolo” da Vila, coincide entre os entrevistados. Metade dos entrevistados considerou a Rua Morás como limite entre a Vila Madalena e o Alto de Pinheiros e a outra metade abrangeu um pouco mais, chegando até a Rua Pedroso de Moraes.

Após a delimitação do Bairro pelos entrevistados foi identificado a partir dos discursos dos informantes alguns pontos de memória, apresentados a seguir separadamente com algumas considerações.



Mapa 5 – Entrevistado 1 – João

Fonte: Base Cartográfica DIGIBASE 2003, organizado por Gilberto Back. Laboratório de Planejamento Turístico da Universidade Anhembi Morumbi.

Cada mapa possui identidade própria. E como bem observa Zaoual (2006, p. 20) “o homem é antes de tudo um animal territorial”. Assim, no caso do mapa do João, além das residências, que foram cinco ao todo contando com a atual, foi inserido o local da entrevista, o seu ex bar Barophilos, que embora não exista mais, faz parte da memória afetiva do entrevistado, assim como todos os bares que mencionou durante seu discurso pela sua frequência até os dias de hoje. Vale

lembrar que João é um boêmio assumido e que, portanto, é natural que a presença dos bares seja tão significativa no seu mapa. Porém, observa-se que todos os bares constantes no mapa, são estabelecimentos mais antigos, que surgiram numa Vila Madalena de outrora.

Por ser professor, também foram inseridas as duas escolas que deu aula e que foram os primeiros empregos quando chegou à cidade de São Paulo.

O bar Olívia foi citado não como local de uso, mas como referência a um novo tipo de estabelecimento, mais “arrumado” que acabou por atrair outro tipo de público para a Vila, pessoas de fora, de outros bairros da cidade. Para João, o bar Olívia foi o precursor de um tipo de bar que hoje se instala na Vila Madalena, com a predominância de um público mais jovem e, segundo ele, “de balada”.

A Praça onde foi plantado “pau-brasil”, a esquina de encontro dos “madalenos”, e as ruas tanto onde é realizada a Feira da Vila, quanto as que se referem à verticalização mais acelerada foram identificadas como referência importante durante o seu discurso. Ressalta-se que apenas dois entrevistados citaram a feira de rua que acontece aos sábados onde os “madalenos” se encontram. No caso foi João e o entrevistado 3 (Marco). João, assim como os demais entrevistados declarou que anda muito a pé pelo bairro e pelo seu mapa, pelo menos no que se refere aos principais espaços de uso é possível verificar que há bastante proximidade entre um local e outro.

Um aspecto interessante e que merece destaque foi que o entrevistado num determinado momento ao querer explicar sobre a localização da “borracharia do Pessoinha”, além de não ter utilizado o mapa como forma de auxílio, também não simplificou a explicação, podendo apenas falar o nome da rua e o quarteirão. Inconscientemente, ele deu toda uma volta para chegar ao local, pois considerou como referência basicamente os endereços que fizeram parte da sua vida: umas das ruas de moradia (Rua Patizal), e onde teve o bar (Rua Fidalga). Os pontos mais importantes declarados referem-se justamente aos bares que o entrevistado mais frequenta.

O mapa de João está inserido inteiramente e unicamente no distrito de Pinheiros.

A seguir, o mapa do entrevistado 2, Hector, com as identificações selecionadas durante sua entrevista.



Mapa 6 – Entrevistado 2 – Hector

Fonte: Base Cartográfica DIGIBASE 2003, organizado por Gilberto Back. Laboratório de Planejamento Turístico da Universidade Anhembi Morumbi.

O mapa do Hector possui uma quantidade bem menor de referências, se considerado o mapa do entrevistado 1. Apenas foram citados seus locais de moradia, assim como seus dois bares, além de algum ponto ou outro como as ruas onde acontece a Feira da Vila, a Rua Aspicuelta como referência aos bares ali instalados, a escola de samba Pérola Negra e a Praça que existe em frente ao local onde era sua ex-casa.

Hector é uma pessoa bastante caseira e até pelo fato de ser músico e trabalhar na noite paulistana, quando não está trabalhando, prefere ficar em casa. O entrevistado mostrou muito saudosismo em sua fala, principalmente quando falou de sua ex casa. Foi nela, inclusive, que surgiu o seu primeiro bar, o Melograno.

O primeiro era Melograno, na mesma casa onde eu morava, só que um terreno bastante amplo, coisas que também estão sumindo na Vila Madalena. Era um terreno de 550 metros quadrados, caro de encontrar hoje, que me permitia ter um espaço suficiente para pensar em montar dentro da minha casa, não junto obviamente, mas separado, tudo na parte da frente da casa. Daí eu montei um bar que se chamava justamente Melograno. Tive ele durante quatro anos (HECTOR).

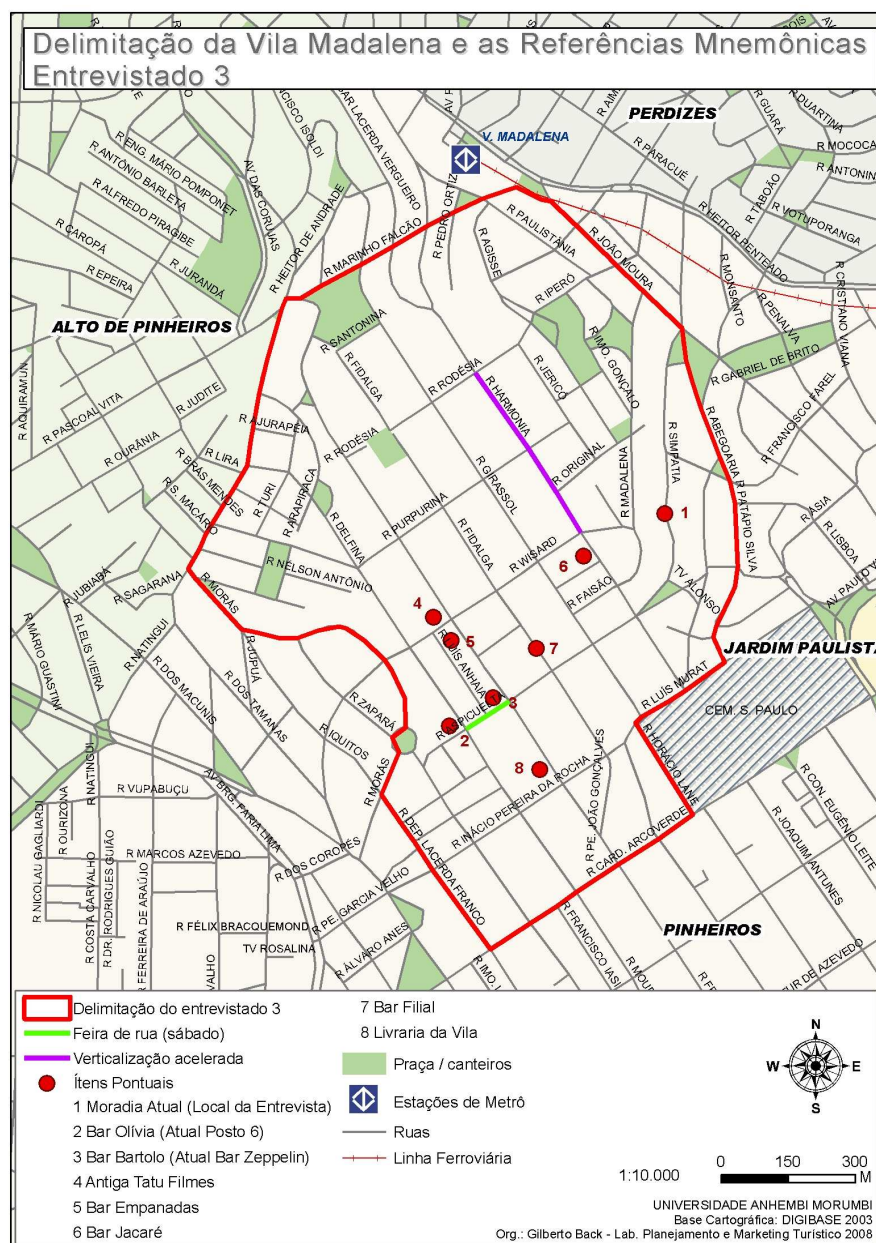
Um ponto de destaque interessante é que o entrevistado, diferente dos demais, enxerga a Rua Aspicuelta de forma positiva, ou seja, a quantidade de bares e os perfis dos estabelecimentos ali instalados não é motivo de crítica. Como já colocado anteriormente, é possível que sua leitura se diferencie pelo fato de ser o local de seu segundo bar.

Hector também foi o único a citar a escola de samba Pérola Negra. Sua colocação se deu principalmente pelo fato de receber muitos amigos estrangeiros que ficam “encantados” com os ensaios. Ainda nessa linha, Hector foi o único entrevistado que citou a Vila Madalena como lugar turístico da cidade. José Luiz até abordou certo cosmopolitismo no Bairro, mas de forma diferente. Os demais ainda que tenham colocado a presença de um público de fora, o fizeram mais em relação aos moradores dos bairros vizinhos que freqüentam os bares da Vila Madalena. O entrevistado chega até mesmo a comparar a Vila Madalena com o *Quartier Latin*, em Paris.

A Feira da Vila embora tenha aparecido no seu discurso, não recebeu maiores detalhes e novamente, diferente dos demais entrevistados, também não recebeu crítica.

Conforme já colocado, o único pedaço de seu mapa que se refere ao distrito Alto de Pinheiros se refere à sua atual moradia. O restante todo faz parte do distrito de Pinheiros.

A seguir, o mapa do entrevistado 3, Marco.



Marco em seu discurso abordou estabelecimentos que já não existem mais, como o bar Olívia, o bar Bartolo e a Tatu Filmes. No caso do bar Olívia, Marco diverge do entrevistado 1, colocando que não foi um lugar de sucesso, e que a esquina onde o bar foi instalado só foi pra frente com o surgimento do atual bar Posto 6, enquanto João acredita que o bar Olívia fez muito sucesso na época.

A Tatu Filmes foi uma produtora de cinema instalada na frente do bar Empanadas. Nos anos 80, o bar chegou a ter convênio com a produtora para a alimentação dos funcionários de forma que o Empanadas acabou se tornando uma espécie de extensão da Tatu Filmes. A produtora encerrou suas atividades no Bairro depois do Plano Collor, entretanto, o bar Empanadas continuou a atrair esse público formado por produtores e cineastas, e ainda guarda seus resquícios com pôsteres de filmes antigos e recortes de jornal da época. Marco e José Luiz (entrevistado 4) foram os únicos entrevistados a citarem a Tatu Filmes durante seus discursos. João (entrevistado 1) identificou a presença de cineastas no Bairro, mas não falou propriamente da produtora, daí o motivo da não aparição da Tatu Filmes no mapa do entrevistado. Cabe ressaltar que a Vila Madalena nos anos 80 também possuía a Filmes do Brasil, e hoje algumas das principais produtoras de cinema nacional estão instaladas no Bairro, como a Anhangabaú Produções na Rua Girassol, a Drama Filmes na Rua Aspicuelta, a Olhos de Cão Produções Cinematográficas na Rua Madalena, Omnicom na Rua Turi, e a Plateau Produções, na Rua Paulistânia. Há ainda outras produtoras na vizinha Vila Beatriz.

O bar Filial foi citado pelo fato do entrevistado reconhecê-lo como um dos poucos bares que, de fato, combina com a Vila Madalena, pois em seu discurso, conforme já explorado no capítulo anterior, Marco deixa muito claro sua falta de simpatia pelos novos bares, principalmente os instalados na Rua Aspicuelta.

Concordando com João, Marco localizou a verticalização acelerada na Rua Harmonia e o encontro dos moradores, ou antigos moradores, na feira de rua que acontece aos sábados. A abrangência de seu mapa também se limita ao distrito de Pinheiros.

A Livraria da Vila foi lembrada por três dos seis entrevistados e Marco se refere a ela como “a mais simpática de São Paulo”.

Segue o mapa elaborado a partir do discurso do entrevistado 4, José Luiz.



O que mais diferencia o mapa de José Luiz, além da menor abrangência espacial, é o fato de seus itens pontuais estarem todos concentrados no “miolo” da Vila Madalena. Todo o mapa de José Luiz está concentrado no distrito de Pinheiros.

Segundo João (entrevistado 1), José Luiz é um autêntico “madaleno” e por isso, o indicou para a pesquisa. Ambos são boêmios, o que justifica a quantidade de bares nos mapas, de modo que os bares Sujinho, Empanadas e Bartolo não

poderiam faltar, até porque são os mais antigos do Bairro. E assim como João, José Luiz também já morou em outros endereços na própria Vila Madalena, sendo que suas duas primeiras moradias foram em repúblicas. Conforme já exposto aqui, apenas João e José Luiz moraram em república.

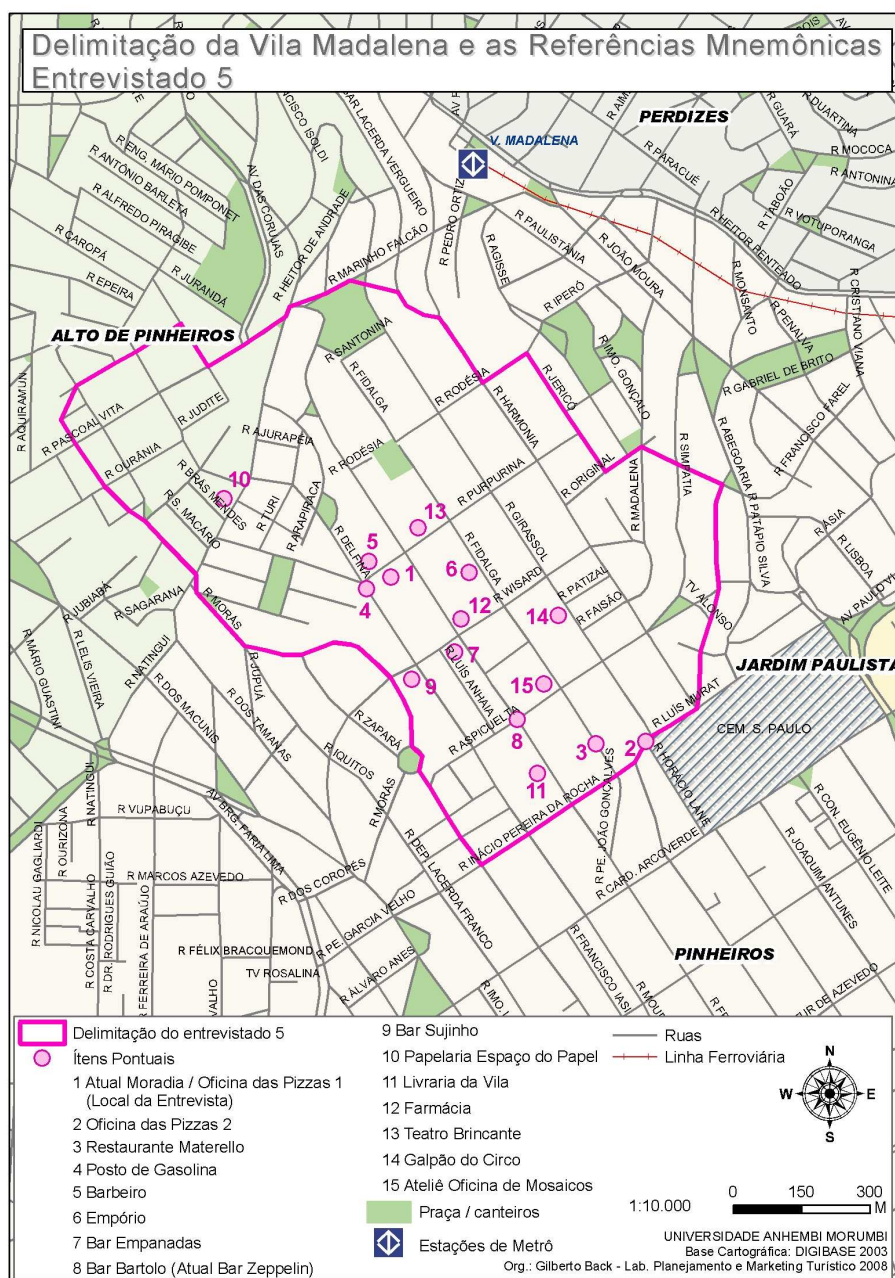
Vale lembrar que, conforme já colocado no capítulo teórico, a percepção mental apreendida pelos indivíduos que compartilham situações semelhantes no tempo e no espaço, tendem a formar imagens semelhantes ou muito parecidas, o que justifica os mapas de Marco e José Luiz se aproximarem tanto do mapa do entrevistado 1 (João) no que diz respeito às percepções mnemônicas.

José Luiz identificou o nome de dois novos bares, o Sabiá e o Paróquia. Ressaltou que apesar de serem bares recentes, possuem uma identificação maior com a Vila Madalena se comparado com os bares da Rua Aspicuelta. Também citou o restaurante Soteropolitano que, segundo ele, possibilita o encontro dos moradores, ex moradores e amigos frequentadores antigos do Bairro da Vila Madalena, principalmente nas tardes de sábado e na primeira terça-feira de cada mês quando há um evento com música ao vivo.

Um detalhe interessante é que diferentemente dos demais entrevistados que citaram a Feira da Vila, José Luiz foi o único a reconhecer a importância do evento. Em geral, os depoentes teceram muitas críticas, identificando a descaracterização da Feira ao longo dos anos e assumindo até mesmo certo desprestígio ao que é hoje um dos maiores e mais famosos eventos de rua da cidade.

Assim como Marco (entrevistado 3) citou a Tatu Filmes como parte da história da Vila Madalena.

O mapa do entrevistado 5, Vitor, segue com a devida análise.



Mapa 9 – Entrevistado 5 – Vitor

Fonte: Base Cartográfica DIGIBASE 2003, organizado por Gilberto Back. Laboratório de Planejamento Turístico da Universidade Anhembi Morumbi.

Vitor possui três estabelecimentos do setor de alimentação, sendo duas pizzarias de mesmo nome “Oficina das Pizzas”, um restaurante, o “Materello”, além de uma papelaria “Espaço do Papel”. Portanto, suas referências estão concentradas próximas aos seus estabelecimentos, já que, segundo ele, não possui o hábito de sair pela Vila Madalena.

A principal particularidade é que Vitor foi o único entrevistado que citou lugares como o barbeiro, o posto de gasolina, o empório e a farmácia, ou seja, que fazem parte da rotina, do dia-a-dia.

Também foi o primeiro entrevistado a inserir parte do distrito Alto de Pinheiros na área que considera como Vila Madalena. Os entrevistados anteriores, não o fizeram. A Vila Madalena ficou tão e somente no distrito de Pinheiros.

Vitor também citou os bares mais antigos da Vila Madalena como o Bartolo, o Sujinho e o Empanadas apenas enquanto referência histórica, já que nunca costumou freqüentá-los.

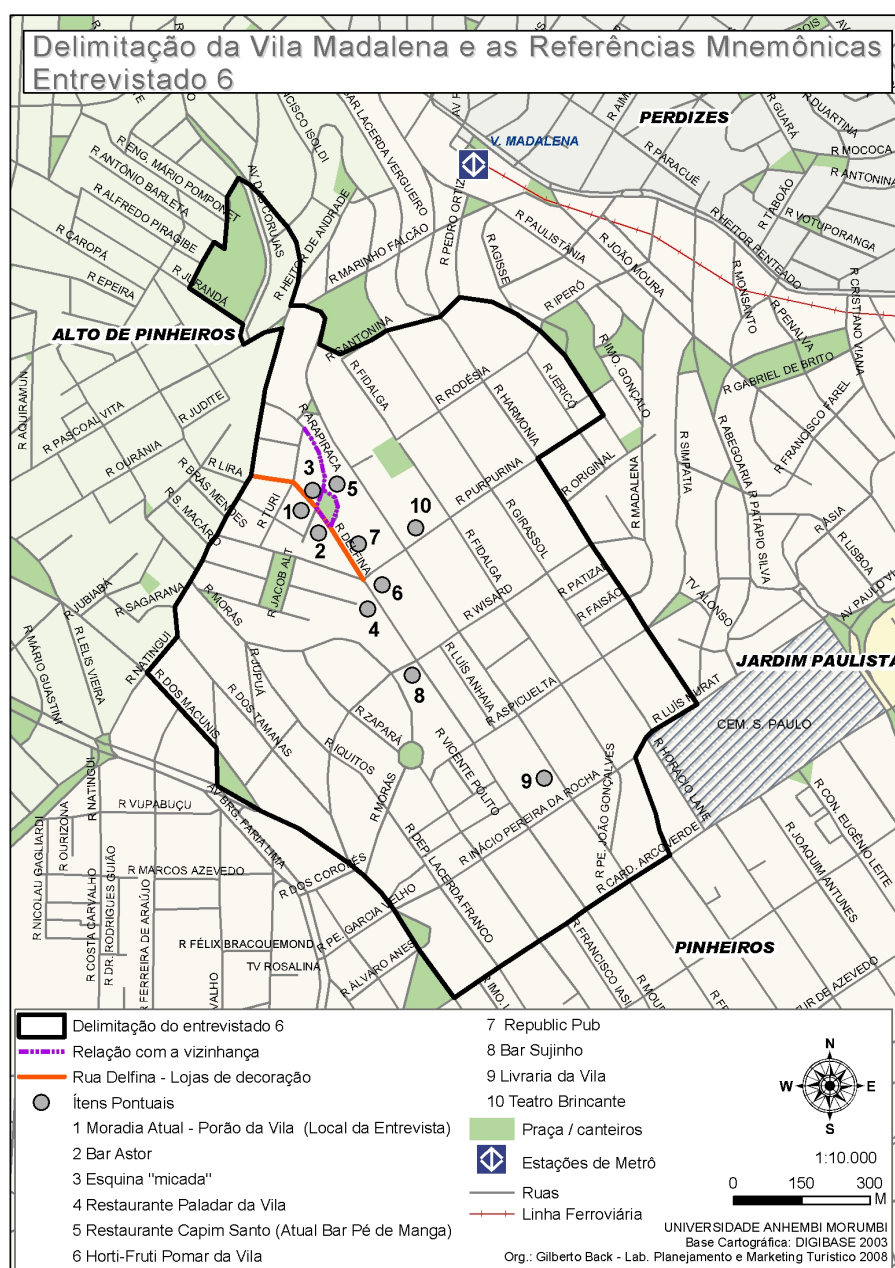
O Galpão do Circo e o Teatro Brincante apareceram enquanto opção cultural na Vila Madalena. Vitor foi muito incisivo em seu discurso quando colocou de maneira positiva a existência dos espaços culturais, lojas, ateliês e até restaurantes, entretanto, fez muitas restrições aos bares. Sua justificativa foi que pelo fato dos usuários deste tipo de comércio não respeitar os moradores, fazendo barulho, provocando trânsito, entre outros problemas gerais.

Quanto a Livraria da Vila, Vitor a destaca enquanto diferencial, mesmo reconhecendo que o estabelecimento mudou muito desde o seu surgimento.

Por exemplo, acho uma coisa importante para o bairro é a livraria da Vila. Era uma portinha [...] Foi um negócio construído [...] Eu acho que alguma coisa, como a Livraria da Vila, no começo era uma coisa alternativa, pelo menos que fugia um pouco do esquema tradicional. E na Teodoro Sampaio tinha a Siciliano, Saraiva. Eu acho que eles já eram uma coisa diferente. Hoje você talvez já não possa mais dizer que é alternativo, mas ainda é uma livraria diferente (VITOR).

O ateliê Oficina de Mosaicos apareceu em seu depoimento pelo fato de Vitor fornecer um tipo de material para o estabelecimento. Conforme já mencionado, seu discurso apareceu quase sempre de forma individual. O entrevistado tratou do seu dia-a-dia, e de suas vivências no bairro sempre de uma forma mais particular, se aproximando mais, quem sabe, do discurso de Hector.

A seguir, o mapa com a devida análise da entrevistada 6, Josefina.



Mapa 10 – Entrevistada 6 – Josefina.

Fonte: Base Cartográfica DIGIBASE 2003, organizado por Gilberto Back. Laboratório de Planejamento Turístico da Universidade Anhembi Morumbi.

O mapa de Josefina, assim como o de Vitor, também apresenta a peculiaridade de pertencer quase que somente ao distrito de Pinheiros, entretanto, com uma pequena parte no distrito de Alto de Pinheiros. Aqui, mais precisamente, a entrevistada incorporou o Córrego das Corujas.

Seus itens pontuais estão preferencialmente na Rua Delfina, onde a depoente mora e estabelece sua relação de vizinhança. Em sua rua, portanto, estão as lojas de decoração, o bar Astor, o *Republic Pub* e a esquina “micada”.

A tal esquina “micada” identificada por Josefina, fica exatamente em frente a sua casa e se refere a um espaço onde já passaram três estabelecimentos, e nenhum obteve sucesso.

Essa esquina ta micada, viu? Diz a moradora mais antiga aqui do bairro que a mãe do moço aqui da esquina é que amaldiçoou a esquina do filho, por causa do filho. Isso diz a lenda! Coisa gozada porque, de repente, já veio o Magenta, já veio o Bier Bier que é maravilhoso e foi embora, e o Veredas também estão fazendo assim: uma lousinha na frente com Buffet de saladas e grelhados por R\$ 15,00, certo? Então também não ta dando lá muito certo (JOSEFINA).

Josefina em seu depoimento afirmou sua liderança nos movimentos para minimizar os problemas causados decorrentes do excesso de bares na Vila Madalena. Entretanto, depois de algumas conquistas, ela se permitiu freqüentar, ainda que esporadicamente, o bar Astor que fica muito próximo a sua casa. “O bom mesmo é o Astor que tem sua clientela fixa, uma clientela mais fina, mais educada. Bom, de certa forma, nós tivemos sorte assim”. A referida sorte se justifica pelo fato de ser um público mais velho e que, segundo ela, faz menos barulho.

O *Republic Pub* foi destacado apenas como um local de público mais jovem, mas que pelo estilo do estabelecimento, não chega a causar tanto incômodo na vizinhança, já que o local é fechado e possui acústica própria para minimizar os efeitos do som.

O restaurante Paladar da Vila foi identificado como ponto de encontro dos moradores da Vila Madalena durante os almoços de sábado, e o ex restaurante Capim Santo que mudou de endereço dando lugar ao bar Pé de Manga foi citado como o início dos conflitos entre estabelecimento e vizinhança, gerando a organização dos moradores.

O Horti-Fruti Pomar da Vila foi lembrado em virtude de possuir uma pastelaria onde Josefina encomenda pastéis para os encontros promovidos em sua casa, no Porão da Vila.

O Bar Sujinho foi lembrado apenas por uma questão histórica e a Livraria da Vila, assim como o Teatro Brincante foram identificados enquanto opção cultural na

Vila Madalena. Josefina concorda com Marco (entrevistado 3) e Vitor (entrevistado 5) que seria muito melhor se a Vila Madalena desenvolvesse mais seu lado cultural do que boêmio.

4.1 Resultados e Discussões

A análise das entrevistas inicia-se a partir das três seções sugeridas e já explicitadas no capítulo anterior.

Na primeira seção verificou-se que somente a entrevistada Josefina não tinha qualquer referência acerca do bairro quando se mudou. Todos os entrevistados possuem uma relação estabelecida não só de moradia, mas de convivialidade e uso nas horas de lazer. Metade dos depoentes possui ainda relação de trabalho com o Bairro.

Uma das causas possíveis para justificar o congestionamento de carros durante o dia foi o fato de dois dos entrevistados identificarem a Vila Madalena como um bairro de passagem, ou seja, uma opção de caminho às principais vias. Deve-se lembrar que há uma população flutuante que também interfere nesta questão, tanto de dia quanto de noite, ou seja, são as pessoas que trabalham e usufruem do comércio do Bairro. De dia, a Vila é caracterizada pelos ateliês, lojas de grife, restaurantes e comércio em geral, e de noite pelos bares e vida noturna.

Na segunda seção, de acordo com os depoimentos prestados, os informantes identificaram a mudança no perfil do morador, principalmente pela valorização e elitização do Bairro. O bairro verticalizou e em geral, os prédios são construídos para uso residencial. Ainda assim, não houve o aumento populacional, quer seja pelo fato das famílias hoje, principalmente nas classes abastadas, serem menos numerosas, quer seja pelo aumento do comércio no Bairro. Muitas das casas mais antigas foram vendidas pelos herdeiros e transformadas em ateliês, boutiques, bares, enfim, estabelecimentos comerciais.

Pode-se dizer que a Vila Madalena de hoje é um bairro jovem, principalmente pelo tipo de público freqüentador. Quanto ao novo morador, parece seguro dizer que são pessoas com alto poder aquisitivo, já que a valorização do Bairro é crescente.

Ainda há casas bem populares na Vila Madalena, que se misturam com residências mais elitizadas, entretanto, apenas um resquício. As relações de vizinhança também mudaram, porém ainda há pontos de encontro e sociabilidade, tanto dos moradores quanto de ex-moradores que mantiveram o hábito de freqüentar o bairro.

Os moradores tendem a fazer uso principalmente dos bares mais antigos e demonstram certa repulsa aos novos estabelecimentos que chegaram com muitos aparatos atraindo um público de fora e “de balada”, com perfil distinto dos “madalenos”.

O morador não vê com bons olhos a quantidade exacerbada de bares, devido principalmente ao barulho e aumento da violência como causa. Ressalta-se que não foi possível obter dados oficiais sobre a violência no Bairro, e por isso não foram trabalhados aqui, uma vez que tais informações são confidenciais e, portanto, não podem ser publicadas. Mas sabe-se que é uma reclamação contínua dos moradores, principalmente no que diz respeito aos casos de furto e roubo de carros. Por outro lado, a existência do comércio diurno é considerada de forma positiva para o morador já que há relação direta com a valorização do Bairro e, portanto, dos imóveis.

Na terceira seção, foi possível observar que a verticalização de fato é o item mais aparente nos discursos dos entrevistados quando questionados acerca das principais transformações, mas a descaracterização do Bairro de uma forma geral também se mostra de forma recorrente. A Feira da Vila sofreu críticas consideráveis embora haja um consenso de que é um evento significativo não só para o Bairro, mas para a cidade, de uma forma geral. Dentre os itens pontuais mais lembrados pelos moradores estão os bares Empanadas e Sujinho por sua relevância histórica, a Livraria da Vila, a Feira da Vila, e a Rua Aspicuelta pela quantidade de novos bares ali estabelecidos.

Quanto a algo que tenha dado projeção ao Bairro, pode-se dizer que não houve identificação de um fato isolado. É uma somatória de possibilidades que tornaram da Vila Madalena um bairro conhecido e visitado não só pelos moradores de outros bairros, mas por turistas que chegam à cidade.

As imagens construídas pelo senso comum foram quase que totalmente rompidas. O Bairro é boêmio, apenas no sentido comercial. Não é de esquerda e possivelmente nunca foi. Já foi mais artístico e intelectual. E hoje, já não há tantos

artistas ou estudantes morando. O aluguel ficou caro e, portanto, não há mais repúblicas. Os ateliês confirmam que a arte é presente no Bairro, mas o lado “alternativo” do passado certamente elitizou.

A maior parte dos entrevistados apresentou um olhar mais coletivo, ainda que hora ou outra tenham falado de suas experiências pessoais. Entretanto dois dos entrevistados se limitaram basicamente a sua história de vida e particularidades do seu dia a dia. Vale lembrar que a memória individual é resultado da memória coletiva, de forma que por mais que se queira, há incorporação do meio em que se vive na interpretação, ou seja, no modo de ver os acontecimentos. Também não se pode esquecer que a lembrança é uma espécie de reconstrução do passado com a ajuda de dados do presente. Lembrar é exercitar a memória, e dessa forma, ao recordar, o depoente parece reviver os acontecimentos. O fato é que ao narrá-los, alguns moradores se emocionaram, se divertiram e um deles quase chorou.

O que se conclui é que as transformações no Bairro são inúmeras e estão presentes por todos os lados. Nas edificações, no tipo de comércio, no novo perfil de morador, no aumento do número de carros que circula pelas ruas, nas relações de vizinhança etc. Mas há um consenso entre os depoentes. A Vila Madalena possui um charme especial que a difere, e até mesmo aqueles que mais a criticaram, sequer cogitam a idéia de deixar o Bairro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa objetivou confrontar a história da Vila Madalena, bairro localizado na zona oeste da cidade de São Paulo, com as representações e memórias de moradores selecionados. Assim, como objetivo geral, buscou-se identificar no Bairro em questão as marcas produzidas pelas transformações, quer sejam espaciais, sociais, econômicas entre outras, e o seu reflexo nas edificações e nos habitantes.

Com a pesquisa, observou-se que embora haja uma imagem construída da Vila pelo senso comum com o auxílio da mídia quanto ao seu caráter “alternativo”, e “de esquerda”, não corresponde com a visão dos depoentes quanto à sociabilidade do Bairro.

O processo de verticalização acelerado provocou a elitização e a mudança do perfil do morador. Parte das casas dos portugueses construídas nos primórdios da Vila Madalena, ou seja, início do século XX, foram e estão sendo demolidas, para dar espaço à construção de novos prédios destinados a uma população de alto poder aquisitivo. Outra parte dessas casas transforma-se nos mais variados tipos de comércio, propiciando a mudança de um Bairro residencial para comercial o que possivelmente é uma das justificativas para o decréscimo populacional verificado, embora ainda se conserve a função residencial.

Ainda é possível encontrar no Bairro algumas pequenas vilas residenciais, mas em geral, não é o tipo de construção que vem sendo estimulado atualmente pelas incorporadoras imobiliárias. O caráter de bairro de “passagem” vem se acentuando cada vez mais, uma vez que a Vila Madalena se apresenta como opção de caminho às principais vias da cidade entre uma região e outra.

Há uma intensa população flutuante tanto durante o dia quanto à noite. De dia, pelo tipo de comércio existente como os ateliês de arte e lojas de grife, além dos restaurantes e comércio em geral. À noite há uma clara mudança no perfil dessa população tanto no que se refere aqueles que trabalham no Bairro, quanto pelos freqüentadores, em virtude principalmente dos bares e da agitada vida noturna.

Os entrevistados destacaram a descaracterização do bairro, sugerindo que hoje a Vila Madalena já não é mais um bairro tão *sui generis* como outrora. Foi usado até mesmo o termo *standard* para qualificar o novo morador, ou seja,

acredita-se que hoje são pessoas sem qualquer característica especial já que há uma concordância em dizer a Vila Madalena já foi mais artística e cultural pela própria presença de seus moradores mais antigos que eram formados por músicos, artistas, e cineastas. Alguns destes ainda permanecem no Bairro, mas muitos já se foram. Os que continuam, entretanto, não possuem mais o hábito dos encontros quase diários pelos bares mais tradicionais, tão comuns principalmente nos anos 80. Hoje, o único ponto de encontro dos “madalenos” – expressão utilizada por um dos entrevistados para definir os moradores mais antigos e, na opinião dele, mais autênticos ao bairro – é na feira de rua que acontece aos sábados.

Merece destaque o fato dos ex-moradores manterem o hábito de freqüentar a feira livre que acontece aos sábados, já que em uma cidade como São Paulo os pontos de encontro e convívio tornam-se cada vez mais escassos. Ressalta-se, portanto, que a relação de pertença desses ex-moradores com o Bairro pode ser considerada maior se comparada com a dos novos moradores. De resto, acredita-se que Vila vem sendo freqüentada basicamente por um público jovem, “de balada” e que na maior parte das vezes incomoda e cria certa hostilidade por parte de quem mora no bairro.

Quanto a um posicionamento político, embora exista um discurso de que a Vila Madalena é um Bairro de esquerda, e que é reduto de petistas, foi verificado por meio de dados oficiais não se tratar da realidade. Até mesmo por ser um Bairro de elite, há uma posição mais conservadora comum aos outros bairros de mesmo extrato social e da cidade de São Paulo como um todo.

Quanto à boêmia, pelo fato dos inúmeros bares instalados no Bairro, não há como dissociá-lo desta imagem, entretanto, há uma concordância de que não é a mesma boêmia de outrora, onde os moradores freqüentavam com assiduidade os mesmos bares de sempre, estabelecendo uma convivialidade nestes espaços. A boêmia de hoje é encarada como comercial, ou seja, há uma quantidade de bares considerada abusiva por parte dos moradores e que atraem um público esporádico, de fora do Bairro, com perfil completamente distinto dos moradores da Vila Madalena. O bar Olivia foi considerado como marco dessa mudança já que se tratava de um bar pretensioso para os parâmetros e moradores da época. No mesmo local onde funcionou o Olivia, na esquina da Rua Mourato Coelho com Rua Aspicuelta hoje funciona o Bar Posto 6. Destaca-se que absolutamente todas as esquinas ali, assim como a Rua Aspicuelta, principalmente entre a Rua Mourato

Coelho e a Rua Fradique Coutinho, possui a maior quantidade de bares da Vila Madalena o que a faz ser considerada como um local sem identidade, pelo estilo comum de todos os estabelecimentos ali instalados.

Embora tenha sido abordado o aumento da criminalidade no Bairro, não foi possível acessar dados oficiais capazes de identificá-lo. São dados confidenciais e que, portanto, não podem ser divulgados ou publicados sem expressa autorização dos órgãos competentes. Entretanto, há reclamação entre os moradores no que se refere aos furtos e roubos de carros, principalmente.

As relações de vizinhanças possivelmente mudaram, mas seguramente este não é um fato isolado da Vila Madalena, principalmente em função dos novos tempos em que as pessoas realmente se sentem mais retraídas em suas próprias casas.

Tanto a Feira da Vila quanto a novela que carregou o nome de Vila Madalena podem ser consideradas como fator de projeção do Bairro, ou seja, que a tornou conhecida, entretanto, não se trata de uma unanimidade entre os entrevistados, o que requer maior zelo na análise. A novela certamente divulgou o Bairro uma vez que foi exibida em rede nacional pela mais importante emissora televisiva do país, mas há o posicionamento de que a referida novela em nada ou “quase” nada teve relação com as características do Bairro. Quanto a Feira da Vila, trata-se de um dos maiores eventos de rua da cidade e que, portanto, ainda que tenha sido alvo de críticas entre os depoentes, há que se reconhecer a sua importância.

O metrô Vila Madalena praticamente não foi citado nas entrevistas. Há uma concordância que devido a sua localização distante do “miolo”, em nada refletiu na vida do Bairro, pelo menos de uma forma mais direta.

É provável que a Vila Madalena hoje já não ofereça mais um diferencial como em outras épocas. A maioria dos entrevistados sugere que a Vila se tornou um bairro comum como qualquer outro. Entretanto, é possível constatar algumas contradições durante os discursos já que havendo preocupação com a perda do charme e da identidade pressupõe que ainda exista e, portanto, não perdeu. Além do fato de alguns dos entrevistados embora afirmarem que não há mais diferença entre a Vila Madalena e outros bairros da cidade, e imprimirem inúmeras críticas ao Bairro, não possuem qualquer pretensão de deixá-lo.

Desta forma, parece haver um claro confronto entre a imagem produzida pela mídia, e de certa forma, pelos interesses da especulação imobiliária sobre o bairro, e

a fala dos moradores, sobre o "glamour" do bairro e seu caráter alternativo e pacato. O que parece evidente é um certo saudosismo na fala dos moradores, com relação a uma vivência já ultrapassada no Bairro e a manutenção de pontos de convivência dos antigos moradores.

E no intuito de mostrar uma interface desta pesquisa com a Hospitalidade, pode-se dizer que são inúmeras as questões aqui levantadas tanto em relação ao morador que vê sua sociabilidade comprometida no momento em que a Vila Madalena deixa de ser tão bucólica e se torna um lugar de show, tanto pela novela ou até mesmo pela Feira da Vila que acaba por atrair uma multidão de pessoas, quanto pelas relações de troca estabelecidas entre moradores, visitantes e proprietários dos diversos estabelecimentos do Bairro.

Estudar a Vila Madalena, portanto, possibilitou recuperar não somente o que o Bairro é para os moradores, mas o bairro real, o porquê de sua existência, ou seja, porque ele sobrevive, o que o mantém vivo, mesmo com uma imagem construída pela mídia, ou pela especulação imobiliária.

Ressalta-se que por opção, evitou-se nesta pesquisa esmiuçar qualquer conceito de Hospitalidade ou Hospitalidade Urbana, mesmo fazendo parte do Programa de Mestrado em Hospitalidade, por reconhecer o quão incipientes ainda são os estudos mais localizados, capazes de esclarecer o que é a Hospitalidade, ou ainda, acreditando não haver uma Hospitalidade Urbana ideal, de modo que os critérios exigidos para que se possa considerar uma cidade como hospitaleira não refletem necessariamente a visão de uma sociedade, mas apenas uma expressão ainda em construção.

Considerando que a cidade é decodificada de acordo com o modo de vida e repertório do morador, o presente estudo buscou uma experiência urbana rica em histórias e lembranças e, acima de tudo, baseada na experiência produzida pelo lugar como contribuição para futuras investigações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFONSO, Décio Justo. *Vila Madalena: história, fatos e fotos*. São Paulo: Nativa, 2002.

ALVES, Rubem. *Filosofia da Ciência: Introdução ao Jogo e a Suas Regras*. 8ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

ARAUJO, Marivânia Conceição. *O bairro Santa Felicidade por ele mesmo, espaço urbano e formas de representações sociais, em Maringá, Paraná*. Tese de Doutorado em Sociologia. Araraquara: UNESP, 2004.

ARRUDA, Teoria das representações sociais e teoria de gênero. Caderno de Pesquisa. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, n. 117, Nov. 2002.

BANNWART, Cristina Figueiredo. *Hospitalidade e Convivialidade: documentos particulares de uma família suíça no interior paulista (1945-1950)*. Dissertação de Mestrado em Hospitalidade. São Paulo: Universidade Anhembi Morumbi, 2007.

BAUER, M. W; GASKELL, G. *Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: um manual prático*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BERGSON, H. *Matéria e Memória* – Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BÓGUS, Lucia. *Como Anda São Paulo*. Cadernos MetrÓpole Desigualdade e Governança. N. Especial, Editora PUC SP, 1. Sem. 2004.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CAPARELLI, Márcia. *Identidade e Hospitalidade em Questão: um olhar sobre Uberlândia, MG*. Dissertação de Mestrado em Hospitalidade. São Paulo: Universidade Anhembi Morumbi, 2005.

CARVALHAL, Juliana Pinto. *Maurice Halbwachs e a questão da Memória*. Revista Espaço Acadêmico, nº 56, janeiro de 2006. Disponível em:

<<http://www.espacoacademico.com.br/056/56carvalhal.htm>>. Acesso em: 15 de fev. 2008.

COSTA, Gilmara Benevides. *A reconstrução social da memória e da história: um estudo etnográfico sobre Pedro Velho – RN*. MNEME – Revista de Humanidades, V.5, n. 12, out./nov.2004. UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Disponível em:<<http://www.seol.com.br/mneme>>. Acesso em: 10 de abr. 2008

DURKHEIM, Émili. *Sociologia e Filosofia*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1970.

FERNANDES, José Guilherme dos Santos. *Do Oral ao Escrito: Implicações e Complicações na Transcrição de Narrativas Oraís*. Revista Outros Tempos – UEMA - Universidade Estadual do Maranhão, vol. 02, p. 156-166, 2005. Disponível em: <http://www.outrostempos.uema.br/artigo12.doc>. Acesso em: 10 de abr. 2008

FLORA, Anna. *A República dos Argonautas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

FREIRE, Cristina. *Além dos Mapas: os monumentos no imaginário urbano contemporâneo*. São Paulo: SESC: Annablume, 1997.

FRÚGOLI JÚNIOR, Heitor. *Centralidade em São Paulo: trajetórias, conflitos e negociações na metrópole*. São Paulo: Cortez, 2000.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. São Paulo: Atlas, 1999.

GRINOVER, Lucio. *A Hospitalidade, a Cidade e o Turismo*. São Paulo: Aleph, 2007.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.

LAPLANTINE, François. *A Descrição Etnográfica*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

LE GOFF, Jacques. *Por amor às cidades*. 1ª. Reimpressão. São Paulo: UNESP, 1998.

_____. *História e memória*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1996.

LYNCH, Kevin. *A Imagem da Cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

LUCENA, C. T. *Artes de lembrar e inventar: (re) lembranças de imigrantes*. São Paulo: Arte & Ciência, 1999.

MAGNANI, José Guilherme C. (org). *Na Metrópole*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; FAPESP, 1996.

_____. *De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 17, n. 49 - São Paulo, junho de 2002.

_____. *Jovens na Metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade*. 1ª Ed. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. *Cidade e memória: cidades invisíveis*. Revista Outros Tempos – UEMA - Universidade Estadual do Maranhão, vol. 03, p. 197-209, 2006. Disponível em: www.outrostempos.uema.br/volumes/volume03/vol03art12.doc. Acesso em: 10 de abr.2008

PADOVANO, Bruno Roberto. *Legibilidade da Paisagem Urbana: o caso de Santo Amaro*. Tese de Doutorado, 1987, FAU – USP.

PETIT, Francesc. *São Paulo de bar em bar*. São Paulo, Siciliano, 1994.

PINÇON, M. e PINÇON CHARLOT, M. *Sociologie de Paris*, Paris: Éditions La Découverte, 2004.

POLLACK, M. *Memória e identidade social. Estudos históricos*. Rio de Janeiro, n. 10, 1992.

PORTELLI, Alessandro. *"Tentando aprender um pouquinho; algumas reflexões sobre a ética na História Oral"*. Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados e do Departamento de História da PUC, n.15. São Paulo: PUC, 1997.

ROSA, Silvia Costa. *1001 Ruas de São Paulo: guia sobre a história dos homenageados nas placas da cidade*. São Paulo: Panda, 2003.

SANTOS, Milton. *O Espaço do Cidadão*. São Paulo: Nobel, 1996.

SPOSITO, M.E.B. *Evolução urbana e segregação espacial. Semana de Estudos Geográficos: Urbanização Reflexos e Tendências. Anais XXVI*. Rio Claro: Caege/UNESP, 1996.

SQUEFF, Enio. *Vila Madalena: crônica histórica e sentimental*. São Paulo: Boitempo Editora, 2002.

VÉRAS, Maura Pardini Bicudo. *Trocando olhares: uma introdução à construção sociológica da cidade*. São Paulo: Studio Nobel: EDUC, 2000.

ZAOUAL, Hassan. *Nova economia das iniciativas locais: uma introdução ao pensamento pós-global*. Rio de Janeiro: DP&A: Consulado Geral da França: COPPE/UFRJ, 2006

APÊNDICE I - ROTEIRO DA ENTREVISTA

PARTE I – Objetivo da pesquisa, identificação do entrevistado e explicação quanto ao uso do mapa

Este projeto tem como um objetivo investigar as transformações ocorridas na Vila Madalena nas últimas décadas através de vários tipos de fontes, mas tendo como uma das referências principais a observação dos moradores. Para tanto contamos com a sua colaboração para atingir esse objetivo. Agradecemos a sua participação.

Identificação do entrevistado:

Nome:

Idade:

Estado Civil:

Profissão:

Endereço atual:

Endereços anteriores (na Vila Madalena ou em outros Bairros - o objetivo é avaliar se houve mudanças significativas. Se houve, explicar as razões):

PARTE II - Entrevista

1. Por que escolheu a Vila Madalena enquanto local de moradia?
2. Há pretensão de mudar-se do Bairro? Por quê?
3. Qual a relação estabelecida com o Bairro (apenas moradia, moradia e trabalho, convivialidade etc.)?
4. Qual o perfil do morador de ontem e hoje?
5. Como se dá a relação entre os moradores antigos e os novos moradores?
6. Como é a relação de vizinhança de ontem e hoje?
7. Como se dá a relação dos moradores com os visitantes?
8. Como você definiria o Bairro antes e hoje? (verificar se as mudanças são efetivamente significativas, quais são as principais mudanças, a partir de quando o bairro começou a mudar)
9. Há algum fato que deu maior projeção à Vila Madalena (um acontecimento, surgimento de algum empreendimento ou estabelecimento comercial etc.)? Detalhar.

10. Há uma imagem construída pelo senso comum que a Vila Madalena é um bairro cultural, boêmio, artístico, político (essencialmente de esquerda), alternativo, liberal e intelectual. Qual a sua opinião a respeito disso? Justificar.
11. Há algo que difere a Vila Madalena de outros bairros da cidade? O quê?

Parte III - A partir do mapa apresentado o entrevistado deverá:

- i. Definir (com o uso de uma caneta) a Vila Madalena e seus limites.
- ii. Identificar as principais ruas, espaços de uso, encontro e convívio.

O mapa poderá ser construído a qualquer momento (início, meio ou fim) da entrevista, assim como utilizado para qualquer explicação no decorrer da mesma, se o entrevistado assim o desejar.

Parte IV – Uso do mapa: algumas observações / Detalhamento e percepções sobre a entrevista

MAPA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar, como voluntário, em uma pesquisa. Após os esclarecimentos sobre as informações dispostas a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, composto por duas páginas. Uma via é sua e a outra é da pesquisadora. Em caso de recusa, você não será penalizado de forma alguma. Em caso de dúvida, você pode procurar o Conselho Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), Norma 196/9.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: Vila Madalena: imagens e representações de um bairro paulistano.

Pesquisadora responsável: Vanessa Pinheiro Dantas

Telefone para contato: (11) 8351-4009

A pesquisa objetiva colher as memórias de alguns moradores da Vila Madalena, no sentido de acessar as lembranças de fatos mais antigos, e assim verificar de que forma se constituem as representações dos moradores sobre o Bairro. Como objetivo amplo, pretende-se buscar na trajetória do Bairro em questão as marcas produzidas pelas transformações, quer sejam espaciais, sociais, econômicas entre outras, e o seu reflexo nas edificações e nos habitantes. Dessa forma, intencionando a produção de fontes orais, recorreu-se a coleta de depoimentos de moradores do Bairro que tenham fixado residência há pelo menos 20 anos e idade mínima de 50 anos, a fim de verificar o que sobrou da vida que eles conheceram, e compor a imagem da Vila Madalena.

A técnica utilizada envolve uma entrevista, com roteiro semi-estruturado, com duração média de 01h, com gravação apenas do áudio em MP3, em local escolhido pelo próprio entrevistado. Após o término da entrevista, a mesma será transcrita e analisada pela pesquisadora. Não há nenhum risco ou prejuízo causado por essa pesquisa.

Vanessa Pinheiro Dantas

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, _____,

RG/CPF _____,

abaixo assinado, concordo em participar do estudo Vila Madalena: imagens e representações de um bairro paulistano, como sujeito. Fui devidamente informado e esclarecido pela pesquisadora Vanessa Pinheiro Dantas sobre a pesquisa, e os procedimentos nela envolvidos. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade.

São Paulo, de de 2008

Assinatura